



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MARLAINE LOPES DE ALMEIDA

**O CLUB SPORTIVO FEMININO E AS FORMAS DE SOCIABILIDADE PARA AS
MULHERES DA ELITE EM ARACAJU (1919 – 1926)**

**Salvador
2017**

MARLAINE LOPES DE ALMEIDA

**O CLUB SPORTIVO FEMININO E AS FORMAS DE SOCIABILIDADE PARA AS
MULHERES DA ELITE EM ARACAJU (1919-1926)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior.

**Salvador
2017**

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Almeida, Marlaine Lopes de.

O Club Sportivo Feminino e as formas de sociabilidade para as mulheres da elite em Aracaju (1919-1926) / Marlaine Lopes de Almeida. - 2017.

142 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2017.

1. Mulheres - Sociedades e clubes. 2. Mulheres de classe alta. 3. Mulheres - Socialização. 4. Mulheres - Educação. 5. Esportes. 6. Club Sportivo Feminino. 7. Clubes esportivos. I. Rocha Júnior, Coriolano Pereira da. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 305.42098141 - 23. ed.

Marlaine Lopes de Almeida

**O CLUB SPORTIVO FEMININO E AS FORMAS DE SOCIABILIDADE PARA AS
MULHERES DA ELITE EM ARACAJU (1919-1926)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação,
Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora
em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura Corporal e Lazer

Salvador, 31 de julho de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Coriolano P. da Rocha Junior, UFBA
Orientador

Prof. Dr. Hamilcar Silveira Dantas Júnior, UFS
Examinado Externo

Prof. Dr. Carlos Ferreira da Cunha Junior UFJF
Examinador Externo

Prof. Dr. Augusto Cesar Rios Leiro, UFBA
Examinador Interno

Prof^ª. Dr^ª. Sara Martha Dick, UFBA
Examinadora Interna

DEDICATÓRIA

*À minha avó, Béia, Amélia Lopes de Almeida (in memória),
à minha mãe Valderci Almeida dos Santos,
à minha tia Ozana Nunes F. Almeida,
exemplo de mulheres fortes e sensíveis.*

AGRADECIMENTOS

*Eu conheço cada palmo desse chão
É só me mostrar qual é a direção
Quantas idas e vindas, meu Deus, quantas voltas
Viajar é preciso, é preciso
Com a carroceria sobre as costas
Vou fazendo frete cortando o estradão.*

Renato Teixeira.

Agradecer é sempre um ato sublime, as palavras nem sempre traduzem o imenso reconhecimento que sentimos por aqueles que compartilharam da nossa história. De forma singela, gostaria de enfatizar pessoas que protagonizaram este percurso e foram essenciais para o cumprimento de mais um rito nesta longa caminhada acadêmica.

Em especial, agradeço ao meu orientador, Prof^o Dr. Coriolano Pereira da Rocha Júnior, por ter me aceitado como orientanda; por ter acreditado que seria possível; por ter me indicado o caminho com competência, profissionalismo, seriedade e leveza; pelo trato cuidadoso e olhar refinado com o texto da tese e demais produções conjuntas. Valeu Cori! Pela confiança e parceria! Dizem que uma vez orientador, sempre orientador! Conto com isso!

Muito obrigada ao Prof^o Dr. Augusto Cesar Rios Leiro pela atenção; pela colaboração no incentivo acadêmico, e pela sensibilidade em momentos de decisões e atitudes acadêmicas.

Agradeço aos professores: Prof^o Dr. Carlos Ferreira da Cunha Júnior, Prof^o Dr. Augusto Cesar Rios Leiro e Prof^a Dr^a Sara Martha Dick, pelas contribuições no Exame de Qualificação, suas sugestões deram uma dimensão importante ao trabalho.

Agradeço aos professores da banca de seleção do doutorado: Prof^o Dr. Cesar Leiro, Prof^o Dr. Coriolano, Prof^o Dr. Emunuel e Prof^a Dr^a Maria Cecília, por terem aceitado minha pesquisa no programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia.

Agradeço ao Prof^o Dr. Hamilcar Silveira Dantas Júnior, que desde a graduação compartilhou do meu interesse por esta pesquisa, e que hoje me propicia a satisfação em contribuir, mais uma vez, na minha formação e na construção deste objeto de estudo. Obrigada Hamilcar pelo incentivo acadêmico.

Agradeço a FAPESB pela concessão da bolsa de doutorado, condição de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa.

Obrigada aos colegas do Grupo de Estudo Corpo, pelos momentos de atividade acadêmica e pela boa energia que sempre emanaram em nossos encontros;

Obrigada a todos os colegas do Grupo HCEL; gratidão especial às amigas Cida, Beth e Lígia, que confortaram meu coração em momentos difíceis.

Obrigada a todos os amigos que torceram por mim. De forma particular expresso minha gratidão a minha amiga-irmã Ezi Costa Ramos pelo carinho e atenção a mim dedicados, a seu esposo Fernando, e filhas Eiã e Naanda por terem me acolhido no conforto do vosso lar.

Por fim, Obrigada Deus, pela família que me concedestes, minha fortaleza e refúgio de paz, nela encontro forças e equilíbrio para seguir adiante.

EPÍGRAFE

SER MOÇA

Ser moça e ser bonita é dominar na farra
É ter sob seus pés a humanidade inteira
E em tudo que quiser na paz como na guerra
A vencedora ser na mundanal carreira

Ser moça e ser bonita é ser sempre a primeira
Entre as filhas que Deus nesse planeta encerra
É ter em cada olhar a luz clara que fagueira
Do sol, que aclara o mar e que ilumina a serra

Ser moça e ser bonita – oh! talismã sublime!
É vencer com o sorriso e cativar com o gesto
Ora espalhando o bem, ora causando o crime...

É ter supremo encanto e soberana graça
É vencer corações, si acaso, a passo lesto,
Por entre as multidões, de modo régio passa!...

(CORREIO DE ARACAJU, Julho de 1927).

RESUMO

Esta tese tem como objeto de estudo histórico o *Club Sportivo Feminino*, instituição que teve o período de existência entre os anos de 1919 a 1926, criada para possibilitar, as mulheres letradas em Aracaju, um espaço legítimo e autêntico para a convivência social no âmbito do divertimento dos clubes de elite da cidade. O objetivo foi analisar como a educação constituiu-se em um elemento de circulação, sociabilidade e condição de acesso das mulheres aos clubes dançantes, aos clubes esportivos e aos eventos e festivais esportivos em Aracaju, em um delimitado período do início do século XX. À luz do referencial metodológico da Nova História, o estudo está embasado nas prerrogativas dos historiadores da Escola dos *Analles*, conforme visto em Burke (1997, 1992), Le Goff (1984). A partir do referencial teórico metodológico seccionado vimos que é possível instrumentalizar-nos com os achados, conceitos e categorias que suportam informações capazes de reconstituir os processos efetivamente vividos. Para o aporte teórico nos apropriamos de conceitos e categorias de autores como Norbert Elias, Roger Chartier, Pierre Bourdieu, Jean François Sirineli, Peter Burke, dentre outros que dialogaram com nosso objeto ao longo da Tese. Para a fundamentação teórica essencial, nos valemos da categoria de Representação de Roger Chartier (1990), do conceito de Elites Culturais de Sirinelli (1998) e de *intelligentsia* de Burke (2003). Como fonte foram utilizados os jornais Correio de Aracaju, Jornal do Século XX, Sergipe Jornal e Diário da Manhã, arquivados no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, no Arquivo Público do Estado de Sergipe, na Biblioteca Epiphânio Dórea, e no Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura. Com a investigação proposta pudemos inferir que o *Club Sportivo Feminino* inaugurou novas formas de sociabilidade para as mulheres no âmbito público, que articulavam as representações da educação feminina com novos elementos característicos da vida moderna, como o esporte e a dança.

Palavras-chave: Educação, mulher, práticas esportivas, sociabilidade, *Club Sportivo Feminino*.

ABSTRACT

This thesis presents as an object of historical research the Club Sportivo Feminino, an institution that had a period of existence between 1919 and 1926, created to enable women scholars in Aracaju to be a legitimate and authentic space for social coexistence within the framework of entertainment of the city's elite clubs. The purpose is to analyze how education constituted an element of circulation, sociability and access condition of women to dance clubs, sports clubs and sports events and festivals in Aracaju-SE, in a determined period in the beginning of the 20th century. We use the methodological reference of the new history, based on the prerogatives of the Annales historians, as seen in Burke (1997, 1992), Carr (1996); Le Goff (1984). From this methodology we have seen that it is possible to instrumentalize ourselves with the findings, concepts and categories that support information capable of reconstituting the processes actually lived. As theoretical framework, we have appropriated the concepts and categories of authors such as Norbert Elias, Roger Chartier, Pierre Boudieu, Jean François Sirineli, Peter Burker, among others who spoke to our object throughout the thesis. For the essential theoretical foundation, we made use of the category of Representation of Roger Chartier (1990), the concept of cultural elites by Sirinelli (1997) and Burens' intelligentsia (2003). As a source, the newspapers "Correio de Aracaju, Sergipe Jornal, Jornal do Século XX and Diário da Manhã" were archived at the Historical and Geographic Institute of Sergipe, the Public Archive of the State of Sergipe, the Epifânio Dorea Library, and the Tobias Barreto Institute of Education and Culture. Within the proposed research, we could infer that the Club Sportivo Feminino inaugurated new forms of sociability for women in the public sphere, which articulated representations of women's education with new elements of modern life, such as sport and dance.

Key words: Education, woman, sports practices, sociability, Club Sportivo Feminino.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Foto da I Reunião da Federação Brasileira para o Progresso Feminino	37
Figura 2: Foto: Mulheres na praia de Atalaia em Aracaju na década de 1920	41
Figura 3: Foto: Vista aérea da cidade de Aracaju em julho de 1923.....	44
Figura 4: Foto: Vista aérea de aviões amerissados no Rio Sergipe, década de 1920	47
Figura 5: Foto: Bonde puxado a tração animal da década de 1920	47
Figura 6: Foto: Diretoria do <i>Club Sportivo</i> Feminino na gestão de 1921	76
Figura 7: Foto: <i>Club Sportivo</i> Feminino no <i>Ground</i> Adolpho Rollemberg, ano de 1920	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Mulheres que responderam positivamente ao convite para associarem-se ao <i>Club Sportivo Feminino</i>	71
Quadro 2: 1ª Diretoria do <i>Club Sportivo Feminino</i> – ano social 1919-1920	76
Quadro 3: 3ª Diretoria do <i>Club Sportivo Feminino</i> – 1921 – 1922	77
Quadro 4: 4ª Diretoria do <i>Club Sportivo Feminino</i> (1922 – 1923)	78
Quadro 5: 5ª Diretoria do <i>Club Sportivo Feminino</i> – 1923 – 1924	78
Quadro 6: Algumas mulheres que se associaram ao <i>Club Sportivo Feminino</i> após a fundação clube	80
Quadro 7: Time do <i>Club Sportivo Feminino</i> no ano de 1923 e 1924	85
Quadro 8: Time do <i>Club Sportivo Feminino</i> no ano de 1926	85
Quadro 9: Algumas senhoras associadas aos clubes recreativos dançantes Recreio Clube e Clube dos Diários no ano de 1919	97
Quadro 10: Algumas moças associadas aos clubes recreativo dançantes Recreio Clube e Clube dos Diários no ano de 1919	98
Quadro 11: Mulheres que compareceram ao baile do Recreio Clube dedicado ao <i>Club Sportivo Feminino</i> em 21 de agosto de 1926	123
Quadro 12: Mulheres na lista de comparecimento do baile do Recreio Clube do mês outubro de 1926	125
Quadro 13: Mulheres que compareceram ao baile do Recreio Clube em 29 de dezembro de 1926	128

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2 A CONDIÇÃO FEMININA NO INICIAR DO SÉCULO XX	25
2.1 A POSIÇÃO DA MULHER NO COMEÇO DO SÉCULO XX EM ARACAJU	31
2.2 OBSERVANDO O ANDAR DAS MULHERES.....	34
2.3 UM PASSEIO PELO DIVERTIMENTO.....	40
3 A CIDADE E A PROJEÇÃO DOS ESPAÇOS	44
3.1 ESPORTE PARA UMA VIDA MODERNA	49
4 APROXIMAÇÕES DAS MULHERES COM O ESPORTE EM SERGIPE.....	61
5 OS CLUBES DANÇANTES E AS FORMAS DE SOCIABILIDADE DOS BAILES..	91
5.1 OS BAILES DO CLUB SPORTIVO FEMININO	102
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	130
REFERÊNCIAS.....	135

INTRODUÇÃO

Como foram pensados e levados a efeito os modos de sociabilidade para mulheres letradas em Aracaju no período de 1919 a 1926? Essa é a problemática norteadora da investigação deste trabalho de doutorado, que amplia e aprofunda a monografia de conclusão de curso por mim apresentada no Departamento de Educação Física, da Universidade Federal de Sergipe, em 2004, intitulada “Práticas Esportivas em Aracaju no Início do Século XX: Um Estudo sobre a Participação da Mulher” (ALMEIDA, 2004).

A pretensão de ampliar e aprofundar uma pesquisa realizada no curso de graduação intenta preencher uma lacuna a respeito do entendimento sobre a socialização feminina em cenários públicos, sobre as formas de deslocamento, visibilidade social, circulação em espaços de lazer e divertimento, e sobre a participação das mulheres em práticas esportivas em Aracaju no início do Século XX, especificamente no período compreendido entre os anos de 1919 e 1926.

O que delimitou o marco temporal da pesquisa foi o período de existência de uma agremiação esportiva denominada *Club Sportivo Feminino* (CSF), instituição essa pensada e estruturada para oferecer especificamente às mulheres da elite aracajuana um espaço autêntico e legítimo para que estas pudessem desfrutar das benesses da vida moderna. Tal clube teve vida social identificada entre 1919 e 1926.

A razão de restringir o marco da pesquisa ao período de vida do *Club Sportivo Feminino* justifica-se pelo fato de ter sido um momento singular do século XX, na história de Sergipe, no qual as mulheres tiveram efetivamente a oportunidade de praticar esportes, organizar festivais esportivos e bailes dançantes, comemorar junto ao público masculino os resultados dos eventos das modalidades, além de poderem demonstrar nesses espaços seus talentos, habilidades artísticas e equidade intelectual.

A hipótese lançada para esta pesquisa é de que as mulheres letradas, na condição de pertencimento aos grupos de elite na cidade de Aracaju, fizeram uso da sua educação para reafirmar mais um passo rumo à aparição pública.

Os resultados da pesquisa trouxeram à tona um grupo de mulheres intelectuais, que, através de suas representações, firmavam sua presença em diversas dimensões sociais no início do século XX, como: educação, literatura, manifestações sindicais,

participação em eventos festivos e de cunho filantrópico, atividades esportivas, dentre outras práticas.

Diante das potencialidades das fontes encontradas, diversos objetos de estudos que versam sobre a figura feminina emergiram, despertando um interesse maior em estudar a relação entre educação, modos de sociabilidade e a presença das mulheres em espaços públicos.

Assim, lançamo-nos ao objetivo de analisar como a educação constituiu-se em um elemento de circulação e convivência social e condição de acesso das mulheres aos espaços de dança, os clubes dançantes, aos clubes esportivos e aos eventos e festivais esportivos em Aracaju, no início do século XX.

Para situar a mulher no âmbito da diversão, fez-se necessário compreender a posição das “moças de escola” e a importância da posse de diploma para as mulheres, como símbolo de *status* intelectual, requisitos para o acesso do público feminino a determinados espaços destinados à elite cultural em Aracaju, nas três primeiras décadas do século XX.

À luz do referencial metodológico da Nova História, o estudo está embasado nas prerrogativas dos historiadores da Escola dos *Annales*, conforme visto em Burke (1997, 1992), Carr (1996); Le Goff (1984). A partir da literatura selecionada vimos que é possível instrumentalizar-nos com os achados, conceitos e categorias que suportam informações capazes de reconstituir os processos efetivamente vividos. Assim, situamos o objeto de estudo em um tempo e espaço com características peculiares ao seu momento histórico, e com o cuidado de não cometer anacronismos, fazemo-nos valer do entendimento de Marc Bloch e Lucien Febvre, pioneiros do movimento do *Annales*, os quais contribuíram com a percepção de que as sociedades são construídas por tempos diferentes no interior do mesmo universo geográfico e humano.

Nesta perspectiva, comparar períodos diferentes, buscando respostas e soluções para sociedades em períodos diferentes, gera anacronismos, uma vez que não se podem compreender as épocas presas a estruturas fechadas. Pois, na perspectiva deste paradigma, o ofício do historiador começa pela análise do tempo, privilegiando o entendimento da duração dos fenômenos e da herança que atravessa as gerações, para assim constituir-se em legados, monumentos e fatos históricos.

Para o aporte teórico nos instrumentalizamos de conceitos e categorias de autores como Norbert Elias, Roger Chartier, Pierre Bourdieu, Jean François Sirineli, Peter Burke, dentre outros que dialogaram com nosso objeto ao longo da Tese.

Para a fundamentação teórica essencial, nos valemos da categoria de Representação de Roger Chartier (1990), do conceito de Elites Culturais de Sirinelli (1998) e de *intelligentsia* de Burker (2003).

Entendemos que cabe aqui antecipar a compreensão do significado de “representações” ao qual nos apropriamos neste estudo, o qual diz respeito ao:

... trabalho de classificação e de recorte que produz as configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais ‘representantes’ (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpetuada existência do grupo, da comunidade ou da classe (CHARTIER, 2002, p. 73).

Dessa forma, percebemos as representações, tais quais Chartier (2002) apresenta, como práticas que se moldam em um determinado espaço e são construídas a partir de um ideal coletivo ou individual, que por sua vez formam identidades sociais, e, portanto coletivas, resultantes das relações de forças impostas por aqueles que têm o poder de classificar, de nomear e definir padrões, normas, modelos sociais, culturais, políticos e educacionais.

por um lado, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; por outro, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecida; enfim, a delegação a representantes (indivíduos particulares, instituições, instancias abstratas) da ocorrência e da estabilidade da identidade assim afirmada (CHARTIER, 2002, p. 11).

É importante ainda salientar que nas representações, a forma de apropriação dos valores que são repassados para que sejam (re) produzidos não é sempre acomodada de forma passiva, pois, para Chartier (2002), seja em forma de submissão ou resistência, os indivíduos constroem suas próprias representações das estratégias simbólicas que determinam as posições.

Outro entendimento importante para este estudo foi o de perceber, que a partir da singularidade das representações coletivas, os indivíduos constroem configurações. Entendemos que por meio das atividades desenvolvidas no *Club Sportivo Feminino*, as mulheres buscaram representar a cultura esportiva e outras práticas de entretenimento em Sergipe, entretanto, a forma como esta cultura e estas práticas se configuraram em modos de sociabilidade é o que nos interessa como objeto de análise. Assim, vemos em Elias (2001), que:

a figuração/configuração permite perceber as relações entre indivíduo e sociedade, pois, na análise das figurações, os indivíduos singulares são apresentados da maneira como podem ser observados: como sistemas próprios, abertos, orientados para a reciprocidade, ligados por interdependências dos mais variados tipos e que formam entre si figurações específicas, em virtude de suas interdependências. [...] Na maior parte das vezes, as figurações que os indivíduos formam em sua convivência mudam bem mais lentamente do que os indivíduos que lhes dão forma, de maneira que homens mais jovens podem ocupar a mesma posição abandonada por outros mais velhos. Assim, em poucas palavras, figurações iguais ou semelhantes podem muitas vezes ser formadas por diferentes indivíduos, ao longo de bastante tempo; e isso faz com que tais figurações pareçam ter um tipo de 'existência' fora dos indivíduos. [...] aqui e agora, os indivíduos singulares que formam uma figuração social específica entre si podem de fato desaparecer, dando lugar a outros; entretanto, seja como for essa substituição, a sociedade, e com isso a própria figuração, será sempre formada por indivíduos (p. 51).

A análise das configurações possibilita compreender as ações e os modos de ser e estar dos indivíduos, a partir de uma análise minuciosa das inter-relações que mantém com outros, e, das formas como estruturam as suas representações.

Elias (2001) compreende as configurações/figurações como um componente necessário para se pensar a ação dos indivíduos em um determinado espaço. Esse processo se constitui através das relações estabelecidas entre os sujeitos por meio de uma crescente interação e dependência, construindo assim uma identidade coletiva. Esse emaranhado complexo dá origem às configurações que se concretizam e materializam-se através das práticas de indivíduos que compartilham do mesmo universo, criando necessidades e funções que propiciam aproximações desses sujeitos e sua conseqüente interdependência. Ainda Elias (2001) afirma que é justamente a diferenciação funcional dos indivíduos, que cria as necessidades recíprocas, o que faz estabelecer um equilíbrio de tensão nas relações sociais.

Em *Sociedade dos Indivíduos* (1994), Elias faz referência ao processo de individualização, como um fenômeno que torna as ações de um indivíduo indissociáveis das ações de um grupo maior, uma vez que existe uma relação mútua da interação entre a singularidade do indivíduo e a sua funcionalidade social:

Somente através de uma longa e difícil moldagem de suas maleáveis funções psíquicas na interação com outras pessoas é que o controle comportamental da pessoa atinge a configuração singular que caracteriza determinada individualidade humana (p. 55).

A individualização deve ser vista como um componente necessário para se pensar a ação dos indivíduos em um determinado espaço, entendida não como uma opção pessoal, subordinada a gostos, vontades e iniciativas, mas como uma ação racional com relação a fins e valores coletivos, isenta de qualquer agir afetivo ou tradicional, e entendida como aspectos da transformação social, que transcende o controle individual.

Assim, é possível traçar representações dos elementos constituintes da formação da cultura esportiva feminina e das práticas de divertimento no cenário social, no sentido de compreender o processo de individualização no qual estavam inseridos, a partir dos quais os indivíduos constituem as configurações.

Para Norbert Elias, as configurações têm uma força maior que a que é atribuída às ideias de representação, pois, estas são diferentes em cada cultura. Neste sentido é necessário estar atento à circularidade da cultura, no sentido de entender como estas representações são estruturadas para moldar uma determinada configuração, em cada cenário particular.

Partindo destes elementos teóricos essenciais, utilizamos como fontes os jornais: *Correio de Aracaju*, *Sergipe Jornal*, *Jornal do Século XX* e *Diário da Manhã*, arquivados no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, no Arquivo Público do Estado de Sergipe, na Biblioteca Epifânio Dórea e no Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura. Diante da busca exaustiva por periódicos que registrassem informações a respeito do nosso objeto de estudo, apenas nos jornais acima citados encontramos dados necessários para discorrer sobre o presente estudo.

A fase de levantamento dos dados desta pesquisa percorreu um longo caminho, desde a visita aos Arquivos Públicos no Estado de Sergipe, até os acervos pessoais localizados em outros Estados. O trabalho de coleta, seguido da montagem de quadros de fontes foi uma tarefa necessária para definir os rumos que tomariam

as análises do objeto. A partir desta organização foi possível visualizar as representações femininas em agremiações, assim como foi possível compreender a forma como os espaços configuraram-se para propiciar o acesso feminino aos ambientes de lazer, além de poder mapear a formação, atuação profissional e projetos sociais nos quais estavam engajadas algumas mulheres que acessavam os espaços de divertimento em Aracaju.

A atividade de encontrar informações em torno do nosso objeto não foi uma tarefa fácil, devido à escassez de fontes que apontassem pistas sobre algumas das agremiadas, principalmente pelo fato dos familiares não se encontrarem em Sergipe. Também não foi encontrado nenhum documento especificamente produzido pelo *Club Sportivo Feminino*, como atas de reuniões, estatuto, convites ou qualquer espécie de correspondência. Assim, tivemos que recorrer aos subsídios do método da pesquisa histórica, para interpretar as lacunas e omissões na imprensa periódica.

Durante a coleta de dados conseguimos localizar a documentação de duas agremiadas do *Club Sportivo Feminino*: Cesartina Régis (1890 – 1980) e Leyda Régis (1904 – 1999), cujos parentes tiveram o cuidado de preservar registros importantes sobre suas vidas. No marco temporal que abrangeu o estudo sobre o CSF, Cesartina Régis já era diplomada farmacêutica, atuava em diversas instituições sociais¹ e foi a principal representante da agremiação nas articulações de organização e estruturação do Clube.

Cesartina esteve presente na agremiação durante todo o tempo de existência do clube. Nos eventos promovidos sempre ocupava a posição de oradora representando a figura feminina da Instituição. No ato de inauguração do CSF posicionou-se ao lado do Almirante Aminthas José Jorge² e do Capitão dos Portos

¹ Sobre a trajetória de Cesartina Régis, consultar: ALMEIDA, Marlaine Lopes de. **Práticas esportivas em Aracaju no início do século**: um estudo sobre a participação da mulher. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe / Departamento de Educação Física, 2004. (Monografia de Licenciatura Plena em Educação Física); FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. A História da Educação em Sergipe e as mulheres diplomadas. In: **SEMANA DE HISTÓRIA**, 7., 2004, São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe – Centro de Ciências Humanas, Departamento de História, 2004. p. 131 – 141.; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Garimpendo registros, reconstruindo trajetórias**: mulheres sergipanas na Primeira República. Campinas: Faculdade de Educação/ Universidade Estadual de Campinas, 2001, (Exame de Qualificação).; LERMEN, Denise Maria. **A História de Cesartina Régis**: uma mulher à frente de seu tempo. Aracaju, 2003.94f, Monografia (graduação em Comunicação Social) Universidade Tiradentes.; PINA, Maria Lígia Madureira. **A mulher na História**. Aracaju: s.n.t. 1994.

² Sobre o Almirante Aminthas José Jorge, consultar: ALMEIDA, Marlaine Lopes de. **Práticas esportivas em Aracaju no início do século**: um estudo sobre a participação da mulher. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe / Departamento de Educação Física, 2004. (Monografia de Licenciatura em Educação Física). ; SIMÕES, Juliano. Almirante Amintas José Jorge. In: **Revista do**

Oscar Alberto Lins de Azevedo³, idealizadores do Clube. Sua irmã, Leyda Régis, não participou da sua fundação, todavia, seu nome apareceu posteriormente em manchetes esportivas e relatos de participação em práticas esportivas, eventos e festas ligadas ao clube.

Sobre Cesartina Régis, além das informações nos jornais e da documentação cedida pela família, foram encontrados estudos em torno da sua formação e história de vida, realizados por Pina (1994), Freitas (2002) e Lermen (2003), tornando possível a construção e análise do seu perfil biográfico. Quanto a Leyda Régis, desloquei-me para a cidade de São Paulo, a fim de localizar sua documentação e arquivos pessoais junto à família, residente nesta localidade. Com isso, tive acesso às cartas, diários, cadernos, poesias, novelas, discursos, recordações em torno das práticas educacionais do ensino profissionalizante, fotografias, dentre outras fontes.

A imensa quantidade e variedade de documentos encontrados sobre Leyda Régis no campo intelectual, educacional, religioso, literário, esportivo, e, do assistencialismo, fizeram-nos vislumbrar as potencialidades de uma investigação em torno de sua formação e suas práticas educacionais. Com isso, foi possível desenvolver, por meio de uma abordagem biográfica, a dissertação de Mestrado em Educação na Universidade Federal de Sergipe com o tema: “Leyda Régis: reminiscência de formação intelectual e atuação profissional em Sergipe”.

A investigação por meio de uma abordagem biográfica sobre Leyda Régis para a Dissertação de Mestrado foi uma escolha movida pela necessidade de compreender o perfil e alguns traços da história de vida de uma associada do *Club Sportivo Feminino*. Pois, Leyda Régis preenchia alguns dos requisitos desejados para o projeto de estudo: ser uma agremiada do clube, pioneira em diversas instituições de cunho educativo e social, e ainda por não ter sido estudada na perspectiva de um trabalho acadêmico, somando-se ao fato de ser a agremiada com maior quantidade de fontes localizadas, além de ter sido uma intelectual atuante, de reconhecimento e expressividade no cenário sergipano no início do século XX.

Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Nº 24. Edição Especial, 1960. Vol. XIX. p. 56.; Centenário do Almirante Amintas Jorge. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.** Nº 24. Edição Especial, 1960. Vol. XIX. p. 38-41. <http://www.cpse.mar.mil.br/meiocomandantes.htm> acessado em 1º de dezembro de 2003.

³ Sobre o Capitão dos Portos José Alberto Lins de Azevedo consultar: <<http://www.cpse.mar.mil.br/meiocomandantes.htm>> acesso:1. Dez. 2003.

No segundo semestre do ano de 2013, ingressei no doutorado do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, momento no qual retomei o suporte institucional para o desenvolvimento acadêmico do projeto, podendo contar com o apoio financeiro da FAPESB (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia).

Desta maneira a pesquisa foi tomando forma, materializando-se a partir da produção e divulgação de artigos em torno do objeto, apresentação de seminários e de rodas de discussões científicas sobre a História do Esporte; sobre as representações femininas em espaços públicos, e, sobre a noção de sociabilidade feminina a partir da participação em práticas esportivas e bailes dançantes.

Com tudo isso, para a escrita dessa Tese de Doutorado me vi motivada pelas inquietações que fizeram mover o presente objeto de estudo; o período historicamente marcado pelas transformações dos modos de ser e estar, no frenesi do início do século XX; a condição da aparição pública da mulher, e a sua inserção no universo das práticas corporais, assim como nos espaços de sociabilidade, que conferiram legitimidade e condição de pertencimento e, quiçá, ser um componente *sine qua non* para o significado da configuração de determinados âmbitos.

Entendemos que o estudo sobre a presença feminina nos espaços de sociabilidade, a partir da compreensão do uso que as mulheres fizeram da sua educação, traz uma contribuição relevante para o campo da Educação. Isto se dá pela possibilidade de investigar as relações sociais possíveis destas em Aracaju, a partir da formação escolar, condição para sua aparição no cenário público e nos ambientes de divertimento da cidade, no início do século XX.

Vidal e Carvalho (2001) ressaltam que, embora alguns estudos efetuados no campo da História e da Educação procurassem recuperar a história dos sujeitos do sexo feminino, de alguma forma o brilho das trajetórias femininas foi ofuscado pela leitura que enfatiza as diferenças e as particularidades a partir das construções simbólicas, em especial dos significados das relações de poder.

Um dos pontos mais afetados tange à forma de enfatizar a identidade e a cultura dos sujeitos, quase sempre distanciado da necessidade de estudar igualmente homens e mulheres. Este procedimento acaba reproduzindo processos de dissimulação da dominação masculina, no qual só as mulheres são percebidas como determinantes de gênero, enquanto os homens permanecem identificados como figura universal.

É possível perceber a corrida dos pesquisadores em busca de vestígios que possam dar visibilidade à figura feminina, não enquanto personagens que constituíram suas histórias de forma dissociada de um mundo masculinizado, mas como indivíduos que tiveram uma parcela importante na construção dos processos históricos sociais. A nova forma de perceber a história vem contribuindo neste sentido, permitindo ao pesquisador se instrumentalizar com os achados, conceitos e categorias que suportam informações capazes de reconstituir os processos efetivamente vividos. Este é um dos pontos em que se evidencia o interesse histórico pelos estudos das práticas femininas.

No âmbito acadêmico, os estudos que tem como foco a mulher, têm se evidenciado como um fenômeno cultural de grande aceitação, abrangência e visibilidade, constituindo-se importante tarefa no campo da pesquisa histórica da área de Educação no Brasil. Estudam sujeitos que pertenceram a diferentes épocas, variados contextos e foram de grande relevância no percurso da História e da Educação.

Um fato perceptível na maioria dos estudos que tratam da figura masculina é o vasto acervo em forma de registro de documentos institucionalizados em torno de suas práticas. No entanto, sobre as práticas femininas, os estudos apontam à dificuldade de encontrar os vestígios deixados pelos personagens em jornais e em arquivos institucionais. Alguns historiadores vêm recuperando as experiências das trajetórias femininas através dos indícios que foram preservados na intimidade dos lares e na memória daqueles que guardaram suas experiências em forma de registros, tais como imagens, documentos escritos, produzidas pelas próprias mulheres, como cartas, diários, cadernos de anotações, testemunhos e depoimentos.

A escassez de registros em torno das práticas femininas pode ser explicada pela resistência social com relação à aparição pública da mulher. Pois, ter acesso à escolarização formal, transitar no espaço público e almejar um lugar no mundo do trabalho, fora do ambiente doméstico, significava uma afronta aos moldes patriarcais conservadores e deveria a qualquer custo ser combatida.

Neste sentido, qualquer estudo que tenha como peça chave uma mulher precisa recorrer a vestígios e sinais que reconstituem “as pegadas”, como indica Ginzburg (1989). Instrumentalizando-se de artifícios, que, para os paradigmas tradicionais da pesquisa histórica, significa assumir uma postura arriscada.

De um modo geral, o desenvolvimento das pesquisas históricas tem apresentado algumas dificuldades, sobretudo no acesso às fontes, pois, a forma como estão dispostos os arquivos, por vezes, impossibilita a consulta pelo precário estado de conservação dos acervos, de maneira tal que, grande parte da documentação torna-se indisponível para a pesquisa devido à falta de condições de manuseio da mesma. Ao garimpar fonte sobre as mulheres, os problemas tornam-se maiores devido ao número restrito de dispositivos produzidos em torno das práticas femininas no Brasil e em Sergipe no período investigado. Essas dificuldades do pesquisador agravam-se, ao somarmos ao fato da perda de documentos e a falta de registro desses enquanto “monumento”.

Para Le Goff (1984), a nova concepção de documento, alargado para além dos textos tradicionais, e transformado, sempre que a história quantitativa é possível e pertinente, em dado, deve ser tratado como monumento. Processo no qual cabe ao historiador o ofício de criticar o documento e repensar o seu valor enquanto tal, reinterpretá-lo enquanto produto de uma sociedade e de uma época, assim como avaliar o seu uso e valor como documento e monumento. E só então, elaborar uma nova erudição, capaz de transferir este documento/monumento do campo da memória para o da história.

O monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, é uma herança do passado [...]. O monumento tem como característica ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado a memória coletiva, é o reenviar a testemunhos que só uma parcela mínima são testemunhos escritos (LE GOFF, 1984, p. 95).

Embora tenha havido o esforço de alguns agentes, no início do Século XX, com o intuito de legitimar e trazer a público as ações das mulheres, o que se torna claro é que as manifestações femininas configuravam-se como práticas de resistência. Daí a ausência de registros por parte das instituições, no sentido de reconhecer essas práticas e seus significados como monumento.

No caso da visibilidade das práticas que configuraram a atmosfera do *Club Sportivo Feminino*, foram possíveis devido ao entusiasmo de indivíduos de notório capital social, que se fizeram valer de seus prestígios nos meios de comunicação, para construir nos jornais uma imagem feminina delicada, intelectualizada, bem quista e requisitada nos ambientes de convívio social.

Neste sentido, tivemos o cuidado de desmistificar e desestruturar alguns conceitos pré-estabelecidos que estavam postos nos periódicos, como também olhamos para o problema das lacunas das informações durante o processo de investigação com a percepção de que não há ato desinteressado, como nos indica Bourdieu (1997). Identificamos que em alguns casos os dados estavam silenciados, entretanto, a dinâmica das representações do cenário esportivo e do próprio *Club Sportivo Feminino* revelavam as configurações que se estabeleciam.

Ao debruçarmo-nos na pesquisa sobre os modos de sociabilidade feminina, sobretudo, a partir da compreensão da configuração do CSF, examinamos os periódicos encontrados de forma cautelosa e minuciosa, uma vez que os jornais foram os principais registros escritos encontrados, como referência sobre o fenômeno estudado. Nesse aspecto foi levado em consideração um ponto crucial da pesquisa histórica, a respeito dos fatos encontrados nem sempre estarem dispostos da mesma forma como realmente aconteceram, pois, ao serem registrados foram modificados por interesses sociais que tentaram representar um modelo almejado. Para Bourdieu (1997):

Quando as representações oficiais daquilo que um homem é oficialmente em um espaço social dado tornam-se *habitus*, elas se tornam um fundamento real das práticas. Os universos sociais nos quais o desinteresse é a norma oficial, não são, sem dúvida, inteiramente regidos pelo desinteresse: por trás da aparência piedosa e virtuosa do desinteresse, há interesses sutis, camuflados, [...]. Se o desinteresse é sociologicamente possível, isso só ocorre por meio do encontro entre *habitus* predispostos ao desinteresse e universos nos quais o desinteresse é recompensado. Dentre esses universos, os mais típicos são, junto com a família, e toda a economia das trocas domésticas, os diversos campos de produção cultural, o campo literário, o campo artístico, o campo científico etc. (p. 152-153).

Assim, devemos ter em vista que os dados encontrados já foram interpretados de acordo com a ótica de quem os registrou, e portanto, sujeitos a modificações e alterações que movem um interesse pessoal e coletivo.

Ressaltamos o papel do historiador na sua estreita relação com os documentos, por entendermos que deve haver uma (re)significação dos fatos e dos sentidos conotados do que foi arquivado, necessitando de um manuseio, seleção, ordenamento, comparação e interpretação de quem faz a pesquisa, com o intuito de constituir seu objeto de estudo em um fato da História.

Dessa forma, buscamos em nossas análises encontrar as evidências dos fatos, e extrair as riquezas das informações neles contidas, identificando as inter-relações empreendidas nos discursos dos cronistas esportivos dos jornais consultados, e as configurações representadas por eles no espaço urbano.

Destarte, cumpriu, no sentido de aprofundar as reflexões sobre nosso objeto de estudo e de refinar as interpretações em torno dos achados históricos, adotar o que Nunes (1993) chamou de “uma prática discursiva”, que consiste tanto na volta do pesquisador aos arquivos, quanto no plano de ação que articula o apanhado e tratamento das fontes históricas à literatura selecionada, com o intuito de conferir o caráter de legitimidade a escrita do trabalho científico.

Quanto ao retorno do historiador ao arquivo, Nunes (1993) justifica-o pelo fato de esse arquivo conter

[...] informações inestimáveis (muitas vezes inéditas!), necessárias ao cotejo e crítica de informações provenientes de outras fontes e da própria historiografia educacional já produzida. Sem a pesquisa arquivista, essa historiografia, no limite, inexistente. Sucumbe ao risco de girar ao redor de ideias mal esclarecidas e de estereótipos cristalizados, que se produzem em artigos e livros. É evidente que a frequência aos arquivos não constitui por si só a solução para as dificuldades presentes na produção existente, já que a renovação da interpretação histórica exige também o debate sistemático no campo da historiografia e a enunciação e o aprofundamento de certas questões teórico-metodológicas (p. 26).

Visto os problemas apresentados para os estudos historiográficos, torna-se uma tarefa necessária ao historiador a busca de signos indiciários que lhe permita reconstruir os sentidos que ficaram no “tempo”, ou seja, reconstruir as informações ocultadas, os registros apagados e as práticas silenciadas.

Historiar sobre as mulheres tem sido um empreendimento legítimo, possibilitado pelo Movimento dos *Annales*, que optou referenciar o olhar para as tramas do cotidiano, em detrimento de uma racionalidade universal. E, em se tratando especificamente do universo feminino, a proposta da Nova História apresentou alguns desafios, um deles, o de encontrar uma identidade que marcasse a natureza e a experiência separadas da mulher.

Segundo Soihet (2011), a mulher não foi logo incorporada à historiografia pelos *Annales*, mas eles contribuíram para que isso acontecesse posteriormente. A terceira geração da escola dos *Annales* deu um passo significativo para o desenvolvimento de novos campos de estudo, como o da história das mentalidades e a história cultural.

Entretanto, foi em uma fase posterior, que alguns autores como Matos (2010), consideram como sendo a quarta geração dos *Annales*⁴, que houve uma contribuição mais consistente para avançar na abordagem do feminino.

Esta fase compreendida como a quarta do movimento, de acordo com Matos (2010), se iniciou a partir de 1988, passando a ser conhecida pelo termo “A Nova História Cultural”, apresenta a característica de estar mais interessada na investigação das práticas culturais e das representações e singularidades dos indivíduos. A abordagem centra-se na proposição de métodos de análise e reconstrução de temáticas que por muito tempo foram marginalizadas, tais como: a história das classes sociais, das mulheres, da infância, da sexualidade, do negro, dentre outros, privilegiando a forma de perceber os indivíduos a partir de suas posições.

Pudemos constatar uma diversidade de pesquisas que se dedicaram a analisar as representações femininas, as quais buscaram apreender na estrutura os modos através dos quais a sociedade atua no indivíduo. Tratar da história cuja temática tem como peça chave a figura feminina, tem sido um desafio, no sentido de fazer uma história total das mulheres, na qual se contemplem as grandes mudanças nos modos de ser e estar, que afeta de forma tangencial a história dos costumes e do processo civilizatório pelo qual passa a mulher em sua condição de sujeito histórico.

A nossa parcela de contribuição para uma parte da história que privilegia a mulher na trama do seu cotidiano, buscou construir um retrato histórico em torno de sua imersão na cena urbana de lazer, a partir da compreensão de como se configuraram os cenários de sociabilidade, no âmbito de um clube de esporte.

Assim, esta investigação pretendeu nos levar a compreensão da projeção de espaços e da criação de lugares que legitimaram a aparição pública da mulher num dado período, como também nos tentou nos possibilitar perceber a construção da visibilidade da figura feminina. Para tanto, abordamos cenários pensados para fomentar a sociabilidade, como: grêmios literários, salões recreativos, bailes palacianos, *grounds*, dentre outros espaços que intensificaram a vivência de práticas culturais.

Assim, apresentados os elementos introdutórios, passamos ao debate da tese em sua estrutura central, onde, num primeiro momento abordaremos as percepções acerca da condição feminina no início do século XX.

⁴ Sobre as fase e gerações da Escola dos *Annales* consultar, dentre outros: Matos (2010); Burke (1997); Dösse (1994).

2 A CONDIÇÃO FEMININA NO INICIAR DO SÉCULO XX

No cenário e período analisados, merecem atenção as significativas mudanças no comportamento e no modo de vida das pessoas, decorrentes de um crescente processo de urbanização e do surgimento de espaços de sociabilização, que, impulsionados pela modernidade, desencadearam um fenômeno que Sevcenko (1998) chamou de “mobilização permanente”. Essa mobilização significou um constante deslocamento dos indivíduos do âmbito privado para o público.

No início do século XX houve um número expressivo de mulheres letradas que fizeram uso racional dos acessos aos espaços de convivência social, como os clubes de dança, as associações esportivas, os grêmios recreativos, os salões de festas, os cafés, dentre outros, como tentativa de se firmar em sociedade. Nesses ambientes faziam demonstrações de habilidades, talentos e da capacidade de crítica política e social, através de suas composições, fazendo com que sua participação fosse bem quista e requisitada.

O incentivo a presença feminina nesses espaços revelava o desejo de conferir ao ambiente a “leveza, a ternura e a beleza”, pretensamente expressadas por elas, além do interesse pela apreciação de suas práticas. Já para as mulheres era uma chance de desfrutarem das benesses da vida moderna, de ocuparem locais pensados para o mundo masculino, uma conquista de direitos.

Como paradoxo a estes argumentos, vemos que por muitos anos a educação feminina foi projetada no sentido de formar mulheres aptas a cumprir a missão de esposa, mãe e dona de casa, introduzindo na sua formação as bases para cumprir, com efeito, aquilo que a sociedade imputou a este gênero, como vocação e destino.

De acordo com Almeida (2004a), no interior das províncias, as crianças aprendiam as primeiras letras juntas, depois o ensino tornava-se diferenciado, os meninos continuavam os estudos a fim de uma preparação que os tornassem homens de sociedade, e as meninas findavam sua preparação na aptidão para os serviços domésticos e os cuidados que deveriam ter com o marido e os filhos. As que eram encaminhadas para os conventos também eram preparadas para o casamento e lá aprendiam história sagrada, bordado, culinária, cuidados do lar, escrever, ler, contar, e, um pouco de latim, para acompanhar as missas. Onde quer que fosse o vilarejo, fazenda, casa ou convento, a instrução necessária para a mulher se resumia em

rudimentos de leitura, escrita, princípios religiosos, economia doméstica e trabalhos manuais.

Almeida (2004a) assevera que, terminada a instrução da mulher, sua responsabilidade não deveria se estender para fora do seu lar, porém, seria aceitável se fosse para cuidar de alguém ou ajudar em um parto. Essas atividades eram admissíveis se fossem realizadas como forma de doação e presteza, no entanto, proibida enquanto trabalho assalariado.

Ainda que os primeiros anos republicanos despertassem o desejo de liberdade nos indivíduos, refletidos em ações de emancipação humana, nos mais diversos setores sociais, a resistência a essas possibilidades ao público feminino estava muito presente e enraizada nos padrões culturais herdados do século XIX e presentes no XX. O lema republicano de liberdade e progresso não visava à independência social da mulher, menos ainda se isso ameaçasse romper com o poder patronal que as mantinham submissas às regras de conduta familiar e social.

A identidade feminina, resguardada entre vários segmentos sociais, era definida numa moldura cultural em que valores, normas, expectativas, imagens, regras, conceitos e preconceitos compunham o arcabouço social e determinavam os hábitos e costumes. Das mulheres esperava-se permanência no espaço doméstico, recato, submissão, o acatamento da maternidade como a mais elevada aspiração. Dos homens, a atuação no espaço público, no mundo do trabalho, na política, o exercício da liberdade, inclusive sexual, a incorporação dos atributos de proteção e autoridade (ALMEIDA, 2004a, p. 73).

Taranto (2011) corrobora com estes argumentos. Este, em seu estudo afirmou que a formação e a condição da mulher eram pensadas em vista do lugar que lhe era reservado em um dado período. Para o autor, o que se chamou por muito tempo de natureza feminina é uma mistificação engenhosa, produto de uma construção social por meio dos condicionamentos educativos e das restrições legais.

[...]. Os senhores das mulheres querem mais que a obediência, por isso desviaram em proveito de seu desígnio toda a educação. Todas as mulheres são criadas desde a infância na crença que o ideal de seu caráter é totalmente contrário àquele do homem; elas são instruídas a não querer por elas próprias, a não se conduzir segundo sua vontade, mas a se submeter e a ceder à vontade dos outros. (MILL, 1992, p. 13. *apud* TARANTO, 2011, p. 91).

Destarte, esses não eram valores ruins diante da configuração social em que viviam os sujeitos, ao contrário, refletiam o sentimento de realização pessoal, reforçados e aperfeiçoados por uma relação social obrigatória pela Lei, pela moral, pela tradição e pela religião.

Na concepção de Taranto (2011), a sujeição das mulheres constituía-se como o obstáculo maior da civilização. O autor afirma que para se ter um avanço substancial neste processo civilizador, seria necessário fazer a abstração da desigualdade física e de suas determinações biológicas. Para o referido autor (2011, p. 95) “A verdadeira ‘civilização’ é a desigualação, a priori, em que se esvanece a possibilidade das relações de força e onde começa por isso a liberdade”.

O século XX apresentou para a mulher um período muito marcado pelos avanços rumo à emancipação, mas também pela resistência, pois, algumas mulheres, embora desejassem a independência, depois de conquistada, ainda não tinham segurança do que iriam fazer com ela.

Mathias & Rubio (2010) em sua investigação “As práticas corporais femininas em clubes paulistas do início do século XX”, comungam com a reflexão de que a mulher do século XX vivia de certa forma, com suas aspirações freadas parcialmente, por sua condição de sujeito histórico em função da cristalização e da rigidez dos papéis sociais. Para estas autoras a mentalidade da época ainda alocava a mulher no “recôndito do lar”, cuja felicidade plena, condicionava as suas ações ao tripé “mãe - dona de casa - esposa”. Essa condição ganhou amparo legal com o Código Civil de 1916, o qual subordinava a mulher ao homem, legalizando uma dependência e subserviência que já era defendida com argumentos biológicos.

A Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916, do Código Civil dos Estados Unidos do Brasil, firmava o seguinte:

Capítulo I – das pessoas naturais, em seu Artigo 6º que, *são incapazes, relativamente a certos atos, ou a maneira de os exercer*, inciso I – “Os maiores de 16 anos e menores de 21; II - **As mulheres casadas**, enquanto subsistir a sociedade conjugal; III – os pródigos; IV – os silvícolas.

Capítulo II, que trata Dos Direitos e Deveres do Marido, determinava no Artigo 233º que “O marido é o chefe da sociedade conjugal, e compete-lhe, I - *representação legal da família*; II – **administração dos bens comuns e dos particulares da mulher** [...]; IV – **O direito de autorizar a profissão da mulher e sua residência fora do teto conjugal**.

Capítulo III – Dos Direitos e Deveres da Mulher, o Artigo 240º, que “A mulher assume, pelo casamento, **com os apelidos do marido**, a

condição de sua companheira, consorte e auxiliar nos encargos de família". E por fim, no artigo 242º que "A mulher não pode, sem autorização do marido", inciso VII- "Exercer profissão".

Em uma sociedade patriarcal, ainda que fossem expressivas as formas de resistência feminina rumo à emancipação, os indivíduos eram levados a acreditar que havia um mérito à submissão feminina, diante da qual a sociedade concorria para assegurar esta condição, não só pela força do fator biológico, mas pelo reforço do preconceito geral legitimado pela força da Lei.

Pois, de acordo com o Código Civil Brasileiro de 1916, a mulher não só era incapaz de certos atos, e ou a maneira de exercê-los, como também não tinham autonomia para administrar seus bens, nem tinham o direito de decidir por exercer profissão ou residir fora do teto sem autorização do marido. E seu reconhecimento social dar-se-ia por intermédio do nome de seu marido.

Em oposição a esta "tradição", algumas mulheres tentaram resistir às imposições da Lei, e adotaram posturas consideradas subversivas para sua época. Ana Chrystina Venâncio Mignot (2002), em "Baú de memórias, bastidores de história: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto (2002)", ilustrou, através da biografia de uma educadora, dimensões da história do movimento de renovação educacional no Brasil. Ao revelar a vida pública de Armanda Álvaro Alberto, Mignot (2002) chama atenção do leitor para as práticas sociais possíveis ao público feminino, as quais favoreciam sua emancipação por meio, principalmente, da atuação educacional. Segundo a autora, Armanda inovou ao adotar posturas diferenciadas como, por exemplo: não assumir o sobrenome do marido no casamento; aderir a manifestos feministas e defender publicamente seus posicionamentos políticos.

Em seu texto Mignot pontua a importância de Armanda Álvaro Alberto ter sido

[...] uma pioneira que enfrentou provas, obstáculos, desafios. Envolveu-se com as questões de seu tempo. Mergulhou no magistério, no movimento feminista, no debate político com paixão. Conservou do velho entusiasmo pela educação a crença na escola como direito de todos, mesclando ao otimismo proveniente do conhecimento científico sobre crianças que se traduziu numa forma diferente de trabalhar com elas (MIGNOT, 2002, p. 324).

Esses e outros elementos revelam práticas de resistência aos "modelos femininos" defendidos na época e a conquista de visibilidade nos espaços públicos. Outro fato importante que a autora mostra é a necessidade de compreender que as

opções de sua biografada foram possíveis devido a sua formação e *status* familiar que ocupava na sociedade.

Freitas (2003) em sua tese doutoral “Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX”, tendo como objeto de Estudo a trajetória de vida de três sergipanas: Quintina Diniz, Maria Rita e Ítala da Silva, analisou o processo de educação feminina, inserção no mercado de trabalho e a ocupação pioneira das mulheres em diferentes espaços públicos em Sergipe na passagem do século XIX para o século XX.

A autora buscou compreender as configurações nas quais suas personagens estavam inseridas, as resistências que construíram, as relações que estabeleceram e as marcas que deixaram. No seu trabalho, Freitas (2003) mostra as expectativas de formação construídas pela família e pelas instituições escolares por onde as três personagens passaram, investiga como as sergipanas selecionadas buscaram romper com os limites socialmente impostos para sua escolarização; interpretou as diferentes estratégias mobilizadas por cada uma das três sergipanas no campo profissional, com o intuito de compreender as atividades públicas que desenvolveram e a forma como são lembradas, silenciadas ou esquecidas.

Também Freitas (2003) constatou que as jovens sergipanas frequentavam escolas particulares e recebiam uma formação para o casamento e as atividades domésticas. Aprendiam línguas estrangeiras, música, pintura e trabalhos manuais, aquelas que não tinham respaldo econômico familiar não iam além de sua formação primária. Todavia, as três personagens de seu trabalho foram mulheres que transcenderam essa formação, devida sua condição familiar e trajetória social. Pode constatar que apenas as mulheres instruídas poderiam ocupar cargos relevantes na administração pública, elas tiveram acesso a uma escolarização mais ampliada para exercer direitos políticos e civis.

Santos (2006), em sua dissertação “O celibato pedagógico feminino em Sergipe nas três primeiras décadas do Século XX: uma análise a partir da trajetória de Leonor Teles de Menezes”, analisa o percurso pessoal e profissional da professora Leonor Teles de Menezes para compreender os discursos (de Helvécio de Andrade e Rodrigues Dória – chefes de estado) em relação ao celibato pedagógico feminino. Por meio de uma pesquisa histórico sociológica, usando o método da história de vida inacabada ou resumida, a autora faz uma retrospectiva da condição feminina na

sociedade no período estudado, para assim entender como se deu a formação e profissionalização das professoras.

O estudo realizado por Santos (2006) nos convida a refletir sobre as resistências femininas no início do século XX, diante das imposições legalizadas para restringir e limitar as ações das mulheres no âmbito profissional. Diante dos ideais de modernização pedagógica em prol de uma educação sergipana rumo ao progresso, houve esforços de homens públicos como Hevélcio de Andrade e Rodrigues Dória, que fizeram uso do poder administrativo para impedir que mulheres casadas atuassem no magistério, e impedir que, aquelas que tivessem optado pelo magistério, contraindo posteriormente o matrimônio, permanecessem com o cargo. Talvez, os argumentos de incapacidade e submissão feminina, que circulavam no período, tivessem sido um fator determinante para a opção pelo celibato, uma vez que o magistério era o único meio de sustento, autonomia e reconhecimento social possível para algumas mulheres. Pois, enfrentar os discursos da “sociedade dos homens” implicava a exclusão, o pré-conceito, rótulos e perseguições.

Entendemos ser um compromisso arriscado afirmar que as imposições que restringiam as ações e decisões femininas tenham sido decisivas. No caso de Leonor Teles de Menezes, Santos (2006), pode inferir que Leonor teve a oportunidade de contrair o casamento, e

[...] soube muito bem avaliar o que queria para si. Valorizou os estudos, o trabalho, contou com o apoio da família para conquistar seu espaço e procurou mostrar às alunas que a subserviência nunca seria o caminho para a emancipação feminina (p.126).

Embora a condição feminina em termos de educação e ocupação de espaços públicos estivesse condicionada ao modo pelo qual a sociedade definia e estruturava os padrões de comportamentos, de hábitos e de costumes, os quais regulavam onde e como os indivíduos deviam estar, as mulheres estrategicamente souberam valer-se das suas próprias representações e através delas se posicionaram como protagonistas na construção de espaços que se configuraram como autênticos e legítimos para a sua aparição pública.

O século XX foi saudado por um cenário de manifestações femininas, donde emergiram movimentos pela liberação, pelo reconhecimento do deslocamento da sua posição na sociedade, do espaço privado e restrito do seu lar para outras esferas,

rompendo assim, com a mentalidade construída por séculos, que subordinava a mulher ao homem e ao lar.

O deslocamento da mulher do lar para o público foi uma conquista que aos poucos se firmou através de práticas de resistência, configurando-se como uma revolução passiva, na qual, dentro das normas que eram socialmente aceitas, as mulheres buscaram estrategicamente se posicionar nos espaços projetados para buscar outras formas de convívio e assim, construir também formas de sociabilidade.

2.1 A POSIÇÃO DA MULHER NO COMEÇO DO SÉCULO XX EM ARACAJU

No início do século XX a cidade de Aracaju viu surgir diversos ambientes, projetados pela elite e destinados a uma parcela diminuta da sociedade. As mulheres que tiveram acesso a estes ambientes eram consideradas personalidades intelectuais do cenário social sergipano, se destacando pela ocupação de outros espaços, devido ao fato de terem tido acesso a uma educação diferenciada, a uma cultura letrada, e também, por estarem engajadas em movimentos sociais, principalmente as lutas feministas pela emancipação da mulher.

Estas pessoas conviviam em um ambiente que aspirava a formação intelectual de suas filhas, esposas e parentes, que passariam a ser detentoras de diplomas de formação superior. Nesse contexto, a escola constituiu-se em um elemento importante por oportunizar o acesso a um mundo dito civilizado e moderno, através da valorização da educação. Com isso, se vê que a entrada no universo escolar constituía-se como um fator de distinção. Sobre isto, Bourdieu assevera:

A escola não cumpre apenas a função de consagrar a 'distinção' - no sentido duplo do termo - das classes cultivadas. A cultura que ela transmite separa os que a recebem do restante da sociedade mediante um conjunto de diferenças sistemáticas [...] a cultura erudita veiculada pela escola dispõe de um sistema de categorias de percepção de linguagem de pensamento e de apreciação, que os distinguem daqueles que só tiveram acesso à aprendizagem veiculada pelas obrigações de um ofício ou a que lhes foi transmitida pelos contatos sociais com seus semelhantes (1974, p. 221).

Outro fator que introduziu essas mulheres no âmbito social, em específico atuando como profissionais, foi a condição conjuntural na qual se encontrava o país. Vivia-se um período de expansão do mercado de trabalho e de disponibilidade de cargos que exigiam a especialização em nível superior. A posse do diploma propiciou

que certas mulheres ocupassem esses espaços, sendo a elas auferido o *status* de moças de escola, e, por conseguinte, pertencentes a um grupo restrito de indivíduos, a elite aracajuana.

As mulheres que eram consideradas parte da elite estavam envolvidas em questões sociais, como a fundação de instituições de representatividade intelectual e outras de cunho filantrópico, dentre muitas outras entidades de relevante importância na vida social sergipana, como: o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, a Hora Literária, o Clube Esperanto, a Liga Contra o Analfabetismo, a Legião Feminina de Combate ao Câncer, a Cruz Vermelha e a Federação Sergipana Pelo Progresso Feminino.

Percebemos a elite que emergiu em Aracaju no período analisado, a partir do entendimento de Bourdieu (1999), como um grupo restrito de indivíduos, que acumulou um capital simbólico, fosse ele cultural, econômico, religioso, político, militar, social ou de outra natureza. Tal condição permitiu o reconhecimento entre os pares, dando-lhes um *status* privilegiado, com funções de mando, de direção, de orientação ou representação.

Algumas representações moldaram-se em torno do desejo de grupos de indivíduos que tinham o interesse em serem reconhecidos como uma elite intelectual. Esta percepção já fora apontada por alguns pesquisadores, como no caso do estudo realizado por Silva (2006), sobre a formação dos intelectuais em Sergipe durante o Império. A autora preferiu chamá-los de *intelligentsia*, para fazer alusão a pessoas que tiveram formação acadêmica e que exerceram funções legitimadoras de seu poder.

Burke (2003, p. 26) afirma que a palavra “*intelligentsia* foi cunhada para referir-se aos homens de letras que não queriam ou conseguiam encontrar posições na burocracia”. Ao tratar da denominação dos indivíduos descendentes da *intelligentsia* do século XIX, o autor optou por chamá-los de “letrados”, e empregou o termo “para descrever grupos sociais, cujos membros se consideravam ‘homens de saber’ (*docti, eruditi, savants, Gelehrten*), ou ‘homens de letras’ (*literati, hommes de lettres*)”.

Burke (2003, p 26), ao propor discutir um ensaio sociológico apresentado como “O papel social do homem de saber”, chama atenção para a necessidade atual de levantar questões sobre as mulheres de saber, em um período no qual os homens referiam-se a si mesmos como cidadãos da ‘República das Letras’ (*Respublica litteraria*), momento no qual as mulheres “estavam mais ou menos ‘excluídas’ da busca do saber”.

Burke (2003) nos mostra que existiram algumas mulheres letradas e instruídas, que ao longo de períodos tiveram sua produção intelectual conhecida, entretanto, elas não participavam da República das Letras nos mesmos termos que os homens, e, caso elas tentassem entrar no círculo dos humanistas podiam ser repelidas. O autor também ressalta que algumas mulheres fizeram parte da Revolução Científica e do Iluminismo, entretanto, sua posição diante do contexto também era marginal.

No caso do nosso estudo, as mulheres que despontaram no cenário social, intelectual e cultural, também tiveram acesso aos espaços de divertimento em Sergipe no início do século XX. Sendo assim, estas compuseram uma geração que foi fruto de uma intelectualidade e por fazerem parte de um grupo específico de letrados, eram consideradas letradas e, por conseguinte, integrantes de uma elite cultural no cenário sergipano.

Essas elites, compreendidas por Sirinelli (1998, p. 274.) como “elites culturais”, definem-se, especialmente, pelo seu poder de influência, isto é, de ressonância e de amplificação, repercutidas na sociedade pela legitimidade das tomadas de decisão e ações relevantes em matéria cultural. O autor utiliza alguns critérios para definir o limiar de pertencimento dos indivíduos a essas elites. Ao propor uma definição empírica de um homem de cultura, Sirinelli (1998) classificou os indivíduos em duas categorias: os criadores e os mediadores.

Para Sirinelli (1998), entre as elites de criação estão os sujeitos, que, através de suas experiências criam/fomentam/representam eventos e práticas culturais, participam na criação artística e literária ou no progresso do saber. Neste grupo incluem-se os indivíduos que gozam de notoriedade, reconhecimento pelos seus pares e extensão das suas obras. Já os mediadores culturais, são os que contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos da criação e do saber. Destacam-se pela capacidade de ressonância e amplificação, ou seja, pelo poder de influência.

O reconhecimento, tanto dos criadores quanto dos mediadores culturais, é conformato em um primeiro momento de forma endógena. Isso ocorre devido às resistências e pressões que cada grupo encontra ao tentar legitimar seus pensamentos, suas produções, percepções e formas de dissipação dos saberes. Uma vez que estes tenham sido admitidos no interior de cada grupo, por meio dos méritos atribuídos e aceitos entre seus pares, que por sua vez também são seus concorrentes, exteriorizam seus dispositivos para que sejam refletidos e aceitos na sociedade de forma qualificada e, se possível, institucionalizada.

Essa simbologia de identidade intelectual ligada ao domínio das letras e as ideias de pertencimento a grupos de elites culturais, assim como a possibilidade de inserção no âmbito público, seja pelo poder de ressonância ou pela produção cultural, permitiu que muitas mulheres sergipanas se enquadrassem em grupos de intelectuais do período republicano.

Essa condição tornou-se possível devido ao reconhecimento via formação. Neste ponto, a escola desempenhou um papel fundamental, por garantir e legitimar a competência, materializada pela posse do diploma, fator essencial na repercussão da imagem social, principalmente por oportunizar a proximidade com o mundo intelectual masculino e com a condição de mulher letrada. Por conseguinte, puderam fazer uso desta posição para a ocupação feminina de espaços públicos de visibilidade.

2.2 OBSERVANDO O ANDAR DAS MULHERES

Em Aracaju, as discussões em torno da posição que a mulher buscava ocupar no âmbito público traziam preocupações para a sociedade sergipana. Os esforços empreendidos pelas mulheres para abraçar as causas feministas aguçavam o olhar conservador masculino, que se negava a reconhecer o deslocamento social da figura feminina. Sobre esta posição masculina, em 06 de julho de 1924, o Sergipe Jornal escreveu:

Acompanho constante e admiro o progresso geral do feminismo e, a cada vez, fico maravilhado com esses atentados ao civismo. As mulheres deixando a cozinha e abandonando o vil domesticismo, querem falar o campo já domado pelas campanhas do utilitarismo. Chegando no Brasil, ao bello-sexo, às posições soberbas da política, a vida perderá todo o nexo e então nos vai sair decerto a vasa de ficarmos na triste fórmula crítica de bancar a ama seca e o mais em casa.

O jornal, de forma sarcástica diz admirar o progresso feminino e ao mesmo tempo afirma ser esse um atentado ao civismo. Critica o fato da mulher querer abandonar o domesticismo, para aderir às campanhas do utilitarismo, alegando que a vida perderá o nexo, ficando para eles, os homens, a “triste formula crítica de bancar a ama e o mais em casa”.

Esse perfil de crítica, direcionado ao movimento das mulheres em busca de conquistar outros espaços, era uma prática comum nos jornais da época, na maioria

das vezes sem autoria identificada. O público masculino que escrevia para os periódicos tinha a pretensão de reafirmar que o lugar da mulher na sociedade era em casa, cumprindo o destino que lhe ornou a plena felicidade da sua existência, no seu papel de namorada, esposa, mãe e dona do lar. Assim, vejamos outra passagem:

Uma mulher bonita é como uma bela rosa, no pensar e sentir do burilador elegante das crônicas imoraes. [...]. Esta formosa metade do ser humano tem sido causa de seria controvérsia da parte de profundos e notáveis escritoras, que se tem dedicado, com afinco, a estudar a sua evolução na sociedade. Não está portanto, ao meu alcance escrever sobre ella na sociedade. A mulher do lar é doce mãe embalando um filho inocente, uma virgem recatada e medrosa recebendo de seu noivo o doce beijo da mocidade feliz como promessa de união para a vida. O lar é a carícia, é o beijo, é a união, é a perene felicidade da existência. Virginia e Messalina, inocência e pecado, aquela nos braços embaladores do amor, fruindo ao casto e ardentes beijos de seu Paulo, raptor e amado, está inebriando se na orgia desbragada da corte romana, abismando a vida na lama pútrida do vício, que é a dissolução perpetua do existir. O lupanar é antithese do lar, como a inocência é a antithese do pecado, Messalina e Virginia, devassidão e pudor. E as mulheres são como as flores, umas na ostentação, vaidade e elegância natural de uma dragoa holandesa, outra na simplicidade donairoza de uma margarida dos prados. E a mulher virgem, virgem inocente como a flor significa o símbolo do amor da pureza e da vida. E eu curvo-me genuflexo diante duma virgem, como me curvaria ante uma imagem que symbolizasse a vida, plena, exuberante e eterna madrugada de minha existência (JORNAL DO SECULO XX, 20 jul. 1919).

O artigo confere um tom nostálgico e romântico para a interpretação masculina do lugar que a mulher deveria estar, que era no interior do seu lar. O texto afirma que a antítese dele, que era o espaço público, o qual algumas mulheres defendiam como o lugar de se estar, seria na visão do redator, o “lupanar”, termo usado para designar prostíbulos. O autor se empenha em tecer uma crítica as notáveis escritoras que tem se dedicado com afinco ao estudo da evolução da mulher na sociedade.

Em contrapartida, algumas mulheres que defendiam os direitos femininos rebatiam essas formas de resistência do público masculino com artigos rebuscados, usando argumentos polidos sobre o progresso feminino, com títulos como “A emancipação política feminina e o papel da mulher no lar”⁵; “Pela Cultura Intelectual da mulher”⁶; “A Educação Feminina”⁷, dentre outros, divulgados em diferentes jornais

⁵ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1929. “A emancipação política Feminina e o papel da mulher no lar”. Bertha Lutz.

⁶ Gazeta de Sergipe, Aracaju, 6 de março de 1930, “Pela Cultura Intelectual da Mulher”.

⁷ Jornal do Século XX, 7 de maio de 1919. “A Educação Feminina”, Ítala da Silva.

de grande circulação, fato que, como apontado por Freitas (2003), demonstrava o grau de sofisticação e empenho das mulheres nas campanhas pela sua emancipação.

No início do século XX intensificou-se o avanço das mulheres no campo da arte, da educação, do trabalho, dos movimentos feministas, na ocupação de cargos públicos, na participação em atividades esportivas, dentre outros engajamentos que as conduziu ao caminho da emancipação. Sobre este ponto lemos abaixo:

Avulta, porém, já pela importância futura, já pela revolução que operará nas sociedades o problema feminista. A sequência dos fatos desenrolados em 4 longos e dolorosos anos de carnificina e hecatombe, integram diretamente a mulher ao social convívio. Tanto assim é que, já em 1915, dizia uma escritora inglesa: <<seja a palma do triunfo, deste ou daquele povo, evidente, pujante, verdadeiro, e uma vitória há de firmar-se, a do feminismo>>. E assim foi; já não há mais quem negue a capacidade da mulher para todos ou quase todos os domínios que o homem se dedica na luta pelo existir, já se lhe não nega aptidão ou competência para o trabalho, assim na fábrica como nas oficinas. Pasma o homem, por mais rebelde ou incrédulo, reconhece imponentes para contesta-los. E' que a onda avassaladora do progresso vai assim levando de vencida um mundo enorme de feitos preconceitos. Mas, fixadas ainda não foram as leis reguladoras do trabalho feminino, como também outros pontos desta importante questão social, não foram ainda estudados. Eis, portanto, que dos códigos das nações novas pontes para estudo surgem, e o direito está a pedir, diante de tal progresso, também modificações nos seus textos. Falham-se dados para um estudo mais acurado da questão. [...]. Faça-se da mulher a companheira e auxiliadora do homem em todas as etapas do existir, ministra-se-lhes, porém uma sensata educação para que, a contento, possa ella desempenhar os encargos que lhe forem cometidos (OLIVEIRA, Ítala silva de Oliveira, JORNAL DO SÉCULO XX, 7 mai. 1919, p 2).

Ítala da Silva, que assina o artigo foi colaboradora de diversos periódicos. Em Sergipe publicava no “Diário da Manhã”, no “O Estado de Sergipe”, no “O Democrata”, e no “Jornal do Século XX”. Em outros Estados, contribuía para o Jornal “O País”, do Rio de Janeiro, e, na Revista Feminina, editada em São Paulo.

De acordo com Freitas (2003), Ítala, em seus artigos versava sobre a instrução feminina, a alfabetização, o papel da mulher, o casamento civil, a luta pelo voto feminino, as causas feministas, entre outros temas. Ítala ressaltava a temática do feminismo pontuando a resistência da sociedade em reconhecer o seu avanço, ao tempo em que tecia uma crítica a educação das mulheres, que segundo ela, deveria as preparar para o exercício dos papéis também destinados aos homens, como uma condição de equidade social, principalmente em se tratando das competências para o trabalho.

De acordo com Pina (1994), em 1919 a mulher já representava 33,7% do operariado brasileiro. É perceptível a presença da mulher, seja exercendo o papel de chefe da família, seja ocupando o setor fabril, cargos administrativos, dentre tantos outros, que até então estavam associados à figura masculina. Com a explosão do discurso feminista percebeu-se a intensificação do esforço da mulher para conquistar espaços significativos, demonstrando o vigor da sua força física, pondo abaixo o argumento de fragilidade, mas passando também a expressar o seu potencial intelectual e a capacidade de exercer atividades públicas de modo permanente.

Conforme visto em Schumacher (2000), no Brasil, em 1919, sob a liderança da feminista Bertha Lutz⁸, foi criada a Liga para Emancipação Intelectual da Mulher. Posteriormente, em 1922 foi criada a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que levantava a bandeira do sufrágio, além das questões pertinentes à educação, ao trabalho e os direitos civis da mulher.



Figura 1: Foto da I Reunião da Federação Brasileira para o Progresso Feminino.
Fonte: Acervo particular de Maria Lígia Madureira Pina.

⁸Bióloga, ela organizou o 1º Congresso Feminista do Brasil, foi presidente da União Interamericana de Mulheres, participou do congresso Panamericano de Batimore e da Confraternização Latina da mulher em Roma, contribuindo a mensagem à constituição de 1934. Mais dados em: BRAZIL, Érico Vital. **Dicionário Mulheres do Brasil**: De 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2000; PINA (2004) e PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. Editora Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2003.

A imagem anterior, segundo Pina (1994) registra a primeira Reunião Nacional da Federação Brasileira para o Progresso Feminino, realizada no Rio de Janeiro em 1922, sob a presidência de Bertha Lutz. De acordo com Pina (1994), na ocasião, o Estado de Sergipe esteve representado por uma sergipana, Cesartina Régis, que aparece na fotografia, localizada à extrema esquerda.

Bertha Lutz estimulou a formação de núcleos regionais da Federação em diversos Estados. Em Sergipe houve duas militantes, que foram: a advogada Maria Rita Soares, diplomada em Direito na cidade de Salvador, e Cesartina Régis, primeira farmacêutica do Estado, formada no Rio de Janeiro, que lideraram o movimento em prol dos direitos da mulher sergipana. Ainda sobre Bertha Lutz, Freitas (2003, p 239) nos indica que:

Bertha Lutz parecia incansável na luta pela ampliação da ocupação feminina nos espaços públicos, a cada período novas estratégias e táticas deveriam ser mobilizadas, e Maria Rita mesmo diante dos reveses sofridos não deixava de tentar encaminhar as propostas desenvolvidas.

O trecho a seguir compõe parte de uma entrevista concedida por Maria Rita Soares a Lígia Pina, durante a fase de sua pesquisa “A Mulher na História” (1994). Nele, Maria Rita ressalta o quanto tudo era fechado à mulher naquele tempo. Relata os contatos com líderes feministas no Brasil e o incentivo para criar uma sessão em Sergipe. De acordo Freitas (2003), em 1929, sob a presidência de Maria Rita foi fundado em Aracaju um diretório do movimento Feminista, que além de Cesartina Régis, contou com Laura Amazonas e Heloísa Santos (dentistas), como integrantes do núcleo.

Convivi com a Dr^a Bertha Lutz, fundadora da Federação Para o Progresso Feminino, em 1922, quando retornou do congresso Feminino nos Estados Unidos, em 1922. Naquele tempo tudo era muito fechado à mulher. Convivi também com a Dr^a Carmem Portinho, Engenheira da Prefeitura do Rio de Janeiro, que fundou a União Universitária, em 1929. Foi Carmem Portinho quem me incentivou a fundar uma seção da Federação pelo o Progresso Feminino, em Sergipe, procurei Cesartina Régis, uma figura exponencial nos meios sociais de Sergipe. Ela se impunha não apenas como farmacêutica, mas em vários campos da cultura sergipana. Trabalhamos juntas. O movimento iniciante contava com poucas e tímidas adesões em Sergipe, que sempre foi refratário as reuniões. Lembro-me que até mesmo os membros da Ordem dos Advogados não se reuniam, oficialmente. Encontrávamo-nos nos cartórios, nos cafés ou

conversávamos pelo telefone. Por isso, não houve movimento congregado, feminista. Cesartina Régis era a alma da Federação. Mesmo assim, conseguimos lançar o nome da Professora Quintina Diniz à deputada estadual pelo PSD (PINA, 1994, p. 362)

No ano de 1931, Maria Rita se empenhou para nomear oficialmente Cesartina Régis como representante de Sergipe no II Congresso Feminista. De acordo com Freitas (2003), a participação das duas sergipanas no evento foi divulgada pela imprensa Sergipana e recebeu um número especial na revista Renovação.

O movimento pelo sufrágio foi o projeto mais intenso das militantes Sergipanas. Em 1934 Cesartina e Rita Soares estavam empenhadas no processo de alistamento eleitoral no Estado de Sergipe. Cesartina e Rita estavam cotadas para serem indicadas a candidatura. Entretanto, ambas romperam com a liderança política com a qual se coligavam e assim retiraram seus nomes para eleição, apoiando a candidatura da Professora Quintina Diniz. Ao fim da jornada, Quintina Diniz foi eleita para Deputada Estadual do Estado de Sergipe.

Segundo Freitas (2003), em cartas destinadas a Bertha Lutz, em tom de desabafo, Cesartina demonstrou o desapontamento com os rumos que os projetos feministas estavam tomando em Sergipe, alegando que

As esperanças depositadas em Quintina Diniz não deram os frutos esperados. Cesartina também criticou a postura de Maria Rita e a falta de apoio dela nas atividades da Federação. A pretensão de se candidatar para o próximo pleito também não logrou êxito. Com o Estado Novo, as Assembleias foram suspensas (p.237).

Como visto, identificamos que em Aracaju “soprou um ar” de renovação da posição feminina, baseada em algumas figuras, personagens centrais de todo o movimento no estado de Sergipe, justo por sua representação como intelectuais, mesmo que não se tenha conseguido alcançar os intentos desejados. Adiante, trataremos das investidas no âmbito do divertimento.

2.3 UM PASSEIO PELO DIVERTIMENTO

No âmbito social, desde os primeiros anos do alvorecer do século XX, já se notava a presença da mulher em espaços historicamente marcados como masculinos por excelência, a exemplo dos bares, cafés, prados, das rodas de intelectuais, dentre outros. A presença feminina nesses locais passou a ser aceitável, diante da necessidade de conferir a estes um clima saudável e familiar, já que estas se apresentavam como meras acompanhantes, que embelezavam o ambiente.

A aproximação e a frequência do deslocamento da mulher nos ambientes de divertimento da cidade funcionou, para elas, como uma oportunidade de desfrutar do lazer e das benesses da vida moderna, por mais que para o universo masculino fossem vistas sob o olhar tradicional, ou seja, as casadas desempenhavam o papel de assistentes dos maridos e as solteiras, apresentavam-se expondo a beleza de sua juventude e seus vestidos modernos, almejando um bom partido para o casamento.

Adiante, com o seguir do tempo, o acesso à diversidade de ambientes ampliava-se, de forma que já parecia ser comum a aparição de mulheres nas praças, nos bailes, nas praias, nos eventos náuticos. Nestes cenários as mulheres sentiam-se a vontade para usarem roupas modernas, mais leves e curtas. Tais atitudes eram percebidas por uma parcela da sociedade como uma falta de pudor, repercutindo na imprensa, que veiculava artigos cujos títulos faziam referência “As imodéstias dos trajes femininos”⁹.

Numa recente circular, dirigida aos bispos e aos parochos, o cardeal Guido Pompily, vigário relembra-lhes a alocução última do papa relativamente às modas femininas. Acrescenta o cardeal que as modas actuais são imodestas dizendo que os padres devem fazer ver as suas parochianas que as mulheres assim trajadas não podem entrar nas igrejas, atendendo ao respeito devido de Deus. Determina a circular que as mulheres atendam aos serviços religiosos, usando de véus e vestindo modestamente. Jesus não pode aceitar as preces e as esmolas de mulheres escandalosamente vestidas, assevera o cardeal Pompily, e Deus pune a quem desrespeita os seus templos e será severo com os Paes que permitirem as filhas trajarem imodestamente (CORREIO DE ARACAJU, 14 dez. 1919, p 2).

A circular, publicada no periódico, tem a pretensão de chamar atenção para a moralidade que a sociedade deveria preservar. Ao afirmar que as modas atuais são imodestas, determinava que os pais estivessem atentos para os trajes femininos, sob

⁹Correio de Aracaju, 14 de dezembro de 1919, nº 2761, anno XIII.

pena de serem severamente punidos por Deus. Alegava se ainda, que Deus não poderia receber as preces “de mulheres escandalosamente vestidas”.

Apesar de buscarem o espaço público, no caso as praias e as regatas, havia uma grande resistência com relação à aparição da mulher, principalmente pela questão do pudor. Até o final do século XIX, as mulheres procuravam os banhos de forma muito recatada. Sempre o faziam na madrugada, usando trajés pesados, com golas longas servindo de “tapume” aos seios e calças que cobriam o tornozelo. O próprio vestuário de banho denunciava o caráter profilático dos banhos de mar, como também demonstrava a representação pública do corpo feminino. Já nas primeiras décadas do século XX, as roupas se tornaram mais curtas e mais leves, acompanhando a liberdade que a modernidade do novo século permitia.



Figura 2: Foto: Mulheres na praia de Atalaia em Aracaju na década de 1920.
Fonte: Acervo do Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura.

Nos eventos esportivos, organizados a partir da primeira década do século XX, as mulheres mostravam-se a vontade para tomarem banhos de mar e exercitarem-se em algumas modalidades náuticas. Havia certo entusiasmo dos dirigentes esportivos que, por intermédio das vozes dos cronistas e narradores das competições de regatas, incentivavam as mulheres para que elas experimentassem as mais diversas modalidades já desenvolvidas nos clubes da cidade.

... Ainda não será para já o exercitar-vos no divertimento e salutar jogo bretão, apesar mesmo da existência, em nosso próprio país, de agremiações femininas, que o adoptam. Nos Estados de Mato grosso,

São Paulo, Minas Gerais e Rio, posso garantir-vos, já vossas delicadas companheiras de sexo se exercitam nele! Sou dos que pensam deva ser gradativa e moderada a macha de vossa nova vida sportiva! Do remo, ao qual, publica e galhardamente, destes as mais concludentes provas de adaptação pela elegância e desenvoltura com que o manejastes, tereis que abordar o meu ver, a patinação, o excelente elemento de transição que vos levará desassombrados e firmes a conquista dos mais dificultosos passos do tennis, do basket, etc etc. ... (CORREIO DE ARACAJU, 24 set. 1919, p 2).

O remo foi a primeira atividade esportiva vivida pelas mulheres em Aracaju, antes mesmo de se formar uma agremiação para tal. Havia uma boa aceitação da presença da mulher nos eventos esportivos náuticos, tanto por embelezarem o ambiente, quanto por constituírem um público assistente composto de torcedores saudáveis, garantindo um caráter familiar aos eventos.

Devido à frequência das mulheres nas festas de regatas, o público masculino instigava a sua participação em atividades de cunho recreativo, tanto pelo expressado ânimo e contentamento que despertavam no público, que por sua vez era constituído de suas famílias, como pelo desempenho e habilidades que demonstravam. A participação das mulheres nas atividades recreativas era agraciada com inúmeros elogios e estímulos para que as moças dessem continuidade à prática de exercícios com o remo.

As regatas entre moças, que se realizavam durante os torneios masculinos, eram estimuladas, não apenas com chamadas em jornais, convidando-as a experimentarem a atividade de remo, mas também com a contratação de instrutores para que as mulheres tivessem instruções prévias de manejo com o remo e com as embarcações:

Por iniciativa do commandante Oscar Azevedo, vamos ter, no próximo dia 11, pares de regatas disputadas por gentis senhorinhas. Os ensaios vaem sendo realizados há algumas semanas, e é um gosto ver como as nossas delicadas patrícias já manejam o remo com desembaraço! E necessário, e indispensável mesmo que, após a regata, as sergipanas não abandonem o desporto iniciado. Funde-se um club de regatas de senhorinhas, para que o belo sexo perca definitivamente o titulo fraco, que tão mal lhe vai... (JORNAL DO SÉCULO XX, 1 jun. 1919, p 2).

Identifica-se, a justificativa da prática esportiva por um viés higienista, de modo a sugerir que as mulheres adquirissem comportamentos e hábitos saudáveis, sendo necessário para isto não abandonar o desporto iniciado, com o intuito de que o belo sexo perdesse definitivamente o título fraco. É possível apreender neste discurso, a

justificativa atribuída à vivência do esporte pelas mulheres, no sentido de construção de corpos saudáveis. No entanto, os ideais e as atividades adotadas transcenderam este discurso e projetaram outros interesses em torno da aparição pública da mulher por meio dos esportes.

Um deles, diz respeito à importância e necessidade de instituir uma agremiação feminina que legitimasse as práticas esportivas desenvolvidas pelas mulheres, para que a exposição de seus corpos não se tornasse um ato imoral e corrompesse a sua integridade perante a sociedade.

3 A CIDADE E A PROJEÇÃO DOS ESPAÇOS

Desde o período da sua fundação, em 1855, Aracaju fora projetada aspirando ser um modelo de cidade moderna, com ruas abertas em traçados de linhas retas, espaço para a construção de praças e ambientes de diversão, além da preocupação com obras de saneamento, presente nos projetos administrativos dos governantes. Os ideais higienistas e o modelo de saneabilidade da cidade eram imperativos, e não podiam passar alheios aos projetos dos administradores, engenheiros, médicos, sanitaristas. As preocupações com a saúde passaram a ocupar um lugar privilegiado pelo público. De uma forma geral, estas preocupações com o desenvolvimento da cidade tinham o intento de modernizá-la e torná-la habitável, de modo a satisfazer as condições de higiene e conforto almejadas.



Figura 3: Vista aérea da cidade de Aracaju em julho de 1923.

Fonte: MEDINA, Ana Maria Fonseca. **Ponte do Imperador**. Aracaju. 1999.

No início do século XX Aracaju era uma cidade que despontava para a modernização. No jornal *Correio de Aracaju*, um leitor expôs os pontos de melhoramento almejados pela população:

Sr. Redator: em tratando-se de melhoramentos materiais de nossa capital, não posso deixar de concorrer para a nova sessão (...) para que a nossa capital torne-se uma cidade moderna, compatível com a

grande nomeada que faz portador o povo sergipano, julgo carecer pelo menos dos seguintes melhoramentos: 1º desaparecimento dos tuneis pantanosos, conseqüentemente do serviço de esgoto; 2º idem das trevas, portanto de luz; 3º de calçamento; 4º de asseio e hygiene; 5º de maior circulação, as linhas de bonde; 6º de um passeio público; 7º de um teatro; 8º de um caes ao menos nos principaes trechos do litoral; 9º de ser substituída pela platibanda, a velha biqueira de telhas das velhas casas; 10º da retirada da collonial e suja feira do principal centro comercial; 11º da extinção, ou modificação do abuso da enorme malta de esmolares, que aos dias de sábado e segunda feira, empresta à nossa capital o aspecto d'um vasto hospital; 12º de carros de praça, automóveis, etc. e de muito mais coisas carece a nossa capital para tornar-se uma cidade moderna (CORREIO DE ARACAJU, 7 de jul. 1912, p 2).

Em Sergipe, portanto, os aracajuanos identificavam e reconheciam a necessidade de saneamento e higienização da cidade, almejando uma estrutura urbana compatível com o modelo das cidades mais desenvolvidas, de forma que a capital pudesse configurar-se como a representação do moderno.

Na primeira década do século XX, as instalações hidráulicas da cidade foram ampliadas, fornecendo água encanada para as residências e casas comerciais; os serviços de telecomunicações também foram implantados. Em 1909, a cidade desfrutava de serviços de bonde, puxados a tração animal.

No início da segunda década, em 1913, Sergipe já contava com a estrada de ferro, expandindo as possibilidades de locomoção para além dos limites do Estado, abrindo novos caminhos para o comércio e opção dos mais afortunados deslocarem-se para estudos. Todavia, os transportes marítimos eram os mais utilizados. Os estuários dos rios eram os locais mais privilegiados para o intercâmbio e movimento de embarque e desembarque de produtos e passageiros

Nas reformas urbanas de 1921 a cidade de Aracaju foi contemplada com o calçamento das ruas, e uma série de serviços de saneamento:

As obra de calçamento prosseguem bastante adiantadas. A cidade de Aracaju, que é assentada em um imenso areal, carece de calçamento para progredir com mais intensidade. De todos os seus problemas a resolver, este é, sem dúvida, o que merece ter a mais prompta solução, pois a elle estão ligados outros, como sejam a facilitação de locomoção, o trafego de vehiculos, os serviços de drenagem e aterro, o saneamento, enfim. [...]. A Directoria de Obras Publicas do Estado tem colaborado efficazmente nesses serviços... com um calçamento de pedra tosca de 2,40 acompanhando a linha de bondes, o qual já dá acesso a automóveis e caminhões aos pontos aprazíveis da cidade, até então raramente frequentados, devido a dificuldade de locomoção para atingi-los. [...]. Ale do serviço de calçamento... a remodelação

completa dos jardins públicos, das praças de Palácio e 24 de outubro, inclusive grandes obras de aterro, drenagem e a construção de modernos passeios... assentamento de postes de ferro para reforçar a iluminação dos jardins públicos, assentamento de bancos nos jardins públicos [...] (BITTENCOURT, 1921. p. 18).

Esses serviços incluíam a construção de um canal de proteção e um passeio extenso às margens do Rio Sergipe, visando não só o embelezamento da cidade, mas a tentativa de representar as indicações higiênicas que circulavam nas metrópoles em formação, propiciando aos habitantes os benefícios dos passeios à beira-mar, e também, o desenvolvimento das práticas esportivas aquáticas, que nesse período já envolviam um regular número de praticantes.

Em cidades marítimas, as praias, os portos e estuários vão configurar-se como locais propícios para se inaugurar novas relações na cidade, uma vez que até meados do século XIX, os ambientes próximos ao mar eram considerados impróprios para a circulação de pessoas, devido a insalubridade destes locais. No entanto, essa relação com o mar tomou uma configuração diferenciada entre o final do século XIX e início do século XX, pelos benefícios e indicações aos banhos de mar, veiculados pelo pensamento higienista da época. De acordo com Lucena (2001), no Brasil, os banhos de mar eram uma medida preventiva contra as enfermidades, e além desse caráter profilático e do trabalho pesqueiro, havia aqueles que associavam os banhos as atividades esportivas.

Também houve reformas empreendidas à Ponte do Imperador e os melhoramentos dos passeios localizados a beira mar:

Neste ponto de desembarque, de passageiros marítimos e fluviais, fizemos revestir, em concreto armado, as escadarias que dão acesso às pequenas embarcações, bem como procedem os reparos que se faziam mister...Agora, com o intuito de torna-la compatível com os melhoramentos que estão sendo executados á Praça Fausto Cardoso, encarrego o mesmo architecto de levar o projeto para substituição do abrigo nela existente. [...] Está concluída a balaustrada do caes, no estuário do cotinguiba, a começar do trapiche Aurora ao edifício da Alfândega ... (CARDOSO, 1926. p. 24).

A Ponte do Imperador foi o local de recepção da chegada do primeiro “*Raid Aéreo*”, no dia 15 de julho de 1923. *A priori*, não havia planos para a aterrissagem dos aeroplanos à cidade de Aracaju, mas a vinda do Capitão Protógenes ao Estado da Bahia, na ocasião da comemoração do Centenário da adesão da Bahia à

Independência, em 02 de julho de 1923, fez com que o Governador Graccho Cardoso se encarregasse de assegurar a visita da esquadilha a Aracaju.



Figura 4: Foto: vista aérea de aviões amerissados no Rio Sergipe, década de 1920.
Fonte: MEDINA, Ana Maria Fonseca. **Ponte do Imperador**. Aracaju. 1999.

De acordo com Medina (1999), os jornais se encarregaram de divulgar o espetáculo aéreo que estava por acontecer na cidade, com a chegada de quatro hidroaviões. Esse acontecimento deslocou um grande fluxo de pessoas, tanto da capital quanto do interior, para prestigiar da Ponte do Imperador o festejo de recepção. A equipe foi recebida pelo Prefeito Batista Bittencourt, oficiais do gabinete do Presidente do Estado, Cycero Cordeiro de Farias, Almirante Amintas José Jorge e Artur Fortes, além da presença de algumas mulheres, anunciadas como convidadas de honra: Dinorah Fortes, filha do Professor Arthur Fortes; Cândida Jorge, filha do Almirante Aminthas Jorge; Juraci Padilha, e Madame Campos Paiva, que acompanharam os aviadores nos passeios aéreos sobre a cidade.



Figura 5: Foto: bonde puxado a tração animal da década de 1920.
Fonte: Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura.

Em 1926, no governo de Graccho Gardoso, foi realizado o aperfeiçoamento dos serviços de bonde, com a ampliação dos trilhos e substituição por bondes movidos a tração animal por bondes elétricos, como o exemplo da imagem anterior.

Em uma perspectiva de formação da cidade, as obras de melhoramento e embelezamento nos projetos dos administradores foram implantadas no sentido de tornar Aracaju uma cidade moderna, ao alcance do mundo das máquinas, dos bondes, dos trens, automóveis, dispendo, dessa maneira, de espaços confortáveis, propícios e acolhedores, que de alguma forma também deveriam servir aos eventos esportivos, que emergiam como uma forma de espetáculo capaz de imprimir significados aos espaços e lugares, configurando-os como ambientes pensados e projetados para constituir identidades coletivas.

A noção de modernidade a qual nos referimos, diz respeito ao entendimento apresentado por Rocha Junior (2011, p 23) o qual percebe a cultura como foco das ações modernizadoras. Para o autor, “é nela que se apoiam as perspectivas de mudanças do cotidiano das cidades, para além das paredes dos prédios e das vias públicas”, o mesmo chama atenção a condição da modernidade, na qual embora tenha havido um projeto reconstrutor urbano e o investimento no controle cultural, houve uma reação dos indivíduos para resistir e manter suas manifestações, pois ao passo que crescia uma cidade com aspectos modernos, acentuava-se a divisão social e cultural nas cidades.

Neste cenário, nem toda parcela da população tinha condições objetivas de acesso ao que o signo da modernidade trazia de novo. E os indivíduos, principalmente os que estavam à margem do projeto modernizador, continuaram a existir culturalmente, fosse mantendo os hábitos ou, incorporando e resignificando o produto cultural que ressoava do processo de modernização.

A cidade de Aracaju expandiu-se e transformou-se, não só na sua estrutura física. As mudanças tornaram-se perceptíveis, principalmente nos interesses pessoais e coletivos, nas inter-relações e configurações, na qual a busca em representar o elemento moderno no cotidiano da cidade, e no próprio estilo de vida, incutiu novas formas de relacionamento entre os indivíduos. Fato que repercutiu diretamente na maneira de desfrutar dos prazeres da vida urbana. Emergia, assim, uma nova ideia de sociabilidade em Aracaju.

3.1 ESPORTE PARA UMA VIDA MODERNA

O desenvolvimento do esporte em Sergipe organizava-se tendo como suporte o projeto de modernização e urbanização. E neste sentido, a construção de espaços específicos para realização dos eventos esportivos buscava atender o desejo de apropriar-se de uma cultura esportiva que já circulava em um compasso acelerado em outros Estados, fazendo com que a capital aracajuana configurasse também a busca por ser uma como cidade desenvolvida.

Lucena (2001) comunga com o entendimento de que esse crescente processo de urbanização e modernização das cidades passou a ser acompanhado por uma mobilização dos seus habitantes, no sentido de encampar a cultura física respaldada em eventos esportivos, modelo este que estava em circulação em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, e que as cidades em desenvolvimento buscavam acompanhar.

A organização e sistematização do fenômeno esportivo no início do século XX tinha como principal escopo, a legalização da prática esportiva e conseqüentemente, a institucionalização dos clubes de esporte, espaço este necessário para concretização do projeto de modernidade, fazendo com que as agremiações funcionassem seguindo um modelo voltado ao consumo do espetáculo. Assim, os eventos esportivos funcionariam como criadores de lugares e espaços privilegiados pelo deslocamento, consumo e manifestações de pessoas. O esporte, neste contexto, era mais uma dimensão da modernidade, e as práticas atreladas a ele também eram um símbolo disso. As instituições que sistematizavam as práticas do esporte e as demais mobilizações em torno dele funcionaram como um elemento que fervilhava e impulsionava a dinâmica deste fenômeno, imerso no processo de urbanização.

Em Sergipe, o surto dos indivíduos para agregarem-se às correntes coletivas de exaltação com esporte era cada vez mais intenso. Entretanto, o gosto e a demanda de praticantes cresciam muito mais depressa do que as providências administrativas das agremiações, ou do governo, poderiam acomodar, com infra-estrutura, recursos e serviços urbanos capazes de garantir a sua plena vazão e desenvolvimento. Sobre essa condição em Sergipe lemos na passagem a seguir:

Já não se pode duvidar que o esporte no Brasil esta tomando o lugar que lhe compete, como elemento de suma importância para a

educação física e moral do povo. O número incalculável de grêmios desportivos que o Brasil possui, atletas que somos, um povo que deseja progredir, aperfeiçoando o esporte, para a positivação do caráter nacional e, por consequência, para o engrandecimento do tipo individual da nossa raça. Seria quase desnecessário mostrar a necessidade que temos do desporto, visto toda a gente conhecer os seus altos benefícios. Epitomar os seus princípios salutaros não nos parece obra de rara prestaneia, no momento actual, quando o seu credo conta com os seguidores fervorosos e proselitos intransigente, quando os seus ideais patrióticos se acham de tal modo difundidos que ninguém há certamente, que os desconheça. Sergipe, felizmente, não desama o esporte, amando o destino grandioso dos seus filhos, que com franqueza, sabem aquilatar os surtos maravilhosos da civilização, pondo em evidência as suas belas aspirações [...]. Soubemos que o ilustre Sr. Almirante Aminthas Jorge, presidente da Liga Desportiva Sergipana, com o precioso auxílio e boa vontade dos outros membros da referida instituição, está se esforçando afim de fazer aquisição, o que é de se esperar, pois para isso de outro contará com o elevado prestígio do Sr. Dr. Intendente deste município, de um terreno apropriado para a construção de um stadium. Não é de se estranhar que a resolução tomada pela L.D.S. venha a ser coroada do melhor êxito (DIÁRIO DA MANHÃ, 20 ago. 1919, p 2).

Conforme Viana Filho¹⁰ (2002; 2014), os jogos das primeiras competições de Futebol em Aracaju foram realizados nos campos da Praça Pinheiro Machado (Antiga Praça da Conceição) e da Praça do Petisco, no Bairro Siqueira Menezes (hoje Bairro Industrial). Esses espaços eram “campos” improvisados e desconfortáveis, mesmo assim, o público aracajuano, entusiasmado com o futebol, suportava o ambiente insalubre e animava as tardes de domingo, comparecendo em grande número aos jogos ali realizados.

A utilização de espaços adaptados era justificada pelas autoridades públicas, tanto do Estado quanto do Município, sob a alegação de não disporem de recursos públicos para construir um estádio adequado, justificavam, ainda que, a Praça Pinheiro Machado era um logradouro público que necessitava de lei específica para se transformar oficialmente em um estádio esportivo. Já o campo do Bairro Siqueira de Menezes, diferente, era particular, pertencia ao clube Industrial.

¹⁰ Francisco Viana Filho, Natural de Aracaju, nasceu em 11 de janeiro de 1934. Conhecido como “enciclopédia do esporte sergipano”, iniciou suas atividades como cronista esportivo em 1956 na Rádio Difusora de Sergipe, foi colunista esportivo do Sergipe Jornal; do Jornal do Povo, e, redator chefe da coluna esportiva do jornal Gazeta de Sergipe, também atuou na equipe jornalística da Rádio Cultura de Sergipe, onde criou um artigo sonoro das atividades esportivas no Estado. Estudou na Escola Industrial de Sergipe, posteriormente, ingressou como Professor de Desenho da Escola Técnica Federal de Sergipe, onde exerceu esta função até 1991, quando se aposentou. O Professor e Cronista Esportivo Francisco Viana Filho, também conhecido como Professor Tito, faleceu em 17 de julho de 2017 aos 83 anos.

Pompeu Voga, cronista esportivo da redação do Jornal do Povo, na edição de 27 de maio de 1919, retrata a expectativa do público aracajuano, que clamava por um campo de futebol adequado e condigno com o progresso do esporte em Sergipe. No contexto, o Coronel Adolpho Faro Rollemberg, que acompanhava socialmente os eventos, fazendo-se presente nas várzeas e nos campos onde ocorriam as partidas de futebol, deliberou a compra de um terreno para construção de um “ground” (campo estruturado) que contemplasse as necessidades dos entusiastas do esporte “bretão”.

O Jornal correio de Aracaju de 1º de agosto de 1919 recebeu uma nota sobre os preparativos para doação do campo esportivo. A reunião que tratou do assunto ocorreu na residência do Capitão de Corveta Oscar Azevedo (vice-presidente da Liga Desportiva Sergipana), com a presença do Almirante Aminthas José Jorge (presidente da Liga Desportiva Sergipana), do Sr. João Monteiro (presidente do *Club* Cotinguiba), e do Coronel Adolpho Faro Rollemberg. O promissor do terreno comunicou nesta reunião, que não havia conseguido adquirir o terreno prometido, resolvendo então doar um terreno de sua propriedade, localizado em local privilegiado na capital, na antiga Praça da Fundação, para a construção de um campo de futebol. Entretanto, três dias após a reunião, antes de consumir a documentação que oficializava a doação do terreno, o superintendente do Estado, Coronel Adolpho Faro Rollemberg faleceu, aos 47 anos, vitimado de uma uremia, seguida de infecção generalizada.

O fato não arrefeceu os ânimos para que os clubes fizessem a aquisição de um campo para a construção de um *Ground*. Conforme visto nas notas dos jornais que acompanhavam as reuniões do *Club Sportivo* Feminino, constantemente era colocado em pauta as estratégias possíveis para adquirir um terreno.

Mme. Oscar Azevedo aproveitando a oportunidade de se achar reunida a directoria propôs que se tratasse logo de alguns assumptos que reputava urgente e, com a palavra, fez sentir a necessidade de se tratar logo da obtenção de um campo em preparativos para o jogo de foot-ball e cedido pelo sempre lembrado Coronel Adolpho Rollemberg. Embora não tivesse conhecimento com a família do saudoso extinto, segura estava, entretanto, de que a família não acolheria mal um pedido que lhe fosse dirigido no sentido da cessão do referido terreno, da mesma forma que com o cavalheirismo que lhe era peculiar, foi cedido a liga desportiva pelo saudoso coronel Adolpho Rollemberg a grande parte do terreno murado de sua propriedade. Sobre esse assumpto o ilustre sr. Coronel Presidente do Estado, que em companhia dos sr. Drs. Álvaro Silva e Mario Bastos, Almirante Amynthas Jorge e commandante Oscar Azevedo, que assistiam a reunião, pedia permissão para lembrar a conveniência de se nomear uma comissão para entender-se com a distincta família Rollemberg,

prompto estando a coadjuvar no preparo do terreno alludido que necessita de ser todo aterrado. A sr^a d. Thereza Lobo resolveu, então nomear uma comissão para o fim alludido ficando ella composta da sua illustre pessoa e das distinctas Mme. Oscar Azevedo e senhorinhas Marina Jorge, Leonor Queiroz, Luiza Paes e Candoca Jorge (CORREIO DE ARACAJU, 28 set. 1919, p 3).

Como acordado, o *Club Sportivo Feminino* elegeu uma comissão para providenciar os preparativos para receber a Família Faro Rollemberg, com o intuito de oficializar a doação do terreno, anteriormente pronunciado pelo Coronel Adolpho Rollemberg.

Cumprido o evento promovido pelo CSF, para resolver as pendências da documentação da doação do terreno, o projeto de construção do campo fora levado a frente. A imprensa continuou recebendo circulares para acompanhamento do avanço dos trabalhos de construção do campo pelos clubes Cotinguiba, Sergipe e pela Liga Desportiva Sergipana, entidades estas a quem fora dirigida a doação do terreno.

Realiza-se hoje, na residência do sr. Commandante Oscar Azevedo, a reunião da Liga desportiva Sergipana, a fim de tratar de assumptos referentes à construção do novo Ground. Para essa reunião estão convidados os representantes dos Clubs interessados, bem como as directorias, em vista da importância das resoluções a tomar. Constatamos que nessa sessão ficará organizado o scratch sergipano, que terá de bater-se com um dos Clubs dos Estados vizinhos, segundo o desejo de alguns sportmen, por ocasião da inauguração do novo campo. Que a mocidade não desanime e continue a propugnar pelo desenvolvimento do sport bretão são os nossos desejos (CORREIO DE ARACAJU, 23 out. 1919, p 3).

Ao noticiar o compasso do projeto de construção do *Ground*, a imprensa alimentava a ideia de desejo de sua implantação, ao mesmo tempo em que criava expectativas de consumo no público. No jornal, os dirigentes do clube, estrategicamente já anunciavam a proposta de divertimento, antes mesmo de o campo estar construído.

Conforme Viana Filho (2002), para a disputa do primeiro campeonato oficial de futebol, realizado no *Ground* Adolpho Rollemberg e patrocinado pela Liga Desportiva Segipana, os Clubes Cotinguiba e Industrial contrataram vários “craques” dos principais clubes de Futebol da Cidade de Salvador – BA, recebendo, inclusive, times dos Estados vizinhos para competir e garantir o sucesso do evento.

Para ajudar a conclusão do novo campo de foot-ball, os clubes de Aracaju deram sexta-feira passada, um benefício no Rio Branco, que teve uma concorrência boa e que deixou em todos os assistentes uma

impressão muito agradável. Além da exibição dum belo filme, alguns dos associados prestaram-se generosamente a trabalhar em trapézio, e terminou a festa com uma scena de Box. Destarde, esse módico auxílio contribuirá para ajudar as obras do << ground>> , que ao que nos consta, já vão muito adiantadas (CORREIO DE ARACAJU, 18 nov. 1919, p 2).

Em outras edições participavam ao público os esforços que estavam sendo reunidos por diversas entidades para o sucesso da construção do campo de futebol.

Tivemos em dia da semana que findou a oportunidade de ver de perto as obras que se estão elevando a efeito para a construção de vastíssimo campo para o jogo de foot ball. É merecedor dos mais encômios o esforço que estão empenhados os clubes Sergipe e Cotinguiba e a incansável directoria da <<Liga Desportiva Sergipana>> que tem a frente o denotado almirante Amintas Jorge. Seu benemérito presidente, para dar-se nessa capital a construção de um campo com todas as suas dependências... (JORNAL DO SÉCULO XX, 21 set. 1919, p 2).

Em 07 de março de 1920 inaugurava-se o primeiro *ground* de futebol de Sergipe, que recebeu o nome de Adolpho Rolemberg. Localizado entre as Ruas Vila Cristina e Vila Nova (atual Duque de Caxias), esse espaço foi o principal palco dos espetáculos esportivos de Aracaju durante 28 anos. O empreendimento fora construído com bases de alvenaria, arquibancadas de madeira e cobertura de zinco. Com o passar dos anos, as reformas necessárias para a manutenção do *Ground* não foram empreendidas, os clubes aos quais pertencia o Estádio alegavam falta de recursos financeiros para efetivar os reparos na estrutura do espaço. Com o desgaste e a deterioração, o campo foi interditado ao público e como consequência, o lugar foi demolido e o terreno foi vendido, com o valor rateado entre os clubes ao qual o terreno fora doado. Posteriormente o local foi ocupado por construções residenciais.

Em Aracaju, vários outros espaços foram projetados no âmbito urbano para impulsionar o desenvolvimento da cultura esportiva, tais como um Prado, constituído de uma pista para corridas de cavalos com arquibancadas para os espectadores e demais instalações pertinentes, inaugurado em 18 de novembro de 1922:

É amanha que os apreciadores do hippismo irão apreciar no coidado prado do Derby Club a magnífica corrida do sympathizado grêmio sportivo. É a décima quinta. Será, de certo, arrojadíssima, não só pelo entusiasmo que vem despertando, como ainda pelo facto de correrem animais afamados, vindos de fora do Estado, sendo 6 pareos e avultados os prêmios. A directoria tem se esforçado pelo esperado êxito de amanha, tendo conseguido que os bondes da linha do Matadouro comecem a trafegar ás 13 ½ horas. Será, incontestavelmente, inesquecível o triumpho do Derby Club ao

comemorar brilhantemente amanha o seu vitorioso primeiro aniversário de fundação (CORREIO DE ARACAJU, 17 nov.de 1923).

Eram perceptíveis os esforços para apoiar os acontecimentos esportivos, como a ampliação do sistema de transporte, além da própria iniciativa de trazer animais de outras localidades para garantir o sucesso do evento. Em Sergipe, o turfe se desenvolveu de forma diferenciada dos outros Estados, essencialmente por não ter surgido com um caráter eminentemente rural, uma vez que tenha nascido no espaço da cidade, que já se encontrava em um processo de urbanização e estruturação dos clubes de esportes.

Conforme Melo (2001) o turfe foi o primeiro esporte organizado no Brasil. O autor afirma que as experiências com as corridas de cavalo no Rio de Janeiro datam de 1810. No entanto, o registro mais antigo sobre as corridas de cavalo data de 1814, em uma nota publicada no jornal Gazeta do Rio de Janeiro, tendo o primeiro clube da cidade sido criado em 1849.

No compasso do desenvolvimento esportivo no Brasil, o Rio de Janeiro serviu de referência para as cidades que estavam se estruturando, em vista do entusiasmo com a prática do esporte, principalmente por ter sido a primeira cidade a viver a experiência esportiva de forma sistematizada.

Em Sergipe, a criação de espaços destinados ao turfe aconteceu na segunda década do século XX. A criação de um Prado ocorreu como tentativa de oferecer a população mais um espaço de diversão, local onde os indivíduos poderiam fazer suas apostas e os mais abastados expor suas riquezas.

Com referência a outras práticas, registra-se também a construção de um rink de patinação no ano de 1923, durante a administração do Governador Graccho Cardoso, instalado na Praça Benjamim Constant:

Foi introduzido um longo passeio a concreto, circulando o jardim da Praça Benjamim Constant. Pelo pouco tempo que dispúnhamos esta obra pode ser considerada um *tour de forci* (SIC). Como todos sabem, nesta praça se celebram as tradicionais festas de fim de anno de modo que alli é grande a fluência e pode-se dizer de toda população de Aracaju, se reúne naquele local para tomar parte nos divertimentos e festejos populares. O passeio tem 140 metros de comprimento por 5 de largura, portanto uma área de 700 m quadrados; é guarnecidos de meios fios de granito pela parte externa e de cimento pela arte interna, tem um lastro de concreto e é revestido de cimento grosso capaz de resistir grandes esforços. Esta grande área foi construída para o *sport* de patinação (BITTENCOURT, 1923, p. 34 - 35 apud BARBOSA, 1992, p.61).

Segundo Melo (2001), no Rio de Janeiro, a prática era adotada desde 1820, aumentando sua popularidade no ano de 1870 quando foi construído o primeiro rink, a época, denominado “*Skating Rink*”. Já em Aracaju, a implantação de um espaço de lazer constituído em forma de uma pista de patinação tentou ser um modelo representativo dos hábitos da elite europeia. Na capital sergipana, este mesmo espaço também era utilizado para os treinos e competições de “*law-tenis*”, de “*tag-of-war*” (cabo de guerra), corrida de velocidade, corrida com saltos, corrida de bandeiras pelas associadas do *Club Sportivo Feminino*.

Outro espaço de relevante prestígio foi a construção de uma garagem para embarcações, instalado no bairro Boa Vista, antiga Fundação, atual Av. Ivo do Prado, em 14 de agosto de 1910¹¹, privilegiando os clubes de regatas Cotinguiba e Sergipe, que a partir de então passaram a realizar com frequência regular os eventos náuticos.

A restauração da Ponte do Imperador, reestruturada segundo os modelos arquitetônicos que estivessem em harmonia com o novo tempo, foi de grande importância para os eventos náuticos. A Ponte do Imperador era um dos cenários mais atrativos da cidade, local onde o público assistia as competições de regatas e dos demais esportes aquáticos, além dos festejos promovidos no estuário do Rio Sergipe.

Já dentre as modalidades individuais terrestres, nota-se o aparecimento de algumas modalidades do atletismo no ano de 1922. Embora haja indício de que alguns indivíduos praticavam corridas isoladamente como forma de se exercitar pelos passeios no estuário do Rio Sergipe, esta atividade era pouco conhecida e não havia sido institucionalizada no Estado. Paulatinamente, a sociedade aracajuana experienciava novas práticas incluídas no seu cotidiano, a exemplo da primeira corrida pedestre da capital, prevista conforme anunciado no Correio de Aracaju de 07 de fevereiro de 1922, para uma distância de 5 mil metros, mas que se realizou num percurso de 3 mil metros, sendo que dos 26 inscritos apenas 9 compareceram e apenas 7 completaram a prova.

Realizou-se hontem as primeiras horas da manhã, a corrida a pé, em campo raso, na Praça Pinheiro Machado, no Bairro Santo Antônio, numa distancia de 3000 metros. Esta prova de atletismo apesar de ser feita agora pela primeira vez em nosso meio, não despertou o interesse que era de esperar, principalmente da parte daqueles que

¹¹ Correio de Aracaju, 17 de julho de 1910; O Estado de Sergipe, 17 de agosto de 1910.

se dedicam à prática do desporto. Tanto assim que dos 26 concorrentes inscriptos apenas 9 compareceram. O resultado foi o seguinte: 1º Lugar – Wanderley Ferreira, com 30 metros de diferença do segundo, tendo feito o percurso em 12 minutos e 55 segundos; 2º Lugar – Antônio Emydio Filho em 13 minutos e 07 segundos; 3º - José Florencio, em 13m e 41s; 4º Basilio Rocha em 14m e 30 s; 5º Fernando Barbosa em 15 m e 11 s; 6º Leopoldo Barreto em 15m e 14s; 7º e último Tennyson Ribeiro 15m e 23s (CORREIO DE ARACAJU, 8 fev. 1922, p 2).

Nas atividades aquáticas, destacaram-se o remo, a natação e o iatismo. Ainda assim, de forma muito esporádica, restrita à figura masculina da elite sergipana, no estuário do Rio Sergipe. Esse fato atraía a conceituada sociedade política e letrada da capital, acompanhada das suas famílias (filhas, esposas e sobrinhas), para prestigiarem o espetáculo que se tornaram as regatas ali disputadas, sendo logo organizadas em Clubes de Regatas:

Reuniram-se no dia 11 do corrente no edifício da Associação comercial desta capital, diversos moços empregados no comércio para deliberarem sobre a fundação de um Club Sportivo de Regatas, tendo ficado definitivamente assentado uma reunião para domingo próximo ao meio dia, no mesmo edifício, para a eleição da directoria, única divisão dos estatutos e eleição imediata da mesma Directoria, devendo neste dia ser instalada a sociedade (CORREIO DE ARACAJU, 19 out. 1910, p 2).

De acordo com Melo (2001), ainda no final do século XIX, em 1895, surgiu a tentativa de criar uma entidade que tivesse por finalidade regulamentar e controlar as atividades de remo. Em 1897 foi criada a União de Regatas, chamada de conselho Superior de Regatas. Em 1902, houve mais uma mudança, transformando-se na Federação Brasileira de Remo.

Conforme nos mostra Melo (2001, p. 127), esta instituição criou um código rígido de controle e estruturação dos clubes de regatas, tendo por objetivo: “Representar o sport náutico brasileiro, promover e auxiliar o seu engrandecimento, e organizar a defesa de seus interesses geraes”.¹²

Algumas das normas impunham o registro das embarcações, por divisão de categoria, números de associados, regulamentação dos uniformes, dentre outras, que pretensamente visavam o crescimento dos clubes e a organização das competições e eventos náuticos.

¹² Código do Conselho Superior de Regatas, Rio de Janeiro: Typografia. Ribeiro. Macedo & Cia. 1900. Apud Melo, op. cit., p 127.

Essa forma de organização dos clubes e entidades organizativas fez com que esta modalidade conquistasse um grande número de espectadores, estruturando-se em forma de espetáculo e adquirindo um crescente número de praticantes.

Melo (2001, p 127) registra que, o mesmo estatuto ainda deixava claro que “os efeitos do presente código poderão estender-se aos Clubes de Regatas fundados nos Estados Brasileiros, desde que sejam aceitas integralmente todas as suas imposições”. É importante observar que o regulamento do código fora elaborado com a intencionalidade de agregar sob os mesmos parâmetros todos os clubes organizados no Brasil, entretanto abria a concessão: “poderão estender-se aos clubes”, o que não significava a obrigatoriedade de que os clubes existentes fossem filiados à Federação e obedecessem a suas imposições. Todavia a adesão dos clubes a esse sistema garantia uma condição de legitimidade e reconhecimento nacional.

Em Sergipe, ao constituir um conselho superior de clubes de regatas, logo houve a preocupação em estruturar os clubes seguindo esse modelo; o que é conferido em uma nota de jornal que tem por título “Federação dos Clubes de Regatas em Sergipe”:

Ficou definitivamente assentado na última reunião da assembleia comum dos clubes de regatas deste estado o seguinte conselho superior: Nelson Pereira, Presidente; Vice, Américo Silva; Gentil Tavares da Mota, 1º secretário; Nelson Jaime, 2º secretário; Thesoureiro, Jecelyn Menezes e Honorico Lemos. Aos clubes de regatas deste estado, os quais já abraçam as normas dos grandes centros do Sport do remo, rumores por mais este passo dado para o progresso (CORREIO DE ARACAJU, 30 nov. 1911, p 2).

É possível inferir que, a adesão aos parâmetros estabelecidos pela Federação, estava de acordo com os interesses da elite praticante desse desporto, uma vez que estabelecia imposições que castravam as possibilidades de participação do público de uma forma geral. Segundo Melo (2001), para serem aceitos, os clubes deveriam ter um estatuto, ter diretoria idônea, ter no mínimo três embarcações, além da exigência de contribuição financeira mensal dos associados e uniformização adequada.

Para Elias (1992), o surgimento dos clubes e a conseqüente organização dos eventos esportivos representaram uma tentativa de estabelecer na cidade espaços sociais civilizados. O cultivo dos espetáculos esportivos afirmou-se através da sua relação com os projetos de urbanização e desenvolvimento da cidade, criando

ambientes que se configuraram pela recíproca relação de interdependência entre os indivíduos e destes com os espaços sociais.

A organização dos clubes e dos eventos esportivos configurou-se no cenário urbano como um instrumento bem quisto e viável, tanto para o saneamento dos corpos, como também para condicionar um novo elemento de expressão, de posicionamento social e principalmente de identidade com o local.

Desde a primeira década do século XX, a cidade de Aracaju assistiu diversas manifestações de organização dos acontecimentos esportivos, como a instalação do *Club Cotinguiba* em 10 de outubro de 1909¹³, uma semana depois, em 17 de outubro de 1909 foi instalado o *Club Sportivo Sergipe*¹⁴, na última semana de outubro do mesmo ano surgiu o Clube de Regatas da Associação Comercial¹⁵, em 18 de setembro de 1919 foi fundado o *Club Sportivo Feminino*¹⁶, e em 18 de novembro de 1922 foi inaugurado o *Derby Club*¹⁷.

Além da presença dessas instituições, a urbe aracajuana, no início do século XX, caracterizava-se pelas mais diversas formas de manifestação e consumação. A imprensa publicava que a venda dos ingressos para os jogos de “*foot ball*” havia esgotado, noticiavam também o deslocamento dos indivíduos e a superlotação dos torcedores em bares, cafés, confeitarias e diversos outros espaços públicos nos dias de eventos esportivos.

Após as competições eram realizadas festas dançantes em comemoração ao sucesso do evento. Estas eram promovidas pelas famílias da elite sergipana e oferecidas aos associados das agremiações. As festas aconteciam no Clube dos Diários, no Recreio Clube, na Capitania dos Portos, no Palácio do Governo, e no Palácio sede do CSF, espaços destinados aos festejos e reuniões sociais da capital.¹⁸

Nos jornais foram encontradas informações a respeito do conteúdo dos estatutos de algumas agremiações, destes, alguns instituíram que, para filiar-se aos clubes seria feito o pagamento de joias e mensalidades, e que o acesso do público

¹³ Correio de Aracaju, 10 de outubro de 1926.

¹⁴ Correio de Aracaju, 16 de outubro de 1926.

¹⁵ Correio de Aracaju, 19 de outubro de 1909.

¹⁶ Correio de Aracaju, 17 de setembro de 1919.

¹⁷ Correio de Aracaju, 12 de novembro de 1923.

¹⁸ Sergipe Jornal, 16 junho de 1926; Sergipe jornal, 12 de junho de 1926; Sergipe Jornal, 26 de junho de 1926; Sergipe Jornal, 10 junho de 1926; Sergipe Jornal, 06 de agosto de 1926; Sergipe Jornal, 13 julho de 1926; Sergipe Jornal, 31 de junho de 1926; Sergipe Jornal, 10 junho de 1926; Sergipe Jornal, 05 de agosto de 1926; Sergipe Jornal, 18 de agosto de 1926.

aos eventos deveria ser feito por meio de compra de ingresso¹⁹. Fato que despertava nos indivíduos o desejo de pertencimento, e logo a sociedade mobilizava-se para agregar-se de alguma forma ao espetáculo esportivo, com o propósito de constituir uma identidade coletiva possibilitando o contato e a sociabilidade. Tais aspectos faziam confirmar o desejo ao associativismo esportivo como forma de identificação coletiva, expressando assim a configuração de uma possível sociabilidade.

Outros assumptos foram resolvidos pela Assembléia, quaes os de joias e mensalidades e o nome que deveria ter o club. A proposta do Sr. Commandante Oscar Azevedo, para que ficassem isentos do pagamento da joia as sócias fundadoras, não foi aceita em vista da ponderação feita pelo presidente de que elas traria um grande << deficit >> para as finanças da nova sociedade que, por enquanto, ainda não dispõe dos elementos necessários, e grandes despesas tem a fazer. Assim, pois, após algumas discursões entre as associadas, ficou resolvido que a joia fosse de 5\$000 e a mensalidade de 2\$000 (CORREIO DE ARACAJU, 17 set. 1919, p 2).

No início do século XX, a capital sergipana, se não estava preparada, ao menos já apresentava condições favoráveis para o desenvolvimento de grandes eventos esportivos, o que despertava o desejo de representar as manifestações culturais que circulavam na Europa, como a introdução de modalidades novas, das quais grande parte das atividades ainda estava sendo experimentada em outros países. Todavia, não foi encontrada uma referência direta nos jornais de Sergipe sobre a cultura esportiva europeia. No entanto, os jornais e revistas de outros Estados o noticiavam com frequência, e a capital aracajuana, por sua vez, tomava como parâmetro o compasso do desenvolvimento esportivo das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Os jornais, não raras vezes, equiparavam o progresso do esporte em Sergipe com estas “metrópoles em desenvolvimento”²⁰.

Os indivíduos que se apropriaram das atividades esportivas, seja por promovê-las ou praticá-las, o fizeram no sentido de tentar aproximar-se de um modelo civilizado e concentraram essas representações em uma instituição que as reconhecia como práticas legítimas no meio social.

Processo similar foi apontado por Sevcenko (1998), em São Paulo, onde afirma que, uma cidade que se quer moderna sabe que o movimento está nas ruas, no ambiente público, não no ambiente privado. Portanto, surgia a necessidade das

¹⁹ Correio de Aracaju, 17 de setembro de 1919.

²⁰ SERGIPE JORNAL, 18 de outubro de 1924;

práticas culturais de movimento, tais como esportes, festas, bailes, bem como a promoção de eventos e criação de espaços que promovam o deslocamento dos indivíduos e os levem a uma “mobilização permanente”.

A partir de Elias (1992), é possível perceber que o espetáculo esportivo configurava-se por manifestações desencadeadas com o intuito de oferecer as pessoas uma excitação libertadora de uma disputa que envolvesse esforço físico e destreza, e estava intrinsecamente relacionada às transformações do significado social das atividades de lazer, dissipando-se não apenas como meio de sensação agradável, mas principalmente como meio de identificação coletiva.

Ao se tratar de produzir excitação, o esporte espetáculo tende a causar uma destruição da rotina, a qual pode ser entendida:

como sendo canais correntes de acção reforçada por interdependência com outros, e impondo ao indivíduo um grau bastante elevado de regularidades, estabilidade e controlo emocional na conduta, e que bloqueiam outras linhas de acção, mesmo que estas correspondam melhor a disposição, aos sentimentos, às necessidades emocionais do momento (ELIAS, 1992, 149).

Ao vermos o desenvolvimento das experiências, espaços e ações esportivas em Aracaju identificamos que estas práticas foram, para a cidade e seus cidadãos, uma forma de aproximação com uma noção de modernidade, um desejo de fazer a capital sergipana aspirar ares modernos, já vividos em outras localidades. Importa afirmar que estas vivências se deram em função das peculiaridades locais e que mesmo, se ajustaram aos potenciais e capacidades que existiam no momento, ou seja, sua estruturação e desenvolvimento se deram num cenário de realidade.

Neste sentido, a presença feminina aconteceu dentro de parâmetros que atendiam ao instituído à época, ou seja, era uma marca de “embelezamento”, entretanto, também ocorreu como resistência, de construção de novas aspirações ao papel da mulher em sociedade, configurando a ambiguidade da modernidade, elemento marcante em sua compreensão. Mais sobre a mulher e o esporte em Aracaju, seguimos vendo adiante.

4 APROXIMAÇÕES DAS MULHERES COM O ESPORTE EM SERGIPE

O envolvimento de algumas mulheres com o universo esportivo se deu, em um primeiro momento, como público espectador das regatas promovidas no estuário do Rio Sergipe. A presença das mulheres nos espaços destinados ao lazer da elite aracajuana inaugurou uma nova relação de visibilidade feminina com os espaços sociais que emergiam com a dinâmica da modernidade.

Com a organização do esporte, através da fundação dos clubes de futebol e regatas, e com a projeção de espaços destinados aos eventos esportivos em Aracaju, as possibilidades de aparição e deslocamento da mulher ampliaram-se para além dos ambientes já instituídos como permissivos, tais como a casa, a escola e a igreja, estendendo-se também ao âmbito público de divertimento. Neste processo, a imprensa foi a principal veiculadora da construção de uma imagem feminina distinta, sensível e apreciada nos círculos sociais destinados a prática esportiva.

Cotinguiba Sport Club - Mais uma belíssima festa vai ser promovida por esta apreciada associação sportiva, no dia 31 do corrente mez, data em que será inaugurada a sua garagem, construída no bairro Boa Vista, antiga Fundação. Para solenizar o acto, revestindo-o do máximo brilhantismo, a sua directoria resolveu organizar uma regata íntima entre os sócios do club, num páreo de natação, inauguração do tiro ao alvo, e uma esplendida matiné oferecida como símbolo de gratidão e homenagem as senhoras e senhoritas que concorreram com prendas (CORREIO DE ARACAJU, 17 jul. 1910, p 2).

Sergipe Desportivo - Realiza-se hoje o torneio entre os symphatizados Clubs <<Sergipe>>, <<Cotinguiba>> e <<Industrial>>. Ao vencedor do torneio será dado pela Liga <<Desportiva>> um rico relógio que se acha em exposição no <<Ao Preço Fixo>>. Uma comissão de senhorinhas fará a entrega das medalhas aos campeões do ano passado. << Cotinguiba e Sergipe>> (JORNAL DO SÉCULO XX, 22 jun. 1919, p 2).

Ao percorrer as páginas dos jornais foi possível identificar como a imprensa expressava de diferentes formas a presença feminina em ambientes de divertimento. Uma era em forma de convite, outra, de homenagens. Era perceptível a motivação para que as mulheres marcassem presença nos festivais esportivos, nas inaugurações de espaços destinados ao esporte, e nos bailes de comemoração das competições.

As colunas das crônicas esportivas, ao anunciarem os eventos, informavam que as senhorinhas que comparecem concorreriam a delicados mimos, brindes e flores ofertados pelos patrocinadores da festa. Por vezes, convidavam-nas com antecedência para que participassem nos eventos realizando a entrega das premiações. Estas ações revelavam o quanto a presença das mulheres era bem quista e desejada, principalmente por conferirem aos espaços um ar de ambiente sadio e familiar.

Para além da presença social nos eventos, as mulheres tiveram as suas primeiras experiências com o esporte em espaços públicos em uma competição de remo promovida em 11 de junho de 1919. Sobre este ponto, escreveu o Correio de Aracaju:

A regata realizar-se-á a 11 de junho promovida pelo Sr. Comandante Oscar Azevedo em comemoração a Batalha de Riachuelo em benefício da Liga Contra o Analfabetismo, promete ser encantadora, attendendo-se ao programma já delineado.

Conforme já foi anunciado haverá um páreo de canoas à vela, outro de saveiros à vela, 2 entre os valorosos clubs, Cotinguiba e Sergipe e por guarnições que ainda não tenham tomado partes em regatas, 1 entre embarcações das repartições federais e estaduais, 2 páreos disputados por moças além do páreo de apresentação de embarcações ornamentadas, dedicado ao Exm. Sr. Coronel Presidente do Estado, que offerecerá um prêmio a embarcação que ornamentada se apresentar com mais gosto, e ao qual já prometteram o seu concurso apresentando uma embarcação ornamentada os srs. Cruz Irmãos, Alberto Chaves, Adalberto Monteiro, Ciciliano Andrade, Thales Ferraz e Oscar Azevedo (este pelo Club dos Diários), foi o programma aumentado, com mais um páreo de natação, entre os aprendizes de marinheiros e patrono o Sr. Almirante Amynthas José Jorge havendo, entre os intervalos do 5º páreo para o 6º páreo, exercício de gymnastica sueca e esgrima de baxonetra pelos aprendizes de marinheiros, exercícios estes feitos em frente a grande archibancada que vai ser levantada em frente a referida escola onde será determinado o ponto de chegada das embarcações. Os dois páreos das moças já estão organizados, correndo 3 guarnições em cada pareo.

São as seguintes senhoritas que se desegnaram abrilhantar com o seu concurso a regata.

6º Pareo – Comandante Oscar Azevedo 400 metros Botes de 2 remos. Colibry – Galhardete Encarnado; Patrão - Senhorita Candoca Jorge; Remadoras – Marina Jorge e Hayder Góis. Flirt – Galhardete Azul; Patrão – Senhorita Leonor Queiroz; Remadoras - As senhoritas Nair e Eleonora Jorge; Esperança – Galhardete Verde; Patrão – Senhorita Celsa Almeida; Remadoras – Senhoritas Luizinha Paes e Nedith Lopes.

7º Páreo – Guarda Marinha 400 metros, botes a 2 remos Yanker – Galhardete Azul; Patrão – Senhorita Ceres Araújo; Remadoras – Senhoritas Odete Araújo e Riso Bittencourt; Primavera

– Galhardete Verde; Patrão – Senhorita Edeltrudes Figueiredo; Remadoras – Senhoritas Aracy Paes e Josmesia Figueiredo; Veloce – Galhardete Encarnado; Patrão – Haydeé Moura; Remadoras – Senhoritas Jesuína Alves e Ilnah Santiago (CORREIO DE ARACAJU, COMEMORAÇÃO da Batalha de Riachuelo, 1 jun. 1919, p 2).

A referida festa esportiva fora planejada em alusão à comemoração do resultado da Batalha do Riachuelo, cujos recursos angariados seriam revertidos em benefício da Liga Contra o Analfabetismo. Para a realização do festival fora projetada uma grande estrutura, com montagem de arquibancadas, preparação das embarcações, confecção de um programa extenso e variado de práticas esportivas, tais como competições de bote a dois remos, de barco a vela, de saveiros, de natação, apresentações de ginástica sueca e esgrima; além da competição de barcos ornamentados.

Participaram do programa esportivo os clubes Cotinguiba, Sergipe e *Club dos Diários*; guarnições das repartições federais e estaduais; alunos da Escola de Aprendizizes Marinheiros; o Almirante Amintas José Jorge, os srs. Cruz Irmãos, Alberto Chaves, Adalberto Monteiro, Ciciliano Andrade, Thales Ferraz e Oscar Azevedo; e as senhoritas Candoca Jorge, Marina Jorge, Hayder Góis, Leonor Queiroz, Nair, Eleonora Jorge, Celsa Almeida, Luiza Paes, Nedith Lopes, Ceres Araújo, Odete Araújo, Riso Bittencourt; Edeltrudes Figueiredo, Aracy Paes, Josmesia Figueiredo, Haydeé Moura, Jesuína Alves e Ilnah Santiago.

Conforme anunciado no Jornal Correio de Aracaju, os páreos que seriam disputados pelas moças já estavam organizados. As 18 mulheres que tomaram parte nas atividades de remo já haviam recebido algumas instruções sobre o trato com as embarcações. De acordo com o Jornal do Século XX as senhoritas que tomariam parte nas regatas já exercitavam a prática do remo há algumas semanas, com o intuito de se prepararem para o festival esportivo do dia 11 de junho.

Por iniciativa do commandante Oscar Azevedo, vamos ter, no próximo dia 11, pares de regatas disputadas por gentis senhorinhas. Os ensaios vaem sendo realizados há algumas semanas, e é um gosto ver como as nossas delicadas patrícias já manejam o remo com desembaraço! E necessário, e indispensável mesmo que, após a regata, as sergipanas não abandonem o desporto iniciado. Funde-se um club de regatas de senhorinhas, para que o belo sexo perca definitivamente o titulo fraco, que tão mal lhe vai (JORNAL DO SÉCULO XX, 01 jun. 1919, p 2).

A participação das mulheres era noticiada com uma frequência cada vez maior e não eram raras as notas sobre a ocupação delas nos ambientes esportivos e espaços de lazer da cidade. Durante os eventos, os entusiastas do esporte demonstravam interesse em promover o desenvolvimento da prática feminina feminino, seguindo o modelo dos Estados brasileiro que já vinham propiciando esta vivência.

O entusiasmo despertado com a participação das mulheres nas regatas foi repercutido em diversos jornais e nos círculos sociais como uma ideia de progresso. De acordo com Dantas Junior (2017, p.14) “essas regatas desnudaram o desejo e motivação das mulheres aracajuanas em adentrarem a cena pública em práticas, até então, vistas como masculinas”. O referido autor toma como referência a compreensão de avanço da modernidade burguesa exposta por Eric Hobsbawm (2006), para refletir sobre o significado da mudança brusca no visual e na dinâmica social, a partir do deslocamento da mulher da elite aracajuana do âmbito privado, para o público no início do Século XX.

A perspectiva de instalação de um clube que propiciasse práticas esportivas às mulheres era argumentada, a partir do parâmetro de desenvolvimento dos esportes femininos, iniciados nas metrópoles do país, com a criação de clubes e associações desportivas só para elas, sob o discurso de que essas atividades propiciariam o desenvolvimento saudável e harmonizado do seu organismo, o que conseqüentemente lhe desvaleria o título de “sexo frágil”.

Assim anunciava o Diário da Manhã, em matéria de 08 de agosto de 1919: “Não tardará, pois, que esta capital possua um clube de desportos para moças, o que se deve ter em conta e útil e proveitoso, como exemplo dignificante dos principais centros do país”. A afirmação do jornal estava respaldada no desejo expressado pelo Almirante Aminthas Jorge, durante o festival esportivo do dia 11 junho, em promover o desenvolvimento do esporte feminino em Sergipe.

Logo após as regatas, o almirante solicitou que Oscar Azevedo enviasse circulares para o endereço das moças que haviam iniciado a prática do remo, convidando-as para uma reunião, com o propósito de criar uma agremiação de esportes para mulheres.

O grande entusiasmo despertado, na última regata, pelo desporto de remo das moças, veio demonstrar-me que a idéia acolhida foi de grande sympathia. Atendendo a esse acolhimento sympathico e

querendo satisfazer, não só a pedido de diversas pessoas, que me animaram a não deixar arrefecer o entusiasmo despertado, como também, e mui principalmente, com o dever de cumprir os desejos das senhoritas que tanto me auxiliaram para o realce e brilho daquela festa, algumas das quaes mostram desejos de continuar os exercícios, resolvido estou a esforçar-me para que seja de fato a inauguração de um club de desportos para moças, club este que além do remo, outros divertimentos possam proporcionar, como sejam a patinação e o jogo do low ténis. Fazendo-vos esta comunicação é meu intuito solicitar-vos o valioso concurso e que grande prazer terei se comparecerdes a reunião, que ora marco, para tratar-se do fim almejado, a qual terá lugar no dia 14 de julho às 12 horas, na Capitania dos Portos, e para a qual rogo, por vosso intermédio, o obsequio da presença, sempre gentil, das senhorinhas que iniciaram o sport do remo, as quaes serão consideradas as fundadoras do projectado Club – OSCAR AZEVEDO (JORNAL DO SÉCULO XX, 6 jul. 1919, p 2).

O título da carta encaminhada pelo Capitão dos Portos de Sergipe Oscar Alberto Lins de Azevedo, à edição do Século XX, de 06 de julho de 1919 era “Uma Grande Reunião”. O Jornal dedicou a coluna “Sergipe Desportivo”, exclusivamente para publicar a carta, cujo principal escopo era participar a sociedade aracajuana a novidade da projeção de um clube de esportes para mulheres. Em suas palavras, Oscar Azevedo esclarecia a motivação do seu ato, que era de atender ao pedido não só dos entusiastas do esporte feminino, mas principalmente o desejo das moças, que demonstraram interesse em continuar com os exercícios esportivos. Em sua carta o comandante ainda ratificava o compromisso marcado por meio de circulares enviadas as residências das mulheres que comporiam o quadro da agremiação, para a reunião que teria lugar na Capitania dos Portos.

A imprensa era convidada a acompanhar o amadurecimento da ideia de fundação do grêmio feminino²¹, noticiando as convocações para as reuniões, e, publicando as circulares que o Capitão Oscar Azevedo enviava às moças que participaram das regatas do dia 11 de junho. Os anúncios informavam também sobre a construção de barcos apropriados para as moças e sobre a ampliação das modalidades que seriam praticadas. De modo geral, a imprensa participava à sociedade o compasso dos preparativos que estavam sendo providenciados para que as mulheres iniciassem efetivamente a prática esportiva.

²¹ Foram encontradas manchetes que acompanhavam ‘o progresso da fundação do *Club Sportivo Feminino* nos seguintes edições dos jornais: Jornal do Século XX, Aracaju, 06 de julho de 1919; Correio de Aracaju, 12 de agosto de 1919; Correio de Aracaju, 17 de agosto de 1919; Correio de Aracaju, 13 de setembro de 1919; 17 de setembro de 1919; Diário da Manhã, 18 de julho de 1919; Diário da Manhã, 08 de agosto de 1919; Diário da Manhã, 13 de agosto de 1919; Diário da Manhã, 17 de agosto de 1919.

No jornal Correio de Aracaju, de 12 de agosto de 1919, foi anunciado a emissão dos convites enviados pelo Comandante dos Portos Oscar Azevedo às famílias das senhoritas que comporiam a agremiação feminina, as quais, segundo o jornal, já haviam aderido a ideia de associação, e por esse motivo considerava que a proposta de fundação do clube já se achava inteiramente vitoriosa. Nas circulares encaminhadas era solicitado que as senhoras e senhoritas que tivessem recebido os convites e que por algum motivo ainda não haviam se pronunciado sobre o assunto, que o fizessem com a máxima urgência, a fim de ser realizada a sessão preparatória do clube. No mesmo documento, o Comandante certificava: “Por nossa vez louvamos o empreendimento e concitamos o público a aplaudi-lo”.

Com isso, o comandante informava ao público que o empreendimento para as mulheres era legítimo. Nota-se o esforço em levar ao público o sentimento de aceitação da iniciativa, uma vez que já estava anunciado o louvor dos dirigentes esportivos e dos homens de respeito notório na sociedade aracajuana, a exemplo dos militares, representantes em Sergipe, da Força Nacional.

Na edição de 15 de agosto, em coluna exclusiva dedicada ao *Club Sportivo Feminino*, o Correio de Aracaju anunciou:

Vai tendo grande aceitação, segundo nos consta a ideia de fundação do Club Esportivo Feminino, que vem proporcionar divertimento nunca visto antes nesta cidade como sejam a patinação e os jogos de Lawn-tenis e ping-pong, não faltando no esporte do remo que pelo enorme sucesso alcançado na última regata e pela grande sympathia com que foi acolhido, será o seu principal divertimento. [...]. O Sr. commandante Oscar Azevedo, incumbido, como se acha, pela comissão organizadora do referido Club, de marcar a reunião para se tratar da fundação do citado Club com a eleição da directoria e formulação dos seus estatutos, roga as distintas e gentis senhoras e senhoritas o obsequio de responderem com a possível brevidade às circulares que lhes foram remettidas, fazendo-lhes sentir que é seu intuito, na reunião a realizar-se, propor não só que sejam dispensadas do pagamento das jóias aquelas que responderem affirmativamente às referidas circulares, acquiescendo, assim, ao pedido da comissão organizadora e entrando, deste modo, para a fundação do Club (CORREIO DE ARACAJU, 15 ago. 1919, p 2).

A reunião que havia sido projetada para instalação do *Club Sportivo Feminino* realizou-se, conforme prévio aviso, no dia 14 de julho de 1919, tendo sido convidadas as dezoito moças que deram início a prática do remo no festival comemorativo da Batalha de Riachuelo. Destas, compareceram apenas seis: Odette Araujo, Ilnah Santiago, Marina Jorge, Jesuína Alves, Hydée Goes e Josmésia Figueiredo. As

demais justificaram a sua ausência ao tempo que confirmaram o desejo de participar da associação. O Sr. Chryssolito Chaves também havia sido convocado para a reunião, no entanto não compareceu e fez-se representar pela sua esposa e filha Esther Chaves e Berenice Chaves.

Com a presença do almirante Aminthas Jorge, oito mulheres, e de alguns representantes da imprensa local, o comandante Oscar Azevedo, Capitão dos Portos do Estado de Sergipe, deu início em sua residência, na Capitania dos Portos, a reunião que concretizava o primeiro passo para a fundação de uma agremiação esportiva para mulheres.

Ao iniciar a reunião, Oscar Azevedo solicitou que o almirante Amintas Jorge, idealizador do clube, assumisse a presidência da reunião. Ao tomar a presidência, o almirante Amintas Jorge congratulou-se com as moças presentes pelo louvável passo que davam ao aquiescerem o convite que lhes fora enviado. Em seguida fez algumas considerações sobre o desenvolvimento do esporte e sobre a necessidade que a mulher também tinha da sua educação física. Afirmando ele, conforme a redação do Diário da Manhã de 18 de julho de 1919, que

certo estava de que a sua ideia, iniciada no dia 11 de junho e recebida com grande entusiasmo por todos aqueles que assistiram ao magnífico espetáculo, que seria acolhida com *sympatia* devida pelos espíritos cultos desta cidade.

Ao expor os fins do clube que se pretendia inaugurar, o Almirante sugeriu que as senhoras também deveriam fazer parte do clube, mesmo porque, maior distinção e consideração trariam a ele. E assim propôs que organizassem a diretoria da projetada associação, que fossem dirigidas circulares firmadas por todas as senhoritas que compareceram aquela reunião, a todas as senhoras de distinção da capital, de forma que lhes fosse solicitado o concurso para a instalação do referido clube. Na mesma ocasião o almirante Amintas Jorge encarregou o Comandante Oscar Azevedo de tomar as providências para a fundação do clube, a começar por redigir as cartas de convite a serem direcionadas a todas as moças e senhoras distintas da cidade.

Oscar Azevedo agradeceu a honrosa incumbência, porém fez ver que melhor inspirado estaria o presidente se tivesse feito recair a escolha do Sr. Chryssolito Chaves, o qual, segundo Oscar Azevedo saberia melhor revestir os convites.

Entretanto, o Almirante Amintas Jorge não recuou da incumbência e determinou que as circulares ficariam a cargo dos senhores Oscar Azevedo e Chryssolito Chaves.

Embora também fosse determinado que as mulheres se fimassem nos convites que seriam enviados, a dominância e relação de força se fez presente, hipoteticamente, pelo esporte se configurar como um campo de domínio masculino, o compromisso não poderia recair sobre uma senhora, mesmo que em uma posição social distinta em tal época, devido a noção de que as lideranças de atos institucionalizados deveriam ser de assunção dos homens.

Assim, a tarefa de organizar, estruturar e fundar o clube esportivo para mulheres foi atribuída, pelo almirante Amintas José Jorge, ao Comandante dos Portos de Sergipe, Capitão de Corveta Oscar Alberto Lins de Azevedo, que passou a empenhar-se com os convites, motivando as mulheres da elite aracajuana a comporem o quadro da nova sociedade feminina.

Continuam em boa marcha os preparativos para a fundação de um club desportivo feminino nesta capital, graças aos esforços do Sr. Commandante Oscar Azevedo, distinto Capitão dos Portos do Estado. Estamos certos que as senhoras e as senhorinhas patricias, as quaes já foram dirigidas circulares neste sentido, não deixarão de levar em consideração, tão grande e magnifica ideia, que certamente muito as beneficiarão para o futuro. Não tardará, pois, que esta capital possua um club de desportos para as moças, o que se deve ter em conta e útil e proveitoso, como exemplo dignificante dos principaes centros do país. As respostas das circulares devem ser dirigidas a comissão organizadora do Club Desportivo Feminino, na Capitania do Porto (DIÁRIO DA MANHÃ, 8 ago. 1919, p 2).

Os jornais Correio de Aracaju, Diário da Manhã e Jornal do Século XX recebiam as circulares elaboradas para a sessão preparatória da fundação da agremiação esportiva feminina. A pretensão era repercutir o entusiasmo na sociedade feminina, no sentido de despertar o interesse para a prática de esportes e de outros divertimentos que emergiam com a dinâmica das sociedades modernas.

Grande entusiasmo vae despertando a idéia da fundação o Club Sportivo Feminino. As adhesões, segundo somos informados, já se contam em número bem regular e estamos certos de que em breve teremos aqui divertimentos próprios de uma cidade adeantada. Pelo grande sucesso obtido com a última regata realizada, que, não há como negar, esteve surprehendente, pode se a avaliar das belíssimas surpresas que havemos de admirar quando for um facto a fundação do Club Sportivo Feminino, que nos irá proporcionar diversões nunca vista nesta cidade. É desejo do Sr. Commandante Oscar Azevedo realizar uma regata no dia 15 ou 19 de novembro, esperando já faze-

la em barcos apropriados para moças, motivo pelo qual esta ansioso para marcar a reunião para se tratar da fundação do referido Club com a elaboração dos seus estatutos e eleição da sua directoria, sendo seu intuito propor nessa reunião que sejam dispensadas das jóias as sócias fundadoras, que serão aquellas que responderam affirmativamente as circulares distribuídas. Pede, pois, o Sr. Commandante Oscar Azevedo, por nosso intermédio, as distinctas senhoras e senhorinhas a gentileza de aquiescerem ao convite, que lhes for dirigido pela comissão organizadora, e responderem com brevidade (DIÁRIO DA MANHÃ, 17 ago. 1919, p 2).

O comunicado elaborado pelo comandante Oscar Azevedo e dirigido a sociedade, informava a intenção de adequar as atividades ao modelo feminino, demonstrando a preocupação em preparar os barcos de maneira adequada para as moças. Outra forma de motivação expressada foi a de lançar a oferta de isenção da jóia, àquelas que respondessem afirmativamente aos convites e apresentassem-se como fundadoras do clube.

As convocatórias para a instalação da agremiação, com o pedido de resposta das mulheres foram anunciadas com freqüência, durante os meses de julho, de agosto e de setembro do ano de 1919. A última chamada para a sessão de fundação do clube foi publicada na edição do Correio de Aracaju de 13 de setembro de 1919, que solicitava que as senhoras e senhoritas que haviam aquiescido o convite, bem como aquelas que desejassem associarem-se, comparecessem a reunião de fundação marcada pelo comandante dos Portos, para o dia 14 do mês de setembro de 1919.

Encarregado pela comissão organizadora de marcar uma sessão logo que as circulares, em nomear suficiente, tivesse uma resposta afirmativa, pede-nos o Sr. comandante Oscar Azevedo que scientifiquemos às ilustres e distinctas senhoras e senhoritas que já aquiesceram ao convite, bem como as que desejarem fazer parte do referido Club, que no domingo, 14 do corrente, às 14 horas, no salão principal do Club dos Diários, terá "lugar" uma reunião para a qual roga a gentileza dos seus comparecimentos, reunião na qual tratar-se-á entre outros assumptos referente a organização do Club Sportivo Feminino, o da Eleição da sua directoria. O Comandante Oscar Azevedo, certo de que só um motivo de força maior obrigaria as ilustres senhoras a não terem ainda respondido as circulares que lhes foram dirigidas, resolveu de acordo com a comissão organizadora, considera-las sociais no mencionado Club (CORREIO DE ARACAJU, 14 de setembro de 1919).

É notável que até o momento do envio da circular não havia número suficiente de mulheres para a fundação do clube. No entanto, foi reforçado o convite, ao tempo

que foi solicitado o comparecimento daquelas que já haviam respondido afirmativamente.

Na edição do Correio de Aracaju de 17 de setembro, publicada após a reunião de fundação do clube, foram notificados os nomes das mulheres que estiveram presentes na reunião e também das senhoras que não estavam presentes, mas que responderam as circulares, e por isso foram consideradas pelo almirante Oscar Azevedo e por Amintas Jorge, fundadoras do clube.

O fim principal da reunião foi a eleição da directoria. Não sabemos se havia alguma chapa oficial, entretanto, pelo modo como elas, senhoras e senhorinhas, agiram, mostraram quão são independentes escolhendo para os respectivos cargos aquelas que lhes pareciam mais aptas. [...]. Com a presença, pois, das senhoras D. Maria Eulália Azevedo, Consuelo Paes, Laura Mascarenhas de Souza, Jesuína Jorge, Dulce Graça Leite e Emilia Muniz Telles e senhorinha Nedith Lopes, Ceres Lopes, Marina Jorge, Celsa Almeida, Jesuína Alves, Rosita Lopes, Candoca Jorge, Josmesia Figueiredo, Edeltrudes Figueiredo, Ilda Valois Galvão, Josephina Lima, Maria José Lima, Maria Almeida de Souza, Maria Ceres de Oliveira, Norma Reis, Haydé Moura, Ilnah Santiago, Giselia Santiago, Leonor Queiroz, Luiza Paes, Aracy Paes, Haydée Góis, Cesartina Régis, Anna Tavares da Mota, Cecília Curvello, Odette Araújo, Nair Oliveira, Ceres Araújo, Lilioza Figueiredo e Almeirinda Góes, foi pelo presidente da Assembléia, o Sr. Almirante Amynthas Jorge, aberta a sessão.

Depois de se ter o presidente congratulado com as senhoras e senhorinhas presentes, as quaes agradecia a gentileza das suas presenças, pelo entusiasmo que vae despertando a fundação do << Club Sportivo Feminino >> mandou fazer a leitura da relação das senhorinhas e senhoras que se já haviam manifestado favoravelmente, mandando inscrever os seus nomes no quadro social do referido club.

Além das senhoras e senhorinhas acima citadas vimos mais notificadas já os nomes das senhoras Adalberto Monteiro, Octaciano Mattos, Luiz de Figueiredo Martins, José do Couto Faria, Manuel Franco Freire, Manuel Soares Castellar, José soares da Silva, Dr. Manoel Thomaz Gomes da Silva, desembargador Caldas Barreto, José Soares da Silva, Dr. Virgílio de Sant'anna, Conchita de Souza Lacerda, Dr. Manuel Thomaz Gomes da Silva, Desembargador Caldas Barreto, José Alcides Leite, Pedro Ribeiro Cardoso, Joaquim Lins de Carvalho, José Luiz de Andrade, Nyceu Dantas e João Firpo; e das senhorinhas Eurídice Chaves, Berenice Choves, Riso Bettencourt, Ivete Góes, Marisette Gés, Annita Leite, Laura Amazonas, Elze Jorge Coelho e Dinorah Fortes (CORREIO DE ARACAJU, 17 set. 1919, p 2).

Na redação da edição de 17 de setembro de 1919 do Correio de Aracaju, foi possível quantificar o número de 68 mulheres que responderam positivamente aos convites que lhes foram emitidos para se associarem ao *Club Sportivo Feminino*. Entretanto apenas 36 compareceram a reunião convocada.

Na assembleia do dia 14 de setembro houve a eleição da primeira diretoria do clube. Quinze mulheres se candidataram aos cargos da gestão, incluindo o nome de Thereza Lobo, esposa do Presidente do Estado, que na ocasião fora representada pelo seu marido Coronel Joaquim José Pereira Lobo.

QUADRO 1: MULHERES QUE RESPONDERAM POSITIVAMENTE AO CONVITE PARA ASSOCIAREM-SE AO CLUB SPORTIVO FEMININO

	NOME DAS SENHORINHAS	CONDIÇÃO NA REUNIÃO
1	Ana Tavares da Mota	Inscrita no clube
2	Annita Leite	Não compareceu a reunião
3	Aracy Paes	Inscrita no clube
4	Almerinda Goes	Inscrita no clube
6	Berenice Chaves	Não compareceu a reunião
7	Candoca Jorge	Inscrita no clube – elegível
8	Ceres Araújo	Inscrita no clube
9	Ceres Lopes	Não compareceu a reunião
10	Ceres Oliveira	Inscrita no clube – elegível
11	Cecília Curvello	Inscrita no clube – elegível
12	Celsa Almeida	Inscrita no clube – elegível
13	Cesartina Régis	Inscrita no clube – elegível
14	Dinorah Fortes	Não compareceu a reunião
15	Edeltrudes Figueiredo	Inscrita no clube
16	Elze Jorge Coelho	Não compareceu a reunião
17	Euridice Chaves	Não compareceu a reunião
18	Gisélia Santiago	Inscrita no clube
19	Haydée Goes	Inscrita no clube
20	Hayde Moura	Inscrita no clube - elegível
21	Ilda Velois Galvão	Inscrita no clube
22	Ivete Góes	Não compareceu a reunião
23	Ilnah Santiago	Inscrita no clube - elegível
24	Jesuina Alves	Inscrita no clube
25	Josephina Lima	Inscrita no clube
26	Josmésia Figueiredo	Inscrita no clube
27	Laura Amazonas	Não compareceu a reunião
29	Leonor Queiroz	Inscrita no clube - elegível
30	Luiza Paes	Inscrita no clube - elegível
31	Lilioza Figueiredo	Inscrita no clube
32	Maria José de Lima	Inscrita no clube
33	Maria Amélia de Souza	Inscrita no clube - elegível
34	Maria Ceres de Oliveira	Inscrita no clube
36	Marina Jorge	Inscrita no clube - elegível
37	Marizete Góes	Não compareceu a reunião
38	Nair Oliveira	Inscrita no clube
39	Nedith Lopes	Inscrita no clube
40	Norma Reis	Inscrita no clube
41	Odete Araújo	Inscrita no clube
42	Riso Bittencourt	Não compareceu a reunião
43	Rosita Lopes	Inscrita no clube
	NOME DAS SENHORAS	Não compareceu a reunião
44	Adalberto Monteiro	Não compareceu a reunião

45	Amyntas Jorge (Jesuína Jorge)	Inscrita no clube - elegível
46	Comandante Oscar Azevedo (Maria Eulália da Silva Azevedo)	Inscrita no clube - elegível
47	Conchita de Souza Lacerda	Não compareceu a reunião
48	Coronel José Joaquim Pereira Lobo (Thereza Lobo)	Inscrita - representada pelo marido – elegível
49	Dr. Alcebiades Paes (Consuelo Paes)	Inscrita no clube - elegível
50	Desembargador Caldas Berreto	Não compareceu a reunião
51	Dulce Graça Leite	Inscrita no clube
52	Ester chaves	
53	General Gonçalo Muniz Telles (Emília Muniz)	Inscrita no clube - elegível
54	Joaquim Lins de Carvalho	Não compareceu a reunião
55	João Firpo	Não compareceu a reunião
56	José Alcides Leites	Não compareceu a reunião
57	José Couto Faria	Não compareceu a reunião
58	José Luís de Andrade	Não compareceu a reunião
59	José Soares da Silva	Não compareceu a reunião
60	Laura Mascarenha de Souza	Não compareceu a reunião
61	Luiz Figueiredo Martins	Não compareceu a reunião
62	Manuel Franco Freire	Não compareceu a reunião
63	Manoel Soares Castelar	Não compareceu a reunião
64	Dr. Manoel Thomaz Gomes da Silva	Não compareceu a reunião
65	Nyceu Dantas	Não compareceu a reunião
66	Pedro Ribeiro Cardoso	Não compareceu a reunião
67	Otaciano Mattos	Não compareceu a reunião
68	Dr. Virgílio Sant'anna	Não compareceu a reunião

Fonte: Correio de Aracaju, 17 de setembro de 1919.

A referência que os jornais faziam a essas mulheres transmitia o sentido de distinção social e posição intelectual, a formação e a posse de diploma lhes conferiam o status de “moças da escola aracajuana” e portanto, eram reconhecidas como integrantes dos grupos de elites culturais.

As mulheres casadas eram identificadas pelos nomes, apelidos ou cargos dos seus maridos, condição prevalecida conforme a Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916, do Código Civil dos Estados Unidos do Brasil, que definia no Capítulo III, artigo 240º que a mulher assumiria o nome e os apelidos do marido.

Dentre as mulheres que compareceram a reunião de fundação e as que se manifestaram por correspondência, apenas 55 confirmaram suas assinaturas no livro de sócias do *Club Sportivo Feminino*, no momento da posse da diretoria eleita em 18 de setembro de 1919. No quadro total das 68 mulheres, 13 já eram agremiadas a outros clubes recreativos. Destas, 8 eram sócias apenas do Clube dos Diários, 2 eram sócias apenas do Recreio Clube e 3 eram sócias de ambos os clubes. Posteriormente, na sessão do dia 02 de março de 1920, os nomes de mais duas moças que se associaram ao clube: as senhoritas Christina Pinto e Solita Magalhães.

No ato da fundação do clube, ao finalizar a eleição da diretoria, a Senhora Eulália Azevedo havia sido eleita para ocupar a presidência do Grêmio. Entretanto, renunciou ao cargo, alegando não ter residência permanente na cidade. Obviamente não era a melhor justificativa, uma vez que ainda não havia uma previsão de mudança para outra localidade. E ainda que a sua pretensão de abstenção do cargo de presidente do clube tivesse sido manifestado oficialmente, o seu pedido foi recusado pela assembleia. E, mesmo contra a sua vontade, a senhora Eulalia Azevedo foi mantida no cargo.

Na ocasião em que o presidente da assembléia proclama a directoria eleita pediu a palavra madame Oscar Azevedo para dizer que se sentia muitíssima penhorada pela distinção que acabava de lhe ser dispensada pelas suas dignas companheiras, entretanto motivos de força maior, principalmente o de não ter aqui residência física, pois que, de um momento para outro, poderia o seu esposo ser transferido, obrigavam-na a pedir dispensa do honroso encargo com que foi distinguida e, assim, solicitava ao presidente a sua renuncia. [...]. O presidente, tomando em consideração o pedido da madame Oscar Azevedo, disse-lhe que certo e seguro estava de que a assembléia, que se tinha mostrado tão independente na escolha dos membros que iam compor a sua directoria, não acquiesceria, absolutamente, ao seu pedido, pois que justos não eram as razões apresentadas, entretanto ia submete-lo à apreciação da Assembléia, a qual unanimidade, recusou (CORREIO DE ARACAJU, 17 set. 1919, p 2).

Embora a redação do Correio de Aracaju de 17 de setembro argumentasse que as senhoras e senhorinhas haviam-se mostrado independentes nas escolhas das funções que lhes pareciam mais aptas, as predisposições das mulheres para ocupação dos cargos e atividades dentro do clube não foram resolvidas pela vontade natural de cada uma. As escolhas foram determinadas pela relação de forças que se estabeleciam entre os membros daquele grupo. A designação da função a qual D. Eulália Azevedo fora incumbida foi marcada pela posição social que ela ocupava naquela configuração, a de esposa do Comandante dos Portos Oscar Alberto Lins de Azevedo, o homem a quem foi delegado o ofício de organizar e estruturar a agremiação esportiva para mulheres.

Na sessão do ato da inauguração do clube foi discutido o nome que deveria ter a nova sociedade e a maioria resolveu que continuasse a figurar com o nome de *Club Sportivo Feminino*, embora outro nome tivesse sido sugerido por Marina Jorge, de *Feminina Club*. Também foi sugerida que se formasse uma comissão para a

elaboração do estatuto da agremiação, sendo indicadas as senhoras Consuelo Paes, Jesuína Jorge e a senhorita Cecília Curvelo.

Ainda na sessão de fundação, o Correio de Aracaju de 17 de setembro registrou que o presidente da reunião, Almirante Amintas Jorge, havia ponderado que a isenção do pagamento da joia, proposta pelo comandante Oscar Azevedo, não poderia ser efetiva porque traria déficit para o orçamento da nova sociedade, diante das despesas que o clube tinha a fazer. Assim, após algumas discussões entre as sócias, ficou resolvido que todas pagassem a joia, instituída com o valor de 5\$000, e a mensalidade no valor de 2\$000, cujos recibos deveriam ser tirados no dia primeiro de outubro.

O valor determinado para condição de associação ao *Club Sportivo Feminino* era uma quantia significativamente elevada. Ora, sendo a contribuição de 7\$000 por cada sócia, com o número de 55 associadas o clube arrecadaria, apenas no ato de sua fundação, o valor de 385\$000, numerário este que pode ser considerado exorbitante, se comparado aos 500\$000 que o Estado de São Paulo disponibilizou para organizar o futebol paulista durante o ano de 1919. Dados estes que nos revela a restrição de acesso ao público, pois, ao *Club Sportivo Feminino* só poderia associar-se aquelas que pertencessem aos círculos abastados da elite aracajuana.

Da brilhante revista "Vida Sportiva" extrahimos a seguinte notícia, por onde se vê que o adiantado Estado de São Paulo está actualmente encrementando o gosto pelo esporte em seu meio:

Um gesto patriótico do governo paulista.

São Paulo vae, dentro em breve, officializar o campeonato estadual de foot ball, concorrendo o governo com 500:\$000 annuaes para sua realização. E' que os homens estão à frente do governo paulista já compreenderam os benefícios que o desporto presta ao desenvolvimento physico da mocidade, em outros tempos rachitica e doentia e que hoje, graças a prática dos desportos já se vae tornando sadia e forte (DIÁRIO DA MANHÃ, ?(data ilegível) set. 1919 p 2).

Além da joia e das mensalidades, muitos outros artifícios foram pensados para ampliar o pecúlio do clube, tais como a projeção de festivais esportivos, bailes e piqueniques, dentre outros eventos que foram promovidos em benefício dos seus cofres.

Após a fundação do clube, a primeira atividade organizada com esta finalidade foi um piquenique que se realizou na Ibura, no dia 12 de outubro de 1919. Para este ficou acordado que os cavalheiros deveriam pagar 10\$000; as sócias dariam apenas um doce qualquer e as moças que fossem convidadas pagariam 2\$000 cada uma. A

preparação da casa e da comida necessária ficou a cargo do Dr. Constantino Gomes Ferreira, e as providências dos transportes a cargo dos senhores Woldomiro Ribeiro e Diocrídes Cardoso. Para a condução até o local foram preparadas algumas lanchas e, para aqueles que desejassem se deslocar por via terrestre seria disponibilizado um trem especial.

Por conta deste evento, os agradecimentos da diretoria do *Club Sportivo Feminino* aos promotores do piquenique foram publicados através da imprensa:

Em reunião de assembléia geral do club sportivo feminino. Realizada dia 18 do corrente, foi discutido e aprovado um voto de louvor e de agradecimento que pela imprensa venho fazer; em nome da directoria e demais associados do <<Club Sportivo Feminino>>, venho trazer as expressões de reconhecimento os mais sinceros aos ilustres e districtos cavalheiros, Dr. Constantino Gomes Ferreira, Woldomiro Ribeiro e Diocrídes Cardoso. Pelo nobre gesto que praticaram promovendo um pic nic, que além dos bons resultados colhidos, deixou melhores impressões e as saudades mais vivas pela cordialidade e distincção notados (CORREIO DE ARACAJU, 31 out. 1919, p 2).

Em 18 de outubro de 1919, uma assembleia foi convocada para aprovação do estatuto e do regulamento interno. No estatuto foi criado mais um cargo, de Bibliotecária, que seria preenchido por meio de uma eleição. Antes de ser encaminhada a votação, a oradora do clube, Cesartina Régis, pediu permissão para lembrar o nome da senhora Consuelo Paes para o referido cargo, indicação que foi aceita por todas que se achavam presentes na reunião.

Eleita a senhora Consuelo Paes por aclamação, ficou estabelecido que se fizesse um apelo a sociedade, através da imprensa, no sentido de remeterem livros, revistas e outras formas de impressos para constituir o acervo da biblioteca do clube. Como o clube ainda não tinha uma sala própria, foi sugerido pelas associadas que o material fosse encaminhado à residência da bibliotecária, Consuelo Paes, ou da primeira secretária, Leonor Queiroz, ou da Presidente, Eulália Azevedo.

Na assembleia do dia 18 também foi discutido sobre a necessidade urgente de providenciar um local para instalação da sede do clube, a Presidente, ao achar conveniente nomear uma comissão, indicou três membros do clube para tal incumbência: as senhoritas Marina Jorge, Leonor Queiroz e Luiza Paes.

Após esse movimento, um mês depois da fundação do Clube, ficou definitivamente constituído o quadro para dirigir o *Club Sportivo Feminino*:

QUADRO 2: 1ª DIRETORIA DO CLUB SPORTIVO FEMININO – ANO SOCIAL 1919-1920.

	ASSOCIADA	CARGO
1	Presidente Honorária	Coronel José Joaquim Pereira Lobo (Thereza Lobo)
2	Vice-presidente Honorária	General Gonçalo Muniz Telles (Emília Muniz)
3	Presidente Efetiva	Oscar Azevedo (Maria Eulália da Silva Azevedo)
4	Vice-Presidente Efetiva	Marina Jorge
5	1ª Secretária	Leonor Queiroz
6	2ª Secretária	Luiza Paes
7	1ª Tesoureira	Ilhah Santiago
8	2ª Tesoureira	Cesartina Régis
9	Oradora	Cesartina Régis
10	Diretora de Esportes	Candoca Jorge
11	Bibliotecaria e Comissão de regimento do estatuto	Consuelo Paes
12	Comissão de regimento do estatuto	Amyntas Jorge (Jesuína Jorge)
13	Comissão de regimento do estatuto	Cecília Curvello

Fonte: Correio de Aracaju, 17 de setembro de 1919; Jornal do Século XX, 27 de setembro de 1919; Correio de Aracaju, 01 de novembro de 1919.

A segunda diretoria eleita para assumir o clube, durante o ano social 1920 – 1921 não foi publicada nos jornais consultados. Entretanto, conseguimos identificar algumas associadas que compuseram o quadro, a partir de uma fotografia constante no acervo particular de Maria Lígia Madureira Pina.



Figura 6: Foto: Diretoria do *Club Sportivo* Feminino na gestão de 1921.
Fonte: Acervo particular da Professora Maria Lígia Madureira Pina

Durante sua pesquisa sobre a história da mulher, Ligia Pina²² realizou uma entrevista com uma das agremiadas do *Club Sportivo Feminino*, Leyda Régis, que lhe cedeu a fotografia, aqui vista anteriormente. De acordo com Leyda, nela constava o quadro da diretoria do ano social de 1920 a 1921.

Na fotografia, Leyda Régis identificou as três mulheres sentadas da esquerda para a direita como: Maria Eulália de Azevedo, Consuelo Menezes Paes, Leonor Queiroz; e, de pé, da esquerda para a direita como: Laura Silva, Luiza Paes Guedes, Marina Jorge, Cesartina Régis, Corália Calazans e Cândida Jorge.

Em 03 de setembro de 1921, o *Club Sportivo Feminino* participou à sociedade aracajuana uma nova eleição para constituir a terceira diretoria do clube, enviando à redação do Correio de Aracaju uma carta, com o resumo da ata da sessão na qual foi realizada a eleição para a gestão que iria reger os destinos da agremiação no ano social compreendido entre setembro de 1921 e setembro de 1922. Ainda, foi informada a data do dia 18 de setembro de 1921, para a solenidade de posse da diretoria eleita, que ficou constituída da seguinte forma:

QUADRO 3: 3ª DIRETORIA DO CLUB SPORTIVO FEMININO – 1921 - 1922

	ASSOCIADA	CARGO
1	Presidente Honorária	Coronel José Joaquim Pereira Lobo (Thereza Lobo)
2	Vice-Presidente Honorária	Cargo vago
3	Presidente Efetiva	Consuelo Paes
4	Vice-presidente	Norma Reis
5	1ª Secretária	Luiza Paes
6	2ª Secretária	Hilda aranha
7	1ª Tesoureira	Laura Silva
8	2ª Tesoureira	Corália Calazans
9	Oradora	Cesartina Régis
10	Diretora de Esportes	Leonor Queiroz
11	Diretora de Esporte – suplente	Maria Conceição Melo
12	Bibliotecária	Marina Jorge
13	Comissão de contas	Jesuína Jorge
14	Comissão de contas	Leonízia Fortes
15	Comissão de contas	Hilda Valois Galvão

Fonte: Correio de Aracaju, 18 de setembro de 1921.

²² Maria Ligia Madureira Pina foi uma ilustre sergipana que se dedicou ao ensino e às letras, tanto na composição de belíssimos poemas, como na escrita de ensaios historiográficos e de crônicas. Nasceu em Aracaju, em 30 de setembro de 1925 e faleceu em 14 de agosto de 2014. Publicou o livro *A Mulher na História* que versa sobre a trajetória da mulher, desde a Antiguidade até contemporaneidade. A obra apresenta um elenco importantíssimo das representantes do sexo feminino, em diversas áreas do conhecimento humano, com um especial capítulo dedicado à mulher sergipana. Cf.: PINA, M. L. M. **A mulher na história**. Aracaju: FUNDESE, 1994.

QUADRO 4: 4ª DIRETORIA DO *CLUB SPORTIVO FEMININO* (1922 – 1923)

	ASSOCIADA	CARGO
1	Presidente Honorária	Vago
2	Vice-Presidente Honorária	Norma Reis
3	Presidente Efetiva	Luiza Paes
4	Vice-presidente	Consuelo Paes
5	1ª Secretária	Corália Calazans
6	2ª Secretária	Liseth Carvalho
7	1ª Tesoureira	Laura Silva
8	2ª Tesoureira	Leonor Telles
9	Oradora	Cesartina Régis
10	Oradora suplente	Eunice Faro
11	Diretora de Esportes	Jesuina E. Coelho
12	Diretora de Esporte – suplente	Vago
13	Bibliotecária	Hilda Aranha
14	Comissão de contas	Antônia Menezes
15	Comissão de contas	Luiza Paranhos
16	Comissão de contas	Evangelina Faro

Fonte: Correio de Aracaju, 27 de setembro de 1922.

Na edição de 11 de outubro de 1923, o Correio de Aracaju publicou que, em 22 de setembro de 1923 foi empossada a quinta Diretoria do CSF:

QUADRO 5: 5ª DIRETORIA DO *CLUB SPORTIVO FEMININO* – 1923 - 1924

	ASSOCIADA	CARGO
1	Presidente Honorária	Vago
2	Vice-Presidente Honorária	Vago
3	Presidente Efetiva	Luiza Paes
4	Vice-presidente	Corália Calazans
5	1ª Secretária	Cândida Jorge
6	2ª Secretária	Liseth Carvalho
7	1ª Tesoureira	Consuelo Paes
8	2ª Tesoureira	Eunice Faro
9	Oradora	Cesartina Régis
10	Diretora de Esportes	Leopoldina Porto Carrero
11	Diretora de Esporte - suplente	Vago
12	Bibliotecária	Vago
13	Comissão de contas	Antônia Menezes
14	Comissão de contas	Evangelina de Faro
15	Comissão de contas	Aristhea Phidias

Fonte: Correio de Aracaju, 11 de outubro de 1923.

No ano social de 1923 a 1924, os jornais notificaram novas associadas ao *Club Sportivo Feminino*, registrando os nomes de Diva Cordeiro de Farias, Sassá Telles,

Anna Maria, Laura Fernandes, Laura Rocha, Nanoca Souza e Silva, Aracy Paes Fontes, Antonieta Bessa, Annita Ribeiro, Iracema Assis, Zuzu Fernandes, Leyda Régis, Eurídice Assis, Esther Aranha e Leonor Peixoto²³.

No dia 02 de setembro de 1924, o Sergipe Jornal publicou uma nota curta informando que haveria a eleição da nova diretoria do *Club Sportivo Feminino*, programada para o dia 03 de setembro de 1924, cuja sessão seria realizada na casa da Vice-presidente às 16 horas. Na edição de 17 de setembro de 1924, o mesmo jornal somente agradece ao convite para assistir a posse da nova diretoria, que seria realizada às 20 horas do dia 20 de setembro de 1924, no salão da Biblioteca Pública do Estado. Em 20 de setembro do mesmo ano, o Sergipe Jornal publica outra nota, muito curta, confirmando que naquele mesmo dia realizar-se-ia a posse da nova diretoria com grande solenidade, conforme o programa que lhes fora mostrado. Embora a Diretoria tenha encaminhado o programa da solenidade e a composição do quadro da gestão eleita, o jornal limitou a informação ao dia e ao local do evento.

Em 22 de outubro de 1924 o *Club Sportivo Feminino* convocou uma Assembleia Geral com a finalidade de preencher os cargos que estavam vagos:

Convocação de Assembleia Geral. Convido as associadas do Club Sportivo Feminino a comparecerem na sessão de Assembleia Geral, na residência de Corália Calazans à Praça Fausto Cardoso, no dia 23 do corrente (quinta-feira) às 4 horas da tarde, afim de proceder a eleição de cargos, que se acham vagos, na directoria. Aracaju, 20 de outubro de 1924. Maria Isabel Sandes. Secretária (SERGIPE JORNAL, 22 out. 1924, p 2).

Em setembro de 1925 mais uma nota resumida sobre a eleição da diretoria, que deveria gerir os destinos do clube de setembro de 1925 a setembro de 1926:

De ordem da presidente, convido as sócias do Club Sportivo Feminino, a se reunir em Assembleia Geral na residência da vice-presidente à Praça Fausto Cardoso, nº 3, às 16 h do dia 19 de setembro a fim de se proceder a eleição da nova directoria que tem de gerir os destinos do mesmo de setembro de 1925 a setembro de 1926. Saudalina Telles, 1º secretária (SERGIPE JORNAL, 9 set. 1925, p 2).

No mês de setembro do ano de 1926, os jornais consultados não divulgaram as chamadas para eleição de uma nova diretoria. O Jornal do Século XX, de 21 de setembro de 1926, publicou somente uma convocatória, para uma assembleia geral: “Terá efeito na próxima quinta-feira às 16 horas uma sessão da assembleia geral,

²³ Correio de Aracaju, 11 de outubro de 1923, nº 10; Correio de Aracaju 25 de outubro de 1923, nº 21.

convocada pela directoria do Club Sportivo Feminino na residência da sua presidente, para a qual convida a comparecer todas as associadas”.

Nos jornais consultados não foi divulgada a composição das diretorias eleitas nos anos de 1924 e 1925. No ano de 1926 não tivemos acesso a informações sobre a eleição para a directoria do *Club Sportivo Feminino*. E nos anos de 1927 e 1928 já não haviam notas ou qualquer referência sobre o CSF nos jornais.

Mesmo com a escassez de informações sobre a dinâmica do *Club Sportivo Feminino* e com a impossibilidade de acesso a alguns periódicos foi possível identificar nomes de algumas associadas que compuseram os quadros das diretorias, assim como o nome de algumas mulheres que se associaram no momento da inauguração do clube e de algumas outras que aderiram à sociedade no decorrer de existência da agremiação.

QUADRO 6: ALGUMAS MULHERES QUE SE ASSOCIARAM AO CLUB SPORTIVO FEMININO APÓS A FUNDAÇÃO DO CLUBE

	NOME	PERÍODO SOCIAL	GESTÃO	DATA EM QUE O NOME APARECE NOS JORNAIS
1	Beatriz Lobo	1919 a 1920	1ª	28 de março de 1919 (Correio de Aracaju)
2	Maria Lobo	1919 a 1920	1ª	28 de março de 1919 (Correio de Aracaju)
3	Chistina Pinto	1919 a 1920	1ª	06 de março de 1920 (Correio de Aracaju)
4	Solita Magalhães	1919 a 1920	1ª	06 de março de 1920 (Correio de Aracaju)
5	Ester Aranha	1920 a 1921	2ª	23 de agosto de 1921 (Correio de Aracaju)
6	Corália Calazans	1920 a 1921	2ª	23 de agosto de 1921 (Correio de Aracaju)
7	Laura Silva	1920 a 1921	2ª	23 de agosto de 1921 (Correio de Aracaju)
8	Leonor Peixoto	1920 a 1921	2ª	23 de agosto de 1921 (Correio de Aracaju)
9	Annita Lucas	1921 a 1922	3ª	06 de julho de 1922 (Correio de Aracaju)
10	Eunice Faro	1921 a 1922	3ª	06 de julho de 1922 (Correio de Aracaju)
11	Ismenia Assis	1921 a 1922	3ª	06 de julho de 1922 (Correio de Aracaju)
12	Jesuina Coelho	1921 a 1922	3ª	06 de julho de 1922 (Correio de Aracaju)

13	Lizethe Carvalho	1921 1922	a	3ª	06 de julho de 1922 (Correio de Aracaju)
14	Leonízia Fortes	1921 1922	a	3ª	06 de julho de 1922 (Correio de Aracaju)
15	Walkiria Cadorso	1921 1922	a	3ª	06 de julho de 1922 (Correio de Aracaju)
16	Leyda Régis	1921 1922	a	3ª	20 de julho de 1922 (Correio de Aracaju)
17	Eurydice Assis	1921 1922	a	3ª	28 de julho de 1922 (Correio de Aracaju)
18	Luiza Paranhos	1921 1922	a	3ª	26 de agosto de 1922 (Correio de Aracaju)
19	Caçula Faro	1921 1922	a	3ª	27 de agosto de 1922 (Correio de Aracaju)
20	Antonieta Menezes	1922 1923	a	4ª	17 de setembro de 1922 (Correio de Aracaju)
21	Haydée Amor Divino	1922 1923	a	4ª	17 de setembro de 1922 (Correio de Aracaju)
22	Hilda Aranha	1922 1923	a	4ª	17 de setembro de 1922(Correio de Aracaju)
23	Iracema Assis	1922 1923	a	4ª	17 de setembro de 1922 (Correio de Aracaju)
24	Jandira Batalha	1922 1923	a	4ª	17 de setembro de 1922 (Correio de Aracaju)
25	Miracy Sodré	1922 1923	a	4ª	17 de setembro de 1922 (Correio de Aracaju)
26	Nolita Nascimento	1922 1923	a	4ª	17 de setembro de 1922 (Correio de Aracaju)
27	Aristhea Phideas	1922 1923	a	4ª	10 de novembro de 1922 (Correio de Aracaju)
28	Else Magalhães	1922 1923	a	4ª	10 de novembro de 1922 (Correio de Aracaju)
29	Leonor Telles	1922 1923	a	4ª	10 de novembro de 1922 (Correio de Aracaju)
30	Nina Faro	1922 1923	a	4ª	10 de novembro de 1922 (Correio de Aracaju)
31	Leopoldina Porto Carrero	1923 1924	a	5ª	11 de novembro de 1923(Correio de Aracaju)
32	Ana Maria	1923 1924	a	5ª	25 de outubro de 1923 (Correio de Aracaju)
33	Diva Cordeiro de Farias	1923 1924	a	5ª	25 de outubro de 1923 (Correio de Aracaju)
34	Saudalina Teles	1923 1924	a	5ª	25 de outubro de 1923 (Correio de Aracaju)
35	Anita Ribeiro	1923 1924	a	5ª	30 de novembro de 1923 (Correio de Aracaju)

36	Antônia Bessa	1923 1924	a	5ª	30 de novembro de 1923 (Correio de Aracaju)
37	Aracy Paes Fontes	1923 1924	a	5ª	30 de novembro de 1923 (Correio de Aracaju)
38	Laura Fernandes	1923 1924	a	5ª	30 de novembro de 1923 (Correio de Aracaju)
39	Laura Rocha	1923 1924	a	5ª	30 de novembro de 1923 (Correio de Aracaju)
40	Nanoca de Souza e Silva	1923 1924	a	5ª	30 de novembro de 1923 (Correio de Aracaju)
41	Zuzu Fernandes	1923 1924	a	5ª	30 de novembro de 1923 (Correio de Aracaju)
42	Aurea	1924 1925	a	6ª	16 de outubro de 1924 (Sergipe Jornal)
43	Joelina Cardoso	1924 1925	a	6ª	16 de outubro de 1924 (Sergipe Jornal)
44	Noelia Maynard	1924 1925	a	6ª	16 de outubro de 1924 (Sergipe Jornal)
45	Maria Isabel Sandes	1924 1925	a	6ª	22 de outubro de 1924 (Sergipe Jornal)
46	Annete Andrade	1925 1926	a	7ª	26 de setembro de 1925 (Sergipe Jornal)
47	Francisca Fernandes	1925 1926	a	7ª	25 de junho de 1926 (Sergipe Jornal)
48	Othila Cardoso Barreto	1925 1926	a	7ª	25 de junho de 1926 (Sergipe Jornal)
49	Aliethe	1925 1926	a	7ª	17 de agosto de 1926 (Correio de Aracaju)
50	Amazilde	1925a 1926		7ª	17 de agosto de 1926 (Correio de Aracaju)
51	Helena Assis	1925 1926	a	7ª	17 de agosto de 1926 (Correio de Aracaju)
52	Lourdes Alves	1925 1926	a	7ª	17 de agosto de 1926 (Correio de Aracaju)
53	Nair Telles	1925 1926	a	7ª	17 de agosto de 1926 (Correio de Aracaju)

Fonte: Jornais Correio de Aracaju e Sergipe Jornal.

Durante o seu período de existência, entre os anos de 1919 e 1926, foi possível identificar o nome de 121 sócias do clube, listadas como componentes das diretorias; algumas na composição de times de voleibol e basquetebol, e, atividades com remo; outras envolvidas com comissões de festivais esportivos, bailes, saraus e piqueniques

As agremiações recreativas dançantes, nas quais frequentavam a elite aracajuana, como o Clube dos Diários e o Recreio Clube, promoviam bailes dedicados

ao *Club Sportivo* Feminino, e, posteriormente publicavam os nomes das mulheres que compareciam a festa. Entretanto, dentre os nomes listados não foi possível identificar quais mulheres eram sócias do *Club Sportivo* Feminino; quais pertenciam aos demais clubes, e quais eram apenas convidadas, não agremiadas em nenhuma instituição recreativa. Mas, certamente, o número de associadas ao *Club Sportivo* Feminino era superior aos 121 nomes que foram citados nos jornais para compor os quadros das comissões, das diretorias e dos times esportivos, pois, havia também aquelas associadas que desfrutaram dos eventos promovidos pelo clube, sem se envolver com as atividades esportivas ou demais comissões.

No Clube foram adotados acessórios e indumentários que serviam para classificar as associadas pela forma como se envolviam com as atividades da agremiação. Conforme nota fornecida pela diretoria do Clube, publicada no Correio de Aracaju em 28 de setembro de 1919, todas as agremiadas deveriam usar um laço de fita rosa, e, aquelas que desenvolviam práticas esportivas deveriam portar um escudo como distintivo.

Assumptos outros foram debatidos, entre elles os das cores do Club, bem como o seu distintivo. O rosa e o verde foram as cores escolhidas, tendo o Club dois distintivos, em pequeno laço de fita para as associadas e um escudo, acceto entre os desenhos apresentados, para as que tomarem parte nas pugnas sportivas (CORREIO DE ARACAJU, 28 set. 1919, p 2).

Embora tenha sido escolhido o verde e o rosa para compor as cores do clube, durante os eventos os jornais mencionavam a composição dos times com o indumentário branco e rosa.

O *Club Sportivo* Feminino tinha quatro times, que competiam entre si as modalidades de práticas esportivas: O Democrata e o América, que eram times criados na base dos estatutos do *Club Sportivo* Feminino; e, o Cotinguiba e Sergipe, times nos quais as agremiadas do *Club Sportivo* Feminino trajavam-se com as cores do Club Cotinguiba e Sergipe compondo equipes para representa-los nos festivais esportivos. Os times Democrata e América tiveram dois tipos de fardamento. No ano de 1923 o Democrata usava as cores preta e branca, já no ano de 1926 o time adotou a cor rosa. A equipe do América, usava as cores encarnado e branco no ano de 1923, e, em 1926 o passou a ser todo branco.

A fotografia da próxima figura pertencia a Leyda Régis e fora cedida para Lígia Pina. Ao doar a foto, Leyda se identificou como sendo a quinta moça da direita para a

esquerda, posicionada ao lado da agremiada trajada de branco com a bandeira na mão. E a terceira moça da direita para a esquerda, também ao lado da agremiada de branco, a sua irmã, Cesartina Régis. O homem que posa no lado direito da fotografia foi identificado como o instrutor, Dr. Alvim Schimelseng.

A imagem registra dois times do *Club Sportivo Feminino* após um jogo de Basquetebol. Usando fardamento de listra azul e branco, estavam as agremiadas que jogavam representando o Cotinguiba Sport Club. E, trajadas de rubro, as associadas que competiam pelo Sergipe. O escudo bordado na camisa do time que representava clube Sergipe assemelha-se com as descrições do escudo destinado as agremiadas do CSF que praticavam esporte. Outro elemento distintivo perceptível na fotografia é o laço de fita rosa que todas as associadas usavam.

Ao fundo na fotografia, visualizam-se as arquibancadas repletas dos apreciadores dos festivais esportivos. À distância, é possível identificar os homens distintamente trajados com paletós e chapéus ao lado das mulheres, ambos ocupando o mesmo espaço, na posição de telespectadores.



Figura 7: Foto: *Club Sportivo Feminino* no Ground Adolpho Rollemberg, ano de 1920.
Fonte: Acervo particular da Professora Maria Lígia Madureira Pina.

QUADRO 7: TIME DO CLUB SPORTIVO FEMININO NOS ANOS DE 1923 E 1924

	TIMES	PRÁTICAS ESPORTIVAS	UNIFORME	AGREMIADA
1	Cotinguiba	“Wolley-ball” “Basket-ball”	Azul e Branco	Cesartina Régis, Saudalina Teles, Cândida Jorge, Luiza Paes Guedes, Cecinha Melo.
2	Sergipe	“Wolley-ball” “Basket-ball”	Rubro	Leyda Régis, Maria Isabel Sandes, Aurea Phideas, Ismênia Xavier de Assis, Ana Maria Selmidei.
3	Democráta	“Wolley-ball” “Basket-ball” Corrida das Bandeiras, Corrida de velocidade, Crocket	Preto e Branco	Aristhea, Corália, Anete, Helena, Leopoldina, Nair, Saudalina, Noelia.
4	América	“Wolley-ball” “Basket-ball” Corrida das Bandeiras, Corrida de velocidade, Crocket	Encarnado e Branco	Aurea, Hilda, Iracema, Luiza Paes, Zuzu.

Fonte: Correio de Aracaju, 25 de outubro de 1923, Sergipe Jornal, 16 de outubro de 1924 e Sergipe Jornal, 18 de outubro de 1924, PINA (1994).

QUADRO 8: TIME DO CLUB SPORTIVO FEMININO NO ANO DE 1926

	TIMES	PRÁTICAS ESPORTIVAS	UNIFORME	AGREMIADA
1	Cotinguiba	“Basket-ball” Corrida das Bandeiras, Corrida de Velocidade, Corrida de Três Pernas, “Tag-of-war” (cabo de guerra)	Azul e Branco	Cesartina Régis, Saudalina Teles, Cândida Jorge, Luiza Paes Guedes, Cecinha Melo.
2	Sergipe	“Basket-ball” Corrida das Bandeiras, Corrida de Velocidade, Corrida de Três Pernas, “Tag-of-war” (cabo de guerra)	Rubro	Leyda Régis, Maria Isabel Sandes, Aurea Phideas, Ismênia Xavier de Assis, Ana Maria Selmidei.
3	Democrata	“Basket-ball” Corrida das Bandeiras, Corrida de Velocidade, Corrida de Três Pernas, “Tag-of-war” (cabo de guerra)	Rosa	Amazilde, Luiza Paes, Liseth, Saudalina Zuzu.
4	América	“Basket-ball”	Branco	Aliete, Euridyce, Helena, Lourdes, Nair

		Corrida das Bandeiras, Corrida de Velocidade, Corrida de Três Pernas, “Tag-of-war” (cabo de guerra)		
--	--	--	--	--

Fonte: Sergipe Jornal, 11 de agosto de 1926; Correio de Aracaju, 17 de agosto de 1926.

Nos festivais realizados no *ground* Adolpho Rollemberg, as equipes formadas pelo *Club Sportivo* Feminino disputavam partidas de Basquetebol, Voleibol, Criquet, Corrida das Bandeiras, Corrida de Velocidade, Cabo-de-guerra e Corrida de Três Pernas.

Com uma magnífica tarde para a prática do sport, realizou-se ante-hontem, no *ground* Adolpho Rollemberg, o festival esportivo, levado a efeito pelo *sympathico* Club Sportivo Feminino. Foi uma optima festa, pelo que esta de parabéns a directoria do querido grêmio alvi-rosa. [...]. Passemos a um ligeiro relato da festa de onte-hontem. Teve ella início com a realização do “tag – ofwar (cabo de guerra) entre duas turmas de gentis associadas do Club Sportivo Feminino. Depois de renhida luta conseguiu a victoria a turma rosa, que estava assim organizada: senhorinhas, Liseth, Luiza, Zuzu, Saudalina e Amazilde. A turma vencedora foi offerecido, pelo Aracaju F. C., um lindo premio. Seguiu-se a corrida de bandeirinhas, conseguindo a victoria a turma que trajava uniforme alvo, e que era composta das seguntes senhorinhas: Lourdes, Aliete, Nair, Euridyce e Helena. A turma vencedora foi offertado um rico mimo pelo Major Vianna de Carvalho. Na terceira parte do programa, corrida de três pernas, conseguiram a palma da victoria as senhorinhas Nair e Lourdes. [...]. Match de foot ball Precisamente às 15 horas e 30 minutos, foi iniciado o jogo de football, sendo o << place – rick, batido pelo centro dianteiro do Sergipe. De lado notou-se a superioridade da equipe alvi-rubra, pois, ao seu adversário faltava o principal elemento o center trall que havia cedido o seu logar a um outro jogador!!! Com três minutos de jogo o Sergipe abre o score por intermédio de Atonio , e aos 17, aumenta-o por intermédio de abterior, devido uma facilidade de Hugo. O primeiro tepo termina com o score 2 x 0, a favor do Sergipe. Recomeçado o jogo, o rubro-negro agora auxiliado pelo vento, tenta tirar a vantagem conseguida pelo seu leal adversário, porem, nada consegue por lhe faltar o center-half! Os do Sergipe dão uma invertida e Antenor, visivelmente off-side maroa o 3 goal que o juiz considera legal. O Brasil tenta reagh, porém nada consegue pois o seu adversário esta activo e consegue mais 2 goals, terminado o jogo com a victoria do alvi-rubro offereceu ao seu contendos uma linda corbeille de flores naturaes. O Juiz: Como o arbitro, dirigiu a pugna o sportman Amynthas Jose Jorge, do cotinguiba. A sua actuação seria impecável se não tivesse considerado valido o 3 goal do Sergipe, que como já dissemos foi producto de um off-side. [...]. O match de basketball foi a última parte do programma, e que despertou geral interesse. Foi cheio de lances magnificos conseguindo, por fim a victoria o team rosa que era composto das seguintes senhorinhas: Luiza, Lizeth, Sassá, Amasilde e Zuzu. O team vencedor estava assim organizado: Helena, Lourdes,

Eurydice, Nair, Aliete. Reiteramos os nossos parabéns ao querido Club Sportivo Feminino, pelo brilhante êxito, alcançado na festa de ante-ontem (CORREIO DE ARACAJU, 17 ago. 1926, p 2).

Ao observar o programa executado no festival promovido pelo CSF, em 15 de agosto de 1926, é possível identificar que as práticas desenvolvidas pelas mulheres não constituíam a parte principal do programa. O *Match de foot-ball* foi a atividade que centralizou o evento. A participação feminina ocupou o tempo periférico do programa, algumas atividades foram desenvolvidas antes do jogo masculino, outra parte no intervalo do jogo, e a conclusão, da participação feminina, ocorreu ao final do jogo.

Neste sentido podemos chegar à compreensão de que a intervenção feminina se configurava como um momento de descontração que precedia, intercalava e finalizava o jogo de futebol no decorrer do festival.

A edição do Sergipe Jornal de 11 de agosto de 1926, que relatou o mesmo evento, pontuando a importância da partida de futebol no festival, e a alocação da participação feminina no evento, que como dito, precedia, intercalava e finalizava os momentos entre os intervalos do jogo:

Conforme havíamos noticiado, damos linhas a baixo o programma do festival a realizar-se no próximo domingo, pela sympathica agremiação do bello sexo, no ground “Adolpho Rollemberg”. [...] A’s 14 e 14 horas – Cabo de Guerra pelas sócias do C.S.F., dedicado ao Aracaju Foot-ball Club. A’s 14 e 40 horas corrida das bandeiras, dedicada ao Major Vianna de Carvalho, digo, commandante do 28B.C. A’s 15 horas – partida de foot-ball, entre os 1º quadros do C. S. Sergipe e da A. D. Brasil, dedicada a este último. Nessa partida será disputada a taça “Casa Crystal”, empatada a partida de 14 de julho. A’s 16 e 40 horas – partida de basketball, pelas associadas do C.S. F. dedicada ao Club Sportivo Sergipe. Entre o primeiro e o segundo half. Time de partida de foot-ball, haverá uma corrida de 3 pernas pelas sócias do Alvi-Rosa, dedicada ao Cotinguiba Sport Club. Eis os Quadros de basket-ball: Team branco – Lourdes, Eurídice, Nair, Aliethe, Helena; Team rosa – Luiza, Amazilde, Liseth, Zuzú, Sassá. Entrada: 2\$000. A directora do C. S. F. dedicara que nesse dia estarão suspensas todas as entradas de favor. As bandas de música do 28 B.C e do Batalhão policial abrilhantarão o festival (SERGIPE JORNAL, 10 jun. 1926, p 2).

O festival promovido pelo *Club Sportivo Feminino* era a continuidade do campeonato organizado pela Associação Desportiva Brasil, que disputava a taça “Casa Cristal”, realizado no dia 14 de julho de 1926. Nesse evento, o Correio de Aracaju de 15 de julho registrou a predominância do “elemento feminino, que despertou grande brilho a magnifica festa”.

Na festa do dia 14 de julho, promovida pela associação Desportiva Brasil, o *Club Sportivo Feminino* havia sido convidado para tomar partes em apenas uma prova, a corrida dos obstáculos, para qual não havia premiação para a competição, mas, uma lembrança ofertada pela Associação Desportiva Brasil, destinada ao sorteio entre as moças que comparecessem ao festival. Para este mesmo evento também havia sido anunciado, pelo Sergipe Jornal de 13 de julho de 1926, que a entrada das senhoras seria franca. As agremiadas do *Club Sportivo Feminino* ao serem informadas que alguns números seriam dedicados ao *Club* providenciou alguns presentes para ofertar aos vencedores das competições a elas dedicadas.

Na projeção do festival esportivo seguinte, no qual seria disputado o desempate dos times em vista do prêmio da “Taça Casa Cristal”, o *Club Sportivo Feminino* prontificou-se a realizar o evento. A diretoria da agremiação feminina estabeleceu o valor de 2\$000 pela entrada e suspendeu todos os convites de cortesia. E, ao organizar o programa, as agremiadas trataram de incluir as atividades esportivas que por elas seriam concorridas.

Ao refletir sobre os posicionamentos das agremiadas do *Club Sportivo Feminino*, nos reportamos às reflexões sobre “táticas” de Certeau (1994), para compreender os modos de agir, através dos quais as mulheres buscavam reverter as estratégias de relações de forças. A partir de Certeau entendemos que as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que se apresentam e dos jogos que introduzem as inter-relações de formas de poder.

Se a tática, como artes dos fracos, é a tentativa constante de inverter a posição de poder dos mais fortes, podemos inferir que as mulheres, sabiamente, usavam das táticas e estratégias ao serem astutas e criativas na utilização do tempo e do espaço que dispunham. Pois, elas buscaram estar nos lugares propícios para articular as suas práticas, e no momento oportuno tomaram para si uma parcela de participação no palco do cenário principal do contexto esportivo.

Outra nota do Correio de Aracaju, de 25 de outubro de 1923, confirma o entendimento de que nos programas dos festivais organizados pelo público masculino, as práticas desenvolvidas pelas mulheres não eram prioridade no tempo dos eventos, haja vista que muitas deixavam de ser apresentadas, devido ao encerramento do horário destinado ao programa esportivo.

Quando em numerosos passados, noticiamos que a festa do Club Sportivo Feminino teria um brilho extraordinário era porque tínhamos

a certeza de que de facto as festas projectadas pelas nossas encantadoras patrícias excedem sempre a qualquer expectativa. A tarde de 24 foi admirável. Perdura ainda na memória do assistente o doce encanto de que se revestiu. Não sabemos mesmo de outra tarde em Sergipe de tantas sensações. A partida de Basquete-ball foi de um sucesso nunca visto. As gentis patrícias jogavam com interesse e segurança procurando cada lado a palma da victoria. Venceu a phalange do Cotinguiba, composta de graciosas senhorinhas. Pena causou pelo adiantado da hora não poder ser cumprido todo o programma, faltando vários números como o dedicado a D. Norma Reis. Na corrida das bandeiras dedicada a D. Diva Cordeiro de farias, venceu a senhorinha Sassá Telles. Na corrida de velocidade foi vencedora a formosa senhorinha Anna Maria. A partida de Croquet teve como vencedora a gentil e formosa Candoca Jorge. Do match de foot-ball foi vencedor o combinado branco, composto de jogadores dos Clubs Industrial, Esperança e Aracaju. Foi como dissemos uma festa chic no rigor da palavra. O << Correio de Aracaju >> que se ufana em ser um dedicado amigo do Club Feminino, envia a sua directoria applausos e admiração (CORREIO DE ARACAJU, 25 out. 1923,p 2).

A nota de 25 de outubro de 1923 informa apenas a composição do time de futebol que foi vencedor: o Combinado Encarnado, composto por jogadores dos clubes Industrial, Esperança e Aracaju. Entretanto, a edição anterior do mesmo jornal havia publicado que os times do Cotinguiba e Sergipe também participaram do programa esportivo do dia 24 de outubro de 1923.

Diante da quantidade de partidas disputadas em uma tarde, é notável que as participações femininas acontecessem nos intervalos dos *matches*. Quando não havia tempo suficiente entre os jogos, a participação das mulheres eram canceladas. O redator do Correio de Aracaju, na edição de 25 de outubro de 1923, demonstra o pesar em suas palavras por não ter sido possível o cumprimento do programa, “faltando vários números como o dedicado a D. Norma Reis”.

Nos programas esportivos organizados pelo *Club Sportivo* Feminino, as mulheres tinham a preocupação de estruturar o tempo das atividades em função de efetivar todas as práticas esportivas propostas para serem apresentadas pelas mulheres:

Club Sportivo Feminino E Seu Festival De Domingo - Teve effeito domingo passado no ground Adolpho Rollemberg o brilhante festival desportivo promovido pelo Club Sportivo Feminino, com grande comparecimento especialmente pelo mundo feminino. Não podia absolutamente ser mais feliz o programma que foi fielmente cumprido por aquella agremiação. Com o inicio do cabo de guerra entre duas turmas revestidas de rosa e branco, coube a victoriosa turma rosa assim organizada: senhoritas Liseth, Luiza, Zuzu, Saudalina e Amazilde, sendo nesta occasião offerecido a turma vencedora um

lindo prêmio pelo Aracaju F. Club. Seguiu-se outros encontros, que pela exigüidade do tempo deixamos de assinalar. Enviamos as promotoras de festival do Club Feminino os nossos applausos pelo brilhante êxito obtido domingo, appellamos para os sentimentos das demais agremiações desportivas para que imitem gestos de tal natureza em bem da vida desportiva de nossa terra (SERGIPE JORNAL, 18 de ago. 1926, p 2).

Diferente das tomadas esportivas masculinas, nas competições femininas não havia cerimônia de premiação. Para as mulheres, o resultado das suas atividades era agraciado com “brindes”, “mimos” e flores ofertados por outros clubes ou por entusiastas, da participação feminina, presentes nos eventos.

Assim, pudemos ver aqui a constituição de um espaço feminino, num universo masculino, para a prática do esporte e outras ações sociais. Podemos inferir que foi uma forma de aproximação com os ditames da modernidade, uma maneira de conquistar espaços, mesmo tendo de contar com a aproximação de homens nesse projeto. A resistência aos limites que eram impingidos a mulher, pode acontecer, mesmo que de forma por vezes limitada, em práticas que foram tidas como libertadoras, mesmo que por dentro delas, ainda se vivessem as agruras da dominação do homem.

De toda forma, a experiência do CSF foi inovadora, dialogou com as vivências modernas, criou espaços e cenários para a presença e participação feminina, em práticas que eram aventadas como típicas de um mundo que se queria fazer moderno e se Aracaju viveu esse desejo, a mulher também o quis e por isso, buscou criar condições.

Para além dos esportes, outras práticas sociais e corporais simbolizavam a presença feminina em sociedade e também, poderiam ganhar sentidos diversos, assim foram os bailes dançantes, que veremos adiante.

5 OS CLUBES DANÇANTES E AS FORMAS DE SOCIABILIDADE DOS BAILES

Burke (2002) identifica os clubes como instituições a meio caminho entre o mundo privado da família, e, a esfera pública da sociedade civil, ou seja, um espaço de circulação social. Neste sentido, os clubes e os espaços de eventos festivos funcionaram como o lugar propício para fomentar as relações de sociabilidade, ambientes que as mulheres letradas de Aracaju, pertencentes à *intelligentsia* sergipana, fizeram uso para reafirmar mais um passo, rumo à aparição e ao desfrute da vida pública.

O estudo desenvolvido por Pereira (2010) retrata a vida dos clubes dançantes no subúrbio do Rio de Janeiro na Primeira República, revelando o gosto dos moradores dos bairros pelos bailes promovidos nas agremiações, fato que despertava o interesse pelo associativismo dançante. O autor mostra a centralidade que as festas com dança assumiram no cotidiano das pessoas, e evidencia a emergência de inúmeros espaços dançantes no subúrbio carioca, que se organizavam sob a justificativa de promover festejos diversos para os associados. A proposta era oferecer lazer e sociabilidade, com a promoção de bailes, na condição de que estes fossem morais e honestos.

De acordo com Pereira (2010, p. 278-279), os cronistas do Rio de Janeiro viam esse movimento dos clubes dançantes com estranhamento, pois, achavam contraditório que os moradores do subúrbio, apesar de viverem com privações, desfrutassem das festas e tentassem se “igualar a alegria própria dos que dançavam nos salões elegantes da cidade”. Este dado nos traz a percepção de que as festas que envolviam dança eram um fenômeno expressivo e característico de um público dotado de uma condição social privilegiada, mas, que também foi apropriada por outras camadas sociais, que o resignificaram, fazendo dele um espaço atrativo e intenso.

Pereira (2010, p. 277), caracteriza esse entusiasmo como uma “febre dançante”, que se mostrava como um poderoso fenômeno social no Rio de Janeiro do começo do século XX.

Ao se reunirem em associações recreativas, participarem de festas e aproveitarem seu tempo livre para buscar na dança e na música um meio privilegiado de diversão, muitos outros sujeitos mostravam,

desde o final do século XIX, a centralidade do ritmo, da dança, da música e da festa para suas próprias experiências. Para além das fronteiras do mundo letrado, é preciso, por isso, buscar o modo pelo qual tais tradições foram construídas também a partir de experiências, sonhos e aspirações de sujeitos que não tinham na escrita sua forma privilegiada de expressão (PEREIRA, 2010, p. 283 e 284).

Em diferentes sociedades, os indivíduos que se agremiavam aos clubes buscavam, por meio dos bailes, formas exuberantes de desfrutar do lazer apreciando a música e embalando o corpo com experiências excitantes através da dança. Esta prática foi incorporada como costume e hábito cultural de muitas instituições recreativas.

Em Aracaju, muitos indivíduos promoveram bailes dançantes em suas residências ao comemorar aniversários e celebrar reuniões particulares. Os prédios de instituições públicas como o Palácio do Governo, Palácio da Assembleia Legislativa e os salões da Biblioteca Pública Epifânio Dória, também serviram de palco para as festas dançantes da elite aracajuana. Logo, a necessidade de espaços mais amplos que pudessem acomodar um número maior de pessoas, e que fossem menos restritos aos regulamentos das instituições públicas, fez surgir dois requintados salões de dança destinados à elite, a saber, o Recreio Clube e o Clube dos Diários.

O Recreio Clube era uma associação recreativa dançante, de propriedade do Dr. Gentil Tavares da Motta. O ambiente, além de salão de dança, também dispunha de cassino e bar. No local eram promovidas festas consideradas esplêndidas e chamava atenção pela ostentada iluminação que dispunha. De acordo com Melins (2001), o salão do Recreio funcionava em um prédio localizado no Parque Teófilo Dantas. Em 14 de junho de 1919 ganhou uma nova sede, mais ampla, situada na Rua Itabaianinha e passou a ter um quadro de associados. Na noite de inauguração da sua nova sede, o Recreio Clube promoveu um sarau dançante que contou com um numeroso público. Tal festa foi reportada na edição de 22 de junho de 1919, do Jornal do Século XX:

Recreio Clube – SARAU DO DIA 14 – Com um deslumbrante sarau dançante, o *Recreio Clube*, querido cassino da nossa capital, solenizou a sua reinstalação à Rua de Itabaianinha, em noite de 14 do corrente. A festa que se revestiu de raro encanto, afluíu a *elite* aracajuana, representado o belo sexo por um número superior a quarenta moças, e o sexo feio por um número extraordinário de cavalheiros. Os salões do Recreio ostentavam lindo aspecto na profusão de sua iluminação. Em antes de terem início as danças, a hora prefixada, a nova diretoria se empossou e em seguida foram

nomeados os novos diretores das futuras reuniões. O serviço de copa, como sempre acontece nesse apreciado clube, esteve acima de qualquer elogio. Com valsas e tangos escolhidos, a banda do 41º Batalhão de Caçadores deu maior brilho a festa (SÉCULO XX, 22 jun. 1919, p 2).

A festa dançante que reinaugurou o Recreio Clube foi relatada pela imprensa, de forma a aguçar o imaginário das pessoas, com descrições que a classificaram como “deslumbrante sarau dançante”, “festa que se revestiu de raro encanto”, com uma gastronomia que “esteve acima de qualquer elogio”, se somando à seleta música composta de valsas e tangos. Toda esta “descrição” acabava despertando o interesse, a curiosidade e o desejo do público pela festa.

Outro fato a se notar expresso na nota anterior, foi o número de moças presentes, que nos revela o quanto os bailes eram procurados e acessíveis às mulheres. Esta passagem não nomeou os dirigentes eleitos e empossados, no entanto, seus nomes apareceram em edições seguintes, citando a diretoria do Recreio Clube, que foi composta por Professor Artur Fortes, com o cargo de Diretor; além dos nomes de Agripino Leite, Oscar Cardoso e Glafton Campos, cujos cargos não são especificados no jornal, e Gentil Tavares da Motta, que era o seu proprietário e presidente.

Sobre Gentil Tavares, devemos fazer referência ao seu perfil social. Ele era Engenheiro, Professor Catedrático do Atheneu Sergipense, diretor da Imprensa Oficial do Estado e do Jornal Correio de Aracaju, e também já havia sido Deputado no Estado de Sergipe, possuindo um envolvimento intenso com a vida social de Aracaju, além de investir nos espaços destinados ao esporte e ao lazer na cidade.

Após Gentil Tavares reinaugurar a nova sede do Recreio Clube, as notas sobre as festas dançantes, nas edições dos jornais, passaram a aparecer com frequência. Algumas vinham em forma de convite e anunciavam o dia, a hora, a programação musical, e descreviam os detalhes da ornamentação e iluminação que estavam sendo providenciadas, prometendo noites de sonhos e verdadeiro requinte. Outras faziam o relato do quão havia sido distinta a festa dançante promovida na noite anterior, fazendo referência inclusive, as autoridades que nela estiveram presentes.

Recreio Clube – Foi uma festa verdadeiramente atraente a que este distinguido clube realizou no sábado antepassado. Os seus salões estiveram repletos do que Aracaju tem de mais elegante no seu mundo social feminino. A soirée foi abrilhantada com a presença do Exmº Coronel Presidente do Estado e exmª família, altas autoridades e

cavalheiros distintos da nossa sociedade. O exm^o foi saudado pelo Professor Artur Fortes e agradeceu em expressivas palavras a saudação que lhe foi dirigida. Deu belo realce a essa festividade dançante a apreciada Banda de música do 41 Batalhão, com as suas músicas sempre escolhidas e arrebatadoras, sendo por muitas vezes executado no piano por mãos bem hábeis. Tudo ali foi encantador e a delicadeza dispensada aos seus convivas para todos duplicava de preciosidade o meio em que se respirava. Mais uma vez manifestamos gratos ao convite que gentilmente nos foi dispensado (SÉCULO XX, 23 nov. 1919, p2).

De certo que os bailes de elite, nos quais a imagem da mulher fora destacada, eram ambientes configurados como espaços notórios de um público seletivo, digno da presença de cavalheiros distintos e de autoridades, tais como o presidente do Estado, acompanhado de sua família. A presença de Artur Fortes era outro fator positivo e acolhedor para o público feminino, uma vez que o mesmo era professor catedrático da Escola Normal, instituição especificamente destinada à educação das moças aracajuanas.

Nas notas dos jornais, nos chama atenção a figura da mulher, sempre ressaltada com adjetivos que as conferiam características delicadas, de moças elegantes e belas. Essa nota em específico, mostrada adiante, faz referência aos salões que estiveram “repletos do que Aracaju tem de mais elegante no seu mundo social feminino”, nos traz a compreensão de que a sociabilidade feminina já era algo estabelecido naquela sociedade.

O ambiente dos bailes dançantes configurava-se como espaço propício para a socialização dos indivíduos. Ele criava aproximações, instigava o flerte, oportunizava a exposição da beleza e da juventude, além de propiciar momentos oportunos para conseguir um bom partido para o casamento. Eis as impressões das experiências dos apreciadores dos bailes dançantes, publicado em forma de crônica no jornal Correio de Aracaju:

UMA NOITE DE CLUB – O “NÚMERO DA NOITE - Há um odor de mulher e cocaína impregnando o ambiente sombrio do club. Imagens de volúpia esvoaçam, por entre a fumaça densa dos cigarros, parecendo pálidas visões de deuses olympicos, depois de uma longa noite de orgia. Em torno das mesas, grupos de sonhadores, confessos boêmios, amantes da noite, já bêbados de mulher e de risos, deixam rolar pelo soalho papéis dispersos, com versos de amor, indiferentemente como se fosse folhas secas caídas ao sopro do vento, em tardes poeirantes de verão. Em tudo existe uma expressão de surpresa... Do velho piano mudo, a um canto, à imagem de Pan, esboçada em variadas cores, no teto do salão, embriagado da harmonia singular da sua própria flauta, há um tom de espera. De

repente desfaz-se a monótona paradoxal daquela noite de club, rompe o velho piano em notas graves e desencontradas, numa fusão e orgia de sons, e surge em meio da gente ansiosa, uma figurinha trofega de mulher, de olhos languidos e semi-adormecidos, bailando de laciva, dentro de suas pequeninas orbitas, num desejo incontido do contacto de outros olhos pequeninos para um interminável beijo de amor. Desperta em tudo o sentimento – direito de posse... E ela dança o Charleston, com rara perfeição, agitando loucamente o seu corpinho de fada, tonta de musica como admiravelmente o disse Povina Cavalcante, na sua mimosa peça de arte – a Mulher e a Dança. É o número da noite... xinda mais se avoluma a onda densa de fumaça, descrevendo longas espirais que vão delineando, nos seus volteios languidos e sensuais, figuras, quase imperceptíveis de mulheres nuas, deixando cair dos olhos lágrimas de volúpia e das bocas desejos rubros de amor. E ela lembra, na agitação desenfreada do Charleston, o bailado trágico dos sete véus, a original criação de Salomé, a divina inspiradora de Wilde. E cantara em seguida... Era uma verdadeira artista. Na sua voz educada havia o segredo mágico dos sonoros cânticos das nynphas, dando forma e alma aos seus adoráveis <<argentinos>> . E tudo isso observava eu da minha modesta mesa, com flores murchas num vaso, e cálices de cock-taill, já vasios – uma noite de club tem também em si a sua grandeza própria, a sua razão lógica de ser. Ruminava este último pensamento, entre versos banaes que escrevera no toalhado branco da mesa, quando soaram, no velho relógio, a um canto, doze trágicas badaladas, cujos restos de som se foram perdendo, pela alameda deserta, ao fundo do parque. Deixei o club... Agora, no meu quarto de estudo, onde a lâmpada tristonha derrama a sua luz mortiça muito vermelha, entre os bons amigos e mestres, meus livros, esparços a poeira intransigente das estantes e das mesas, fico a pensar naquela noite de bacchanal, tendo tudo gravado na retina rubra do meu coração. Tento, embalde esquecer. A mulher do Charleston ... o seu olhar pequenino e sedutor... as suas olheiras roxas ... o leve odor de ether... E fiquei a cismar, a luz sombria da minha lâmpada, seguindo com o olhar magoado, a espiral da fumaça do meu cigarro que fui subindo morosamente, aos poucos, até perder-se, lá fora, no espaço, confundindo-se com o rumor vago e monótono das ruas (CORREIO DE ARACAJU, 10 dez. 1926, p 2).

Outra instituição recreativa dançante destinada a elite em Aracaju foi o *Club dos Diários*, inaugurado em 01 de março de 1918. Durante anos de 1918, 1919 e início do ano de 1920, o *Club dos Diários* teve sob sua direção o Capitão de Corveta Comandante dos Portos de Sergipe Oscar Alberto Lins de Azevedo, e, como presidente honorário do clube, o Coronel Pereira Lobo, presidente do Estado de Sergipe. O Clube dos Diários era considerado um dos palacetes de dança mais requintados de Aracaju, dispondo de vastos salões que comportavam espaço para dança, cassino, serviço de copa, e ambiente reservado para reuniões sociais. O *Club dos Diários* oferecia programações mensais, de matines dançantes com início às 14h, e bailes noturnos, que começavam às 21h e estendiam-se as madrugadas. O clube

também promovia festas dançantes em datas cívicas, além dos aclamados bailes de carnaval e os dedicados às autoridades do Estado. Muitos foram promovidos em homenagem ao Presidente do Estado, como mostra a reportagem de 19 de outubro de 1919 feita pelo Jornal do Século XX:

Com o intuito de prestar um bela homenagem ao sr. Exm^o presidente do Estado, o Clube dos Diários, do qual é o Sr. Exm^o presidente honorário, teve a ideia de levar a efeito uma *soirée* a rigor no dia 24 do fluente, data que relembra ao povo sergipano a sua independência política. Os ilustres membros da diretoria daquele apreciado clube empreendem todos os meios, a fim de que esta festividade revestida de máximo brilhantismo, não só pela ação do dia, como por ser a *soirée* dedicada ao chefe de Estado. Os salões do Clube dos Diários serão ornamentados rigorosamente, a capricho, ostentando farta iluminação. Aquela importante associação recreativa tem realizado várias festas dançantes com verdadeira pompa, porém a de 24 de outubro excederá a todas, estamos certos dada a homenagem que vai ser dada ao ilustre Sr. presidente do Estado (SÉCULO XX, 19 out. 1919, p 2).

Além desta festa seguiram-se várias outras, promovidas ora pelo Clube dos Diários, ora pelo Recreio Clube. Em todas, a parte musical era sempre executada pela Banda de música do 41^o Batalhão de Caçadores.

Embora o Clube dos Diários tenha sido inaugurado no início do ano de 1918 e neste mesmo ano tivesse adquirido nova sede, as notas nos jornais sobre suas festas dançantes eram raras neste mesmo ano, somente apareciam com palavras breves para anunciar, ora para um convite, ora para um cancelamento de um evento. Outra matéria foi a que anunciou quando a agremiação havia adquirido um novo prédio:

Julgamos de bom aviso comunicar aos nossos leitores que o <<Clube dos Diários >> já tem a sua nova sede na rua do Barão, esquina com a rua da Estância. É nessa elegante residência que doravante se effectuarão as suas brilhantes festas tão cheias de atractivos para os amadores da dança. Bem haja a sua directoria que toma tanto a peito os interesses daquele recreativo clube (CORREIO DE ARACAJU, 31 out. 1918, p 2).

Em Aracaju, essa “febre dançante” teve forte expressividade a partir do ano de 1919. Tal compreensão se mostra a partir da frequência com que os anúncios apareciam nos jornais, relatando inclusive a forma como se configuravam as festas. A mobilização da elite aracajuana pelo associativismo dançante, ligada a estes clubes no ano de 1919 passou a ser intensa. Havia não só o interesse em participar de um grupo distinto, mas principalmente em envolver-se com a emoção propositada da

música e com a sedução pelo movimento da dança, que já se consagrava como um dos mais expressivos e autênticos fenômenos do lazer que a modernidade podia oferecer.

Dentre as festas dançantes promovidas para a elite aracajuana, os bailes de carnaval eram os mais concorridos. A edição de 09 de março de 1919, do Jornal do Século XX anunciou que o Recreio Clube ofereceu dois bailes encantadores. Em seu salão “ricamente” ornamentado de flores naturais promoveu um baile de carnaval que “atingiu raias de delírio”, no qual compareceram seletas e numerosas senhoras e “senhorinhas”, representantes “da mais fina flor” da sociedade aracajuana. Assim escrevia a matéria:

Abrilhou os bailes de carnaval do luxuoso Recreio Clube a harmoniosa banda do Batalhão, que tocou tangos estonteantes e belos. E num só diapasão de entusiasmos e cordialidade as danças se prolongaram até 1 hora da madrugada.

Ao tratar do carnaval do Clube dos Diários, a edição de 09 de março do Século XX, fez referência aos salões ricos do estabelecimento recreativo, que estava “deslumbrante e que nunca no Gênero se viu uma festa igual nesta capital. Pois não havia um canto vazio, tudo era alegria comunicativa e sã”. A imprensa relatou ainda a aglomeração do povo do lado de fora, que olhava maravilhado a luminosidade grandiosa daquela reunião dançante, e limitava-se a apreciar as fantasias das mulheres que, segundo o cronista “dava [m] uma sublime expressão de harmonia de cores diversas aos olhos do espectador”. O jornal publicou ainda o nome de algumas mulheres associadas às agremiações recreativas que circularam nos clubes durante os dias de carnaval.

QUADRO 9: ALGUMAS SENHORAS ASSOCIADAS AOS CLUBES RECREATIVOS DANÇANTES RECREIO CLUBE E CLUBE DOS DIÁRIOS NO ANO DE 1919.

	SENHORAS	RECREIO CLUBE	CLUBE DOS DIÁRIOS
1	Alfredo Buch Maia	X	X
2	Antônio Nobre	X	X
3	Artur Fortes	X	
4	Joselino Menezes	X	
5	Godofredo Menezes	X	
6	Mario Passos Almeida	X	X
7	Odilon Barreto	X	
8	Raul Leal	X	X
9	Virgílio Santana	X	X
10	Agripino Leite	X	

11	Alcebiades Paes	X	
12	Antônio Cabral	X	
13	Guaraná	X	
14	Napoleão Carvalho	X	X
15	Temistocles Freire	X	
16	Oscar Azevedo		X
17	Adalberto Monteiro		X
18	Caldas Barreto		X
19	Emílio Schinetterling		X
20	Franco Freire		X
21	Hemetélio Gouveia		X
22	Luciano Airoso		X
23	João da Mota		X

Fonte: Jornal do Século XX, de 09 de março de 1919.

QUADRO 10: ALGUMAS MOÇAS ASSOCIADAS AOS CLUBES RECREATIVOS DANÇANTES RECREIO CLUBE E CLUBE DOS DIÁRIOS NO ANO DE 1919.

	SENHORITAS	RECREIO CLUBE	CLUBE DOS DIÁRIOS
1	Aésia campos	X	
2	Aidé Amor Divino	X	
3	Alvina Leite	X	X
4	Ana Bastos	X	
5	Antônia Teles	X	
6	Antonieta Mesquita	X	
7	Araci Paes	X	X
8	Aurea Leite	X	
9	Beatriz Menezes	X	
10	Clarice Andrade	X	
11	Ceres Lopes	X	
12	Cecinha Melo	X	
13	Corália Teixeira	X	
14	Djair Mota	X	
15	Dinorah fortes	X	
16	Dora Gomes	X	
17	Doralice Correia	X	
18	Dulce Sampaio	X	
19	Edméa Rodrigues	X	
20	Eleonora Dória	X	
21	Elida Aranha	X	
22	Else Sampaio	X	
23	Elsira Rodrigues	X	
24	Ester chaves	X	X
25	Ester Vieira	X	
26	Gildete Cardoso	X	
27	GuiomarAlmeida	X	
28	Guimar Magalhães	X	X
29	Hilda Aranha	X	
30	Hilda Teixeira	X	
31	Ilda Coelho	X	
32	Ilda Mascarenhas	X	
33	Iracema Assis	X	
34	Ismenia Assis	X	

35	Josefina Santana	X	
36	Judite Pinto	X	
37	Leonilda Lemos	X	
38	Lindauro Macedo Ribeiro	X	X
39	Lisete Leal	X	
40	Luisinha Paes	X	X
41	Lucia Menezes	X	
42	Lourdes Mascarenhas	X	
43	Lourdes Mesquita	X	
44	Lúcia Menezes	X	
45	Maria Oliveira	X	
46	Marianinha Sandes	X	
47	Nair Dória	X	X
48	Natália Gomes	X	
49	Natália Lemos	X	
50	Neli Menezes	X	
51	Odete Coelho Araujo	X	
52	Olga Costa	X	
53	Pequena Lemos	X	
54	Riso Bitencourt	X	X
55	Rosa Fortes	X	
56	Rosa Rodrigues	X	
57	Walquiria Cardoso	X	
58	Zilda P. Andrade	X	X
59	Zulmira Maria de Araújo	X	X
60	Adelina Esteves Alves		X
61	Ana Araújo		X
62	Adalula Azevedo		X
63	Aidé Moura		X
64	Alice Leal		X
65	Alferina Nascimento		X
66	Brigida Costa		X
67	Amélia de Oliveira Guimarães		X
68	Caçula Silveira Faro		X
69	Carmelita Prudente Paiva		X
70	Carminha Almeida		X
71	Caçula Santos		X
72	Celsa Almeida		X
73	Clarice Andrade		X
74	Corália Teixeira		X
75	Consuelo Pinto		X
76	Else Guimarães		X
77	Else Leite Nascimento		X
78	Else Lopes		X
79	Evangelina Silveira Faro		X
80	Dalva Mesquita		X
81	Ismenia Albuquerque		X
82	Josefina Almeida		X
83	Josmésia Figueiredo		X
84	Laura Silva		X
85	Lisete Mota		X
86	Lourdes Ramos		X
87	Maria Dolores Carvalho Leão		X

88	Maria Gentil Botelho		X
89	Maria José Costa		X
90	Maria Lemos dos Santos		X
91	Maria Melo Nabuco		X
92	Maria Oliveira		X
93	Maria Petronila de Gouveia e Silva		X
94	Marina Nabuco		X
95	Marita Monteiro		X
96	Nedite Lopes		X
97	Nolita Nascimento		X
98	Iracema Lemos		X
99	Ilná Santiago		X
100	Isabel Carneiro		X
101	Isabel Nabuco		X
102	Itála Silva		X
103	Maria Barbosa Pinheiro		X
104	Maria Pureza Carneiro		X
105	Onélia Silva		X
106	Olga Ramos		X
107	Pequena Mainard		X
108	Rosa V. Pinto		X
109	Rosita Teles		X
110	Rosita Lopes		X
111	Sarita Magalhães		X
112	Tunisia Dalto Teles		X

Fonte: Jornal do Século XX, de 09 de março de 1919.

Os nomes das mulheres que compuseram os quadros 9 e 10, referem-se a algumas sócias das agremiações dançantes do Recreio Clube e do Clube dos Diários, que compareceram aos bailes carnavalescos do ano de 1919. Com a montagem dos quadros foi possível quantificar o número de 135 mulheres associadas aos grêmios recreativos de dança da elite de Aracaju. Dente as que foram identificadas pelos cronistas do Jornal, 74 eram sócias do Recreio Clube e 67 eram sócias do Clube dos Diários, sendo que do total de 135 mulheres, oito eram sócias dos dois clubes.

Além dos Bailes do Recreio Clube e do Clube dos Diários, diversas outras festas dançantes aconteceram em Aracaju no ano de 1919. Os eventos dançantes que não estavam ligados aos clubes recreativos eram promovidos esporadicamente por iniciativa de grupos de indivíduos de interesse comuns, que projetavam festas dançantes em prol de instituições beneficentes. Nestas, o produto dos bailes eram revertidos para construção de igrejas, caixas escolares, construção de monumentos, dentre outros. Estas festas geralmente aconteciam em salões cedidos de prédios públicos, como o salão nobre da Biblioteca Pública, o salão do Palácio do Governo, e o salão do Palácio do Legislativo.

Na edição de 13 de abril de 1919, o Jornal do Século XX divulgou uma festa dançante promovida pela Professora de Francês da Escola Normal, Senhorita Norma Reis, cuja finalidade foi arrecadar fundos para a criação de uma caixa escolar em benefício das alunas pobres da mesma instituição de ensino em que atuava.

A festa foi caracterizada como “Um Grande Concerto” entremeado de uma parte literária. A programação musical foi desenvolvida por Ilca Vilas Boas, Silvia Ribeiro, Ilda Coelho, Mimosa Coelho, Dr. Ávila Lima, Tenente Silveira, Virgílio Soares e Ceciliano Andrade. Já a programação literária ficou a cargo do Dr. Carvalho Neto e dos Professores Artur Fortes, Hemetério de Gouveia e Alcebiades Paes.

Em 23 de novembro de 1919, o mesmo Jornal dedicou uma pequena nota para anunciar o concerto musical do domingo a ser realizado no Palacete da Biblioteca Pública, em benefício da construção da Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora. O jornal ainda informou que também haveria momentos de literatura e arte.

Na edição de 07 de dezembro de 1919, o Jornal do Século XX participou, a sociedade, um convite para “uma esplendida festa lítero-musical”, denominada “Festa das Flores” anunciando que, “além de moços intelectuais do nosso meio tomarão parte musicistas que executarão números especiais para melhor gaudio dos assistentes”. Também foi anunciado que não haveria bilhetes de entrada, devendo cada indivíduo ofertar, de livre vontade, qualquer quantia, uma vez que o resultado do festival seria revertido em prol da estátua do Sergipano Tobias Barreto. Já a condição para entrada das moças, referenciadas como “o sexo encantador” seria levar consigo além do sorriso, flores perfumadas para realçar o brilho da festa, que seria realizada no Salão da Biblioteca Pública do Estado.

Para a elite letrada de Aracaju, a intensificação das experiências de sociabilidade feminina e suas vivências culturais transcendiam os ambientes destinados às festas e os limites dos espaços formais destinados a educação das mulheres, projetando-se aos lugares criados para fomentar uma sociabilidade intelectualizada, fossem em grêmios literários, associações recreativas, salões palacianos etc. Na capital sergipana, esse fenômeno ganhou força e expressividade com a fundação do *Club Sportivo Feminino*.

5.1 OS BAILES DO *CLUB SPORTIVO FEMININO*

A primeira festa dançante promovida pelo *Club Sportivo Feminino* aconteceu em 18 de setembro de 1919, dia oficial da fundação do clube, momento no qual a sua diretoria foi solenemente empossada.

Para a reunião da posse da diretoria eleita a realizar-se no dia 18, quinta-feira, as 7 horas da noite, no salão principal do <<Clube dos Diários>>gentilmente cedido, por intermédio dos senhores almirante Amynthas Jorge e comandante Oscar Azevedo, que roga o comparecimento das associadas e suas exm^a famílias, assim como as que quiserem associar-se ao referido clube (CORREIO DE ARACAJU, 17 set. 1919, p 2).

Com acolhida e numerosa assistência, realizou-se anteontem a noite na sede do Clube dos Diários, gentilmente cedido pela sua diretoria para uma festa pela digna e prestimosa diretoria eleita para dirigir os destinos do novo clube que uma plêiade de graciosas moças de escola da sociedade aracajuana acaba de fundar nesta cidade. E dominados de grande contentamento e entusiasmo que noticiamos houver se instalado uma instituição tão proveitosa para as nossas gentis patricias. Passamos a descrever embora ligeiramente o que ocorreu na memorável festa, promissora das mais gratas esperanças para as distintas senhorinhas que tomaram em seus ombros a difícil e gloriosa tarefa de fundação de um clube de esportes para moças (CORREIO DE ARACAJU, 23 set. 1919).

A cerimônia, como prevista, teve lugar no salão do Clube dos Diários, cedido pelo seu diretor Oscar Alberto Lins de Azevedo, que por sua vez, era o organizador do *Club Sportivo Feminino*. O baile dançante do evento, assim como os demais bailes que aconteceram no Clube dos Diários, também foi regido pela Banda de música do 41º Batalhão de Caçadores. O evento contou com a presença do presidente do Estado, do Chefe do Município e representantes de diversas instituições, políticos e intelectuais do Estado, além da presença de 65 mulheres acompanhadas de suas respectivas famílias.

A abertura do ato de solenidade foi feita pelo Almirante Amintas José Jorge, idealizador da agremiação. Em seguida, o comandante dos Portos Oscar Azevedo, na posição de membro organizador da agremiação feminina, fez a leitura da ata da reunião que precedeu o ato de fundação, em 16 de setembro.

Nesta sessão houve a posse da primeira diretoria do *Club Sportivo Feminino*, e, foram anunciadas, pelos idealizadores, algumas determinações do regimento da nova sociedade feminina. Em prosseguimento ao ato, as recém-eleitas foram

conduzidas a mesa de honra, com uma salva de palmas. Neste momento Cersatina Régis, oradora do CSF proferiu o seu discurso de inauguração, que segundo a imprensa, fez termo a solenidade de posse nos cargos e “conquanto breve o seu emotivo discurso, suas palavras arrancaram da assistência os mais vivos aplausos”. Concluído o discurso da oradora, a solenidade deu lugar ao baile, ao som de valsas e tangos. Ainda sobre esse evento, os jornais não o discurso proferido por Cersatina Régis, nem mencionaram os nomes dos indivíduos presentes na festa de inauguração do clube, apenas fizeram menção ao expressivo número de mulheres presentes.

Uma semana após a festa de fundação, outra cerimônia foi realizada no Clube dos Diários, com a finalidade empossar solenemente, a Senhora Thereza Lobo, eleita presidente Honorária.

Reuniu-se em sessão especial na quinta-feira, 25, a directoria do <Club Sportivo Feminino>, a fim de receber condignamente em seu seio, dando-lhe posse, a presidente honorária, a exm^a Sr^a D. Thereza Lobo, que por motivo de força maior, obrigada foi a não comparecer, como era seu desejo, a reunião de posse realizada na quinta feira atrasada. [...]. Acompanhada dos Sr. Coronel Dr. Pereira Lobo, Dr. Álvaro Silva e Dr. Mario Bastos e de suas distintas filha e sobrinha Maria e Beatriz Lobo, deu entrada, as 19 horas e 30 minutos, no <<Clube dos Diários >>, a exm^a Sr^a D. Thereza Lobo, que recebida foi pela directoria do << Club Sportivo Feminino>> que aguardava já em companhia de outras associadas (CORREIO DE ARACAJU, 28 set. 1919, p.2).

A ausência de Thereza Lobo na festa de fundação do *Club Sportivo Feminino* causou, segundo o Correio de Aracaju, um grande pesar no ânimo das associadas e do público assistente. De certo, todos que estavam presentes no baile de inauguração acreditavam que sem o apoio da esposa do Presidente do Estado seria mais difícil alcançar o sucesso almejado para a agremiação feminina. Entretanto, o Almirante Amyntas Jorge reanimou, por meio de seu discurso, o sentimento de esperança e credibilidade no progresso do CSF, colocando os destinos da nova sociedade feminina sob a égide da sua presidente honorária.

Sabidamente escolheste para vossa presidência honorária a distinguida senhora do Exm^o Sr. Presidente do Estado, madame Pereira Lobo: ella, por certo, será um espirito saturado das elevadas ideias de seu digno esposo e amiga dessa terra, que também é sua, pelo coração e será por taes predicados, o mais legítimo amparo da ideia que vos anima, de poderes em próximos dias, em público estabelecimento municipal iniciardes vossos exercícios de patinação. Rogai-lhes pois, gentis patrícias, seja ella vosso valioso advogado junto ao Exm^o Sr.

Dr. Intendente, para que seja efectivado o campo de patinação que projeta construí, pois assim ligará seu honrado nome a mais este palpitante melhoramento, de que necessita nossa prospera capital (CORREIO DE ARACAJU, 24 set. 1919, p 2).

A presença do presidente do Estado ao baile de inauguração do *Club Sportivo Feminino* foi uma afirmativa solene, de que a ideia da fundação daquela agremiação feminina foi acolhida por ele com viva simpatia, fato comprovado, haja vista ter representado sua esposa na reunião de eleição da diretoria, na qual também foram definidos alguns parâmetros de encaminhamento do clube.

Com tudo isso, o almirante Amyntas Jorge manifestou em seu discurso o seu entusiasmo com a valiosa contribuição que o Presidente do Estado daria para o avanço de tal empreendimento. Embora o interesse na construção de espaços estivesse centrado nas ações que seriam desenvolvidas pela agremiação feminina, a justificativa nas palavras do almirante referenciava a necessidade de atenção aos melhoramentos na construção de estruturas destinadas ao divertimento nos espaços urbanos da capital.

O reconhecimento da importância de ter a Sr^a Tereza Lobo integrada ao quadro do *Club Sportivo Feminino*, também foi expressa nas palavras da oradora Cesartina Régis, no discurso por ela proferido na cerimônia da posse da presidente honorária:

Assinada a acta por toda a diretoria, levantou-se, com a palavra, a senhorinha Cesartina Régis, oradora do club. Com calma que lhe é peculiar, parecendo já afeita as luctas oratorias, disse ella que se rejubilava, bem como as suas companheiras, pela presença da Exma. Sr^a D. Thereza Lobo, porquanto se a sua falta, na sessão passada da directoria, motivada por uma causa de força maior poderia ser tomada por um acolhimento frio de sua parte, em relação ao Club que se fundava sob tão bons auspícios, para desmentir esse conceito, entretanto, achava-se ella alli confortando-as com seu valioso apoio que maior ainda se tornava com a presença do Exm^o Sr. Coronel Pereira Lobo, seu digno esposo, e de suas gentis filhas e sobrinha. Disse mais a oradora que certa estava de que o <<Club Sportivo Feminino>>, com amparo de seus dois protetores, os Srs almirante Amyntas Jorge e commandante Oscar Azevedo, que foram os seus organizadores, e o apoio que lhes dispensara a sua presidência honorária, amparada também pela sympathia manifestada pelo Exm^o Sr. Coronel dr. Pereira Lobo, devastaria todos os obstáculos que encontrasse seguindo o seu curso de triumpho em triumpho (CORREIO DE ARACAJU, 28 set. 1919, p 2).

Na mesma nota de 28 de setembro de 1919, fornecida pela diretoria ao Jornal Correio de Aracaju, a redação afirmava ainda que ia triunfando o *Club Sportivo Feminino* “bafejado por ventos bonançosos, e isso não era de causar admiração, visto

apoiado como ele se achava com o conforto da Exm^a Sr^a D. Thereza Lobo, com a sua boa vontade e a garantia do seu bem querer, que é um poder”.

A esposa do presidente do Estado, por sua vez, também havia demonstrado o seu entusiasmo pelo clube e o desejo de que houvesse uma cerimônia para a sua posse no cargo de presidente honorária. Os cronistas dos jornais relataram também que a Sr^a Thereza Lobo havia solicitado que o salão do Clube dos Diários fosse fartamente iluminado para a reunião de sua posse, pois, ela mesma havia enviado inúmeros vasos de flores para que o espaço fosse belamente ornamentado.

Na sessão especial de posse da presidente honorária, não houve baile dançante, porém, a solenidade foi apresentada em tom de festividade. Na ocasião foram servidos cafés e licores, ao som de alguns números musicais executados pelas integrantes do clube.

Após a sua fundação, diversas festas foram idealizadas com a finalidade de levantar recursos financeiros em benefício do clube. Compondo grupos específicos de comissões, as associadas organizaram piqueniques, festivais esportivos e bailes lítero-dançantes.

Dentre as festas do clube, os bailes-lítero-dançantes eram noticiados com mais frequência e pareciam causar maior entusiasmo nas associadas. Estes, quando programados, aconteciam às quintas feiras, dia da semana no qual os salões do Clube dos Diários estavam disponíveis para ceder espaço aos eventos do *Club Sportivo Feminino*, tais como festas ou reuniões de qualquer natureza.

Após a festa de fundação, as agremiadas foram incumbidas por Oscar Azevedo de organizar um baile para o dia 09 de outubro, com a intenção de dar início às arrecadações em benefício dos cofres do clube. O convite enviado por Oscar Azevedo aos jornais anunciava, que na ocasião da festa do *Club Sportivo Feminino* seriam entregues as medalhas aos vencedores da regata por ele promovida em 11 de julho, informando ainda que havia mandado confeccioná-las na Bahia, por não julgar dignas dos vencedores as que foram preparadas em Aracaju.

Desejando o Sr. Oscar Azevedo entregar as medalhas com uma certa solenidade resolveu, em acordo com o Club Sportivo Feminino, fazer uma festa, embora modesta, para a referida entrega que será na quinta-feira, 09 do corrente ano, as 08 horas da noite, no Club dos Diários a qual deverão comparecer as directorias dos clubes Sportivo do “Sergipe” e do “Cotinguiba” acompanhadas dos respectivos vencedores (CORREIO DE ARACAJU, 4 out. 1919, p 2).

Aos vencedores da regata de amanhã, quinta-feira 09 do corrente ano, no clube dos Diários as 08 horas da noite será feita a entrega das medalhas aos vencedores da regata realizada no dia 11 de junho. O Sr. Commandante Oscar Azevedo, por nosso intermédio convida os sócios do Clube dos Diários e suas exm^a famílias a abrilhantarem com suas presenças o referido acto (CORREIO DE ARACAJU, 8 out. 1919, p 2).

É possível inferir, que o comandante Oscar Azevedo estrategicamente administrava as demandas de suas atividades, estabelecendo articulações entre suas ações de dirigente do Clube dos Diários, de promotor dos programas esportivos e, de organizador do *Club Sportivo Feminino*.

Para os sócios do Clube dos Diários, Oscar Azevedo oportunizava a dinâmica da associação recreativa com a oferta de um maior número de eventos disponíveis para o divertimento de seus agremiados. Já para as diretorias dos clubes esportivos e seus respectivos atletas, cumpria com a necessidade de formalizar solenemente a premiação dos vencedores da regata. Ainda que estabelecesse o imperativo de que “deverão comparecer as directorias dos clubes Sportivos do “Sergipe” e do “Cotinguiba” acompanhadas dos respectivos vencedores” à festa promovida no Clube dos Diários, tornava essa condição instigante e desejada, ao divulgar que havia mandado confeccionar as medalhas em outro Estado, causando expectativa e curiosidade no público em relação à premiação. E, ao *Club Sportivo Feminino*, além de proporcionar a sociabilidade, possibilitou a oportunidade de arrecadar recursos financeiros para seus cofres por meio da venda dos ingressos da festa.

Na sessão do dia 29 de outubro de 1919, às 5 horas da tarde, convocada para aprovação do estatuto do clube, a presidente efetiva, Eulália Azevedo, pontuou a necessidade de promover mais festas para aumentar o pecúlio da agremiação, e, a necessidade urgente de procurar um local que lhe servisse de sede. Para tanto, expôs mais uma ideia do seu marido, Oscar Azevedo, de organizar um baile dançante para ampliar a receita do clube:

[...] fazendo a presidente sentir à assembleia que o comandante Oscar Azevedo desejava fazer uma festa denominada Festa das Rosas, em benefício do <<Club Sportivo Feminino>>, e cujos principais detalhes consistia em levar cada senhora ou senhorinha uma rosa para a festa, com a obrigação de ser seu vestuário da cor da mesma flor sua companheira. Tendo sido a ideia acolhida com geral agrado suspendeu a presidente a sessão, marcando uma reunião para a próxima quinta-feira (CORREIO DE ARACAJU, 1 nov. 1919, p 2).

Acordado e aprovado o projeto de promover a Festa das Rosas, na sessão seguinte do clube formaram-se as comissões para os seus preparativos, e como de costume, coube a Oscar Azevedo enviar os convites à imprensa e aos demais interessados.

Por mínima gentileza do ilustre Sr. Capitão de Corveta Oscar Azevedo, fomos convidados para a encantadora FESTAS DAS ROSAS que se realizará no dia 29 do fluente nos confortáveis salões do clube dos Diários. Agradecemos a delicadeza e inserimos aqui o delicado convite: < A illustre Redação do Século XX> A directoria do Club dos Diários > tem o prazer de convidar a illustre redação para a reunião familiar dançante deste mês, que realizar-se-á no dia 29 com uma festa denominada FESTA DAS ROSAS, dedicada ao < Club Sportivo Feminino>, solicitando da gentileza das senhoras e senhorinhas, o obséquio de a ella comparecer trazendo uma rosa natural ou artificial, da sua escolha e com o vestuário da mesma cor da rosa. Convicto de que, para que a reunião possa ter o brilho e realce precioso, necessário se torna a sua presença e a da sua Exma família, espero que não lhe será negado o seu concurso. Aju, 14 de novembro de 1919. Pela directoria, Oscar Azevedo- Presidente (SÉCULO XX, 23 nov. 1919, p 2).

Neste evento, mais uma vez, Oscar Azevedo fundiu a festa proposta para o *Club Sportivo Feminino*, com a programação dos bailes dançantes do Clube dos Diários. Apesar de ter sido anunciada como a reunião familiar do mês, foi dedicada ao CSF. Para garantir o sucesso do evento, reforçou o convite feito ao jornal expressando que “necessário se torna a sua presença e a da sua Exm^a família”, amplificando, dessa forma o convite para a sociedade.

Para atração da festa, foi atribuída uma configuração diferenciada, estabelecendo uma nova representação feminina no baile, ao propor a posse de uma rosa em sintonia com o vestido. O efeito da festa rendeu o comentário na edição seguinte do Jornal do Século XX, no dia 30 de novembro de 1919, de que havia sido “uma noite de sonhos reais, ontem passada no Clube dos Diários”.

Até os primeiros meses de 1920, as festas do *Club Sportivo Feminino* foram projetadas e levadas a efeito por Oscar Azevedo, e, os convites feitos à sociedade eram publicados em seu nome. As reuniões solenes e os bailes dançantes do clube tinham lugar cativo nos salões do Clube dos Diários, já as reuniões ordinárias eram realizadas na Capitania dos Portos, local onde residia o comandante Oscar Azevedo. Essa atitude de apadrinhamento de um indivíduo de notória autoridade social conferia uma atmosfera de legitimidade e distinção familiar às práticas do CSF, nas quais as mulheres da elite de Aracaju, sendo assim, podiam se envolver.

A directoria do Club Sportivo Feminino vem solicitar as suas associadas a bondade das suas presenças para a reunião que terá lugar no dia 02 de março às 5 horas da tarde na Capitania dos Portos, cuja reunião tem por fim assumptos de grande interesse e que se prendem ao progresso e adiantamento do referido club. Pela directoria, Leonor Queiroz, Primeira Secretária (CORREIO DE ARACAJU, 29 fev. 1920, p 2).

Na Capitania do Porto, residência da presidente do Club Sportivo Feminino, realizou-se no dia 02 do corrente às 17 horas, uma sessão, afim de se tratar de assumptos concernentes ao referido club. A directoria de sports, tomando a palavra, declarou que ia recommençar os exercícios de remo, para aquelas que neles quisessem tomar parte, pelo que havendo acquiescencia da maioria das sócias presentes, ficaram marcados para a próxima semana os referidos exercícios. Outros assumptos de importância para o club, com especialidade sobre a necessidade de sua sede, foram tratados, depois do que foi encerrada a sessão, tendo sido proposta e aceitas mais duas sócias, as senhorinhas Christina Pinto e Solita Magalhães para fazerem parte do quadro social do referido Club (CORREIO DE ARACAJU, 6 mar. 1920, p 2).

Havia uma preocupação constante por parte do Comandante Oscar Azevedo com a aquisição de uma sede para a *Club Sportivo Feminino*, pois, o mesmo já havia previsto uma transferência das suas atividades na Capitania dos Portos em Sergipe para outro Estado, e conseqüentemente, o seu desligamento da administração do Clube dos Diários e das entidades esportivas de Aracaju. As convocações para as reuniões pontuavam que a pauta era de “assumptos de grande interesse e que se prendem ao progresso e adiantamento do referido club.” E ainda “assumptos de importância para o club, com especialidade sobre a necessidade de sua sede, foram tratados”. Era visível a preocupação das moças com a continuidade das práticas desenvolvidas no clube. O entusiasmo com a retomada das atividades esportivas e a adesão de novas associadas era uma confirmação do desejo de prosperidade da agremiação.

No final do ano de 1920, a diretoria do Club já demonstrava autonomia para publicar as chamadas para os seus eventos. O nome de Oscar Azevedo não aparecia nas sessões que tratam do andamento do Clube, e sua esposa, Eulália Azevedo também não compôs mais o quadro dirigente da agremiação.

Com sede própria, localizada à Rua Propriá, adquirida em meados do ano de 1920, a diretoria do clube passou a convocar as reuniões com mais frequência e em dias alternados na semana. As sessões de assembleias e as festas do clube

passaram a acontecer aos domingos, no salão da própria sede do clube. Além das reuniões administrativas, dos festivais esportivos e dos bailes, o clube agregou outras atividades. As práticas esportivas passaram a ser desenvolvidas com mais frequência, ampliando a oferta de diversos exercícios; foi instalada na sede do clube uma biblioteca, oportunizando a prática da leitura e produção literária no ambiente da agremiação.

Por entre flores, sorrisos e effusivas alegrias, correu, no Domingo passado, a Priz Wide realizada no esperançoso grêmio feminino de nossa capital. Às 15 horas daquelle dia, com um comparecimento bem regular de distinctas associadas, tiveram início as íntimas diversões constantes no monólogo, declamações de belos versos, danças, discursos e mil outros attrahentes passatempos. Incontestavelmente não são poucos os proventos que resultarão da íntima convivência e rodagem que irá assim se estabelecendo entre o nosso elegante mundo feminino tão retrahido e [palavra ilegível], de modo a continuar sem desfalecimento tão necessárias reuniões. Na de que nos ocupamos, declamação das senhorinhas Normas Reis, Esther Aranha, Marina Jorge, Laura Silva, Coralia Calazans e Leonor Peixoto. Bellos e humorísticos monólogos foram ditos com fina verve pelas senhorinhas Coralia Calazans e Esther Aranha, e na hora do chá, em bem lançado improviso, falou a vice-presidente e senhorinha Norma Reis, congratulando-se com suas amiguinhas pela effectivação daquelle festa íntima, cujo principal escopo era estabelecer, entre as associadas do <<Club Sportivo Feminino>> melhor entendimento e camaradagem. Secundou-a, em elaborado e humanístico discurso, a bibliothecaria, senhorita Marina Jorge, incitando suas jovens associadas a prosseguirem no grande empenho que a todas anima, de levarem avante os gloriosos dias da glacial associação que é o << Club Sportivo Feminino>> (CORREIO DE ARACAJU, 23 ago. 1921, p 2).

A festa, que aconteceu numa tarde do domingo, 21 de agosto de 1921, foi uma reunião íntima das agremiadas do clube, sem convidados, sem a presença masculina e sem disponibilidade de ingressos para acesso ao público externo. Na fala das agremiadas, a afirmação da finalidade daquela festa: “cujo principal escopo era estabelecer, entre as associadas do <<Club Sportivo Feminino>> melhor entendimento e camaradagem”. Com isso, o grupo procurava se fortalecer.

Na mesma linha, outra fala também expressou o desejo e o entusiasmo de uma das sócias com o desenvolvimento do clube, elaborando um discurso que motivava as demais moças ali presentes a investirem na continuidade do progresso do clube: “senhorita Marina Jorge, incitando suas jovens associadas a prosseguirem no grande empenho que a todas anima, de levarem avante os gloriosos dias da glacial associação que é o <<Club Sportivo Feminino>>”.

O clube estava na eminência de uma nova eleição para sua diretoria, que sempre ocorria em setembro, mês da sua fundação, que marcava o início e o fim do ano social do clube e desta vez, elas não teriam mais o reforço da influência do capital social do comandante Oscar Azevedo. Sendo assim, estavam conscientes de que, caso desejassem dar prosseguimento a manutenção do clube, precisariam carregar em seus ombros a tarefa de manter ativa aquela agremiação recreativa.

A festa que prosseguiu a “Pris Wide” do dia 21 de agosto de 1921, foi a matine dançante do dia 18 de setembro de 1921, realizada às 12 horas na sede do clube, comemorando a posse da sua nova diretoria. Fato que comprovava o quanto elas estavam seguras e decididas a impulsionar o andamento do clube. A tática foi imprimir aquela sociedade os elementos característicos das práticas femininas que as mulheres já desenvolviam. Assim, estas, passaram a representar as suas experiências de formação escolar.

Almeida (2004) mostrou algumas formas de expressividades artísticas que as ex-normalistas desenvolviam na escola. Ao fazerem uso do tempo extracurricular, as estudantes representavam às práticas culturais de instituições de caráter intelectual. Atribuía-se às reuniões nome como “Academia Estudantil de Letras”, com o intuito de equiparar suas atividades, às de intelectuais pertencentes às “Academias de Letras”.

O porão não funcionava apenas como um esconderijo, mas também servia, principalmente, como sede de concentração das normalistas. As alunas faziam desse espaço um ambiente íntimo e fértil, onde se recolhiam para repassar os estudos, concluir os exercícios atrasados, desenvolver práticas de escritas extracurriculares, encenar teatro, fazer declamações e recitações, brincadeiras, jogos, adaptar letras e melodias musicais para compor modinhas, distrair-se em sonhos juvenis e outras iniciativas que expressavam resistência à ordem escolar estabelecida (ALMEIDA, 2004, p. 47).

O ambiente que as moças viviam na escola configurava-se como espaço de fomento das competências e habilidades, que experienciavam nas aulas de música, literatura, línguas estrangeiras. Se criava em torno das suas práticas um cenário que materializava o imaginário do avanço da mulher no mundo cultural, artístico e intelectual, rumo a modernidade e as conquistas femininas pela inteligência.

Ao transporem as suas experiências vividas na escola para a sociedade esportiva, demonstravam, através da autonomia e segurança com que estabeleciam os novos parâmetros do clube, o quanto elas eram emancipadas.

E foi assim, nessa linha, que prosseguiram as atividades do clube. Os bailes adotaram uma nova configuração, oportunizando não só a sociabilidade por meio das danças e das confraternizações, mas principalmente criando espaço para a expressão intelectual daquelas mulheres. As festas passaram a ser identificadas como “festa lítero-dançante”, “baile lítero-dançante”, “Soirée lítero-musical”, “saraus do clube feminino”, “*Pris Wide*”, “retretas”, e uma diversidade de outros nomes que caracterizavam as festas como um ato intelectual. Nelas eram entoados diversos ritmos musicais que variavam dos clássicos aos modernos, os momentos de dança eram intercalados com recitais literários, dramatizações de peças, apresentações de números musicais, dentre outras representações das produções artísticas e culturais que expressavam as marcas da formação daquelas mulheres.

Uma festa brilhante. O victorioso Club Sportivo Feminino levará a efeito, amanha a noite no salão superior da bilbliotheca pública, com uma esplendida festa lítero-dançante musical, cujo preço do ingresso é diminutíssimo. Tomarão parte os seguintes intellectuais e artistas, todos de escola aracajuana: Dr. Edison Ribeiro, Dr. Álvaro Silva, Godofredo Diniz, acadêmico Clodomir Silva²⁴, professor Artur Fortes, Candoca Jorge, Dr. Porto Carrero, Laura Fernandes, Laura Rocha e Joaquim Fernandes... (CORREIO DE ARACAJU, 30 nov. 1923, p 2).

O *Club Sportivo* Feminino configurou-se não apenas como um espaço para práticas esportivas e bailes dançantes, mas fundamentalmente como um lugar propício e legítimo para fomentar a sociabilidade por um viés recreativo e intelectual. Para melhor compreender o significado dos espaços e os sentidos destinados aos lugares, Viñao Frago e Escolano (1998), nos esclarecem que a construção destes é dotada de intencionalidades:

o espaço jamais é neutro: em vez disso, ele carrega, em sua configuração como território e lugar, signos, símbolos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre aqueles que o habitam. O espaço comunica; mostra, a quem sabe ler; o emprego que o ser humano faz dele mesmo (VIÑAO FRAGO, ESCOLANO, 1998, p. 64).

²⁴ Clodomir de Souza e Silva, nasceu em Aracaju, em 20 de fevereiro de 1892, iniciou a vida profissional como Tipógrafo, posteriormente tornou-se jornalista, fundou e redigiu vários jornais, destacando-se o Correio de Aracaju e o Sergipe Jornal, foi diretor intelectual do Almanack de Sergipe, dirigiu o Jornal O Estado de Sergipe; foi professor do Atheneu Sergipense e da Escola de Comércio;. Estudou Direito na Faculdade de Direito do Recife; na política foi eleito Deputado Estadual em duas legislaturas; foi membro da liga Sergipana Contra o analfabetismo; obreiro da Maçonaria Sergipana; foi sócio fundador da Academia Sergipana de Letras; Em favor do Club Sportivo Feminino, proferiu duas conferências nos salões da Biblioteca Pública Epiphâneo Dórea: em 22 de julho de 1922, com título Quem Non Dá Prá Fubá, e, em 14 de abril de 1923 a Conferência intitulada: Carro de Pancada. Vitimado pela febre tifo, faleceu em 4 de agosto de 1932 aos 40 anos de idade. Cf.: BARRETO (2007).

todo espaço é um lugar percebido. A percepção é um processo cultural. Por isso, não percebemos espaços, senão lugares, isso é, espaços elaborados, construídos (VIÑAO FRAGO, ESCOLANO, 1998, p. 78).

O lugar dos eventos sociais dançantes promovidos pelo *Club Sportivo Feminino* configurava-se como um espaço recreativo, mas também acadêmico. Os termos que nomeavam as festas alocavam os indivíduos em uma posição de distinção social, através da qual se reconheciam como intelectuais, artistas e indivíduos “de escola”:

Mais uma noite admirável, plena do riso feminino de nossas lindas girls e da satisfação de nossos rapazes, nos proporcionará, hoje, a *sympathica* e bem organizada agremiação que é o *Club Sportivo Feminino*. Estará, assim, hoje, sorridente de luz o vasto salão da *Bibliotheca Pública do Estado*, onde inúmeros pares voltarão, delirantes, ao som de escolhidos trechos musicais de uma bem confeccionada orchestra (SERGIPE JORNAL, 14 jun. 1924, p 2).

Da illustre directoria do *Club Sportivo Feminino*, acabamos de receber um delicado convite para o próximo sarau dançante que effectuará no próximo domingo, 19h, 26 do corrente, em comemoração ao seu aniversário de fundação. A julgar pelas anteriores, é de crer, que a próxima a ser realizada tenha grande afluência do nosso mundo social e do que Sergipe tem de mais chic (SERGIPE JORNAL, 22 set. 1925, p 2).

Nas festas pairava uma atmosfera de alegria e prazer, que impulsionava os indivíduos a embalarem o corpo ao frenesi do movimento dançante, com a tranquilidade e satisfação de estarem desfrutando de momentos de partilha cultural no universo da elite letrada de Aracaju.

Estes eventos não só agregavam, como manifestavam nos indivíduos o sentimento de pertencimento ao lugar e de acompanhamento da modernidade, refletida na percepção de usufruírem das “afluências do nosso mundo social” e do que se podia considerar como “*chic*”, moderna.

Annunciado como estava, realizou-se antehontem, no salão da *Bibliotheca Pública*, a festa lítero-musical dançante do victorioso *Club Sportivo Feminino*, a mais chic agremiação desportiva de Sergipe, cujas festas se revestem sempre ao máximo brilhantismo, parecendo, por esta razão, todas iguais. Entretanto temos a impressão de que a última foi melhor. Foi uma noite de arte, mas de verdadeira arte... (CORREIO DE ARACAJU, 2 dez. 1923, p2).

Os jornais descreviam as festas dançantes do *Club Sportivo Feminino* como eventos esplendidos, brilhantes, requintados, envoltos de certo *glamour*, demonstrando o quanto era elaborado e seletivo o ambiente, com uma programação

artística e literária digna dos intelectuais e da apreciação de uma pequena parcela da sociedade:

Porto Carrero em evidência com o seu violino conhecedor da arte de Paganini, o ilustre musicista executa magistralmente <<Doris bébe>> e qual seria a criança que não adormecesse aquelles acordes. Godofredo Diniz, com dicção eloquente e arrebatada, << entretém>> diálogo psicológico e ao mesmo tempo humorístico com uma senhorinha, prometendo a Delegacia fiscal para sede do Club Sportivo Feminino>>... quando fosse deputado. Artur Fortes, empolgante e brando, lê três esplendidas madrigaes por elle traduzidos de poeta espanhol. Leyda Régis, chistosa e satírica, faz suave e agudo comentário sobre o <<Serenó>>. Cecinha Mello, com sua arte de falar reconhecida, diz excellentes versos. Dr. Porto Carrero volta a deliciar o auditório com o seu violino mágico, tocando <<Serenata Coquette>>. Joaquim Fernandes, com voz sonoríssima, canta a canção sentimental << Povera mama>>. Clodomir Silva, o irresistível, obriga a assistência à hilaridade com a sua chronica folklorista. Candoca Jorge, sentimental e expressiva, com esplendida voz canta << Los ojos negros>>. Laura Rocha caricatura a giz Dr. Porto Carrero, senhorinha Zuzu Fernandes e Clodomir Silva. Os acompanhamentos a piano foram todos feitos impecavelmente pela senhorinha Laura Fernandes. A parte lítero-musical foi portanto, de magnífico e inexcedível êxito. Não houve ponto fraco. Seguiu-se a parte dançante. A banda de música da polícia desafiava os circulantes, e o piano de Caçula Santos estava irresistível. Havia moças e cavalheiros. Num instante, como um solo dá-se ataque cerrado expulsão formal as cadeiras, que ficam empilhados nos cantos do salão... não serviam mais. Entram em scena, substituindo aos de Euterpe, ou melhor a elles se alliando, os sacerdotes de Terpsychore, que descrevem figuras choreographicas em bellissimos evoluções. A música não lhe dá tréguas. E assim, enlaçados os pares seguem se os momentos de arte plástica, que se prolongaram até alta noite. A commissão de recepção, toda amabilidades. A directoria de salão por toda parte dava ordem e...ordens. Distincção de maneira caracterizar as gentis componentes do Club Feminino, gentis, inteligentes e formosas. Justifica-se portanto o brilhante êxito do festival de sabbado, que parecia fracassar à hora aprasada. Foi uma festa que veio confirmar brilhantemente a doiradas victorias anteriores do mais elegante Club Sportivo Feminino; dê sempre, amiúde mesmo festas como aquella para deliciar a sociedade e argumentar o número de tropheus que desde o começo vem galhardamente conquistando (CORREIO DE ARACAJU, 2 dez. 1923, p 2).

Na festa dançante do *Club Sportivo Feminino*, percebe-se que o lugar do baile ampliava-se para além da dança, e tomava uma configuração de palco de expressividades artísticas, culturais e intelectuais. Estas eram representadas de diversas maneiras, com a participação de vários personagens da sociedade local.

A ação destas pessoas se dava a partir de suas habilidades e talentos, sendo os eventos um espaço de demonstração destes. Podemos citar várias figuras que

participavam destes momentos. Laura Rocha demonstrava sua habilidade com a pintura e o desenho, caricaturando a giz os convidados da festa, enquanto outras manifestações emergiam com exibições de talentos musicais reveladas pelo canto de Joaquim Fernandes e Candoca Jorge, e pelo domínio dos instrumentos, a exemplo do Dr. Porto Carrero com o violino, e Laura Fernandes com o piano; demonstrações de domínio das letras e línguas estrangeiras de Artur Fortes; as diversas declamações de autoria própria, como a crônica folclorista de Clodomir Silva, os versos de Cecinha Melo e poesia satírica sobre “o Sereno” de Leyda Régis, a qual fazia referência em suas palavras àqueles que estavam do lado de fora, longe do calor dos bailes palacianos; além de relatos humorísticos de percepções acerca dos lugares ocupados por cada indivíduo na sociedade.

Os espaços dos eventos formavam uma configuração propícia para expressar o alcance das mulheres ao mundo da cultura, principalmente em se tratando do poder de produção literária, da capacidade de expor com clareza, lógica e elegância as produções intelectuais femininas, além das suas competências para organizar e gerenciar os eventos.

Muitos foram os ambientes pensados e bem elaborados pelas mulheres e entusiastas da emancipação feminina para promover canais possíveis de acesso das mulheres ao universo das elites culturais. O próprio *Clube Sportivo Feminino* funcionou como uma instituição que fomentava espaços que representavam o lugar de divertimento recreativo e cultural, de convivência e sociabilidade.

Tal fato é perceptível ao analisar as configurações estabelecidas nas festas dançantes organizadas pela agremiação. As festividades eram revestidas de momentos literários, com declamações de versos, poesias, contos, poemas; representações teatrais, exposição de pinturas, demonstrações de habilidades com instrumentos musicais e com o canto, dentre diversas outras habilidades artísticas, intelectuais e culturais que distanciavam as mulheres do universo doméstico.

Os eventos promovidos pelo *Clube Sportivo Feminino* eram noticiados como esplêndidas festas de cultura e arte. Os bailes lítero-musicais do clube eram abertos ao público, desde que fosse adquirido o ingresso, que embora parecesse convidativo pelo anúncio de seu preço, não era acessível a qualquer indivíduo da sociedade. Os próprios espaços onde aconteciam os bailes dançantes estabeleciam uma distinção para além do preço, pois eram sempre lugares tidos como requintados e de acesso

limitado, a exemplo dos salões dos clubes recreativos; do salão do Palácio do Governo, e do salão nobre da Biblioteca Pública.

Isto nos permite inferir o quanto o ambiente era delimitado e impunha condições de acesso, exigindo além do valor em espécie para entrada, trajes “adequados” para os bailes. Assim, embora as manchetes instigassem o convite ao desejo de pertencimento, e a possibilidade de compartilhar espaços privilegiados, nos quais estariam presentes intelectuais e indivíduos de status social, político e cultural notório, a acessibilidade era restrita a grupos minoritários da sociedade aracajuana.

Além dos bailes de caráter literário, artístico e musical, o *Club Sportivo Feminino* promovia *soirées* dançantes para recepcionar as embaixadas de times esportivos de outros Estados. Em 26 de janeiro de 1922, o Correio de Aracaju anunciava a visita da embaixada do Botafogo, informando a sociedade que seria realizado na noite daquele dia uma *soirée* dançante que o CSF estava preparando para oferecer aos *sportmens* do Botafogo. O Jornal pontuou o empenho das “gentis promotoras” em revestir com o maior brilho a festa de homenagem à visita que a cidade acabara de receber. No dia seguinte ao baile o mesmo jornal participou o relato da festa:

Esteve Magnifica a *Soirée* dançante que o <<Club Sportvo Feminino>> ofereceu hontem, no salão nobre do <<Recreio Club>>, aos *sportmens* baianos do <<Botafogo>>. Às 9 horas em ponto deram entrada os homenageados no palacete da Praça Benjamin Constant, sendo iniciada as danças que ocorreram sob o maior entusiasmo e se prolongaram até alta madrugada. A meia noite o nosso confrade Orlando Alcântara ofereceu, em eloquente discurso escrito, uma significativa lembrança do <<Botafogo>> ao <<Club Sportivo Feminino>>, cuja oradora Cesartina Régis apresentou agradecimentos pela Directoria em feliz improviso. No discurso de despedida, a embaixada do <Botafogo>> faz agradecimentos à Liga, na Figura do Dr. Alcebiades Paes e a família Sergipana, encarnada no Club Sportivo Feminino (CORREIO DE ARACAJU, 28 jan. 1922, p 2).

A delegação baiana do Botafogo *Sport Club* havia sido convidada pela Liga Desportiva Sergipana para participar da Festa Atlética, promovida pela Liga, em 26 de janeiro de 1922, realizada no Campo Adolpho Rollemberg. Conforme o programa da festa, publicado pelo Correio de Aracaju, é possível inferir que as agremiadas do *Club Sportivo Feminino* compareceram ao evento, haja vista que uma das provas foi dedicada ao CSF, entretanto, diante da leitura do programa anunciado, não há indícios da participação das mulheres na execução de provas esportivas:

1ª PARTE – Às 14 horas – Salto a distância dedicado ao Dr. Alcebiades Paes. Inscritos: Dias Lima, Theotonio (ferrugem), Muniz (manteiga), Durval, Jardelino (Lancha).

2ª PARTE – Às 14:15 horas – Corrida de velocidade, dedicada aos Irmãos Bessa. Inscritos: Mica, Josias, Lolo Marcos, Chião e Armindo.

3ª PARTE – as 14:30 horas – Corrida de resistência, dedicado ao <<Botafogo Sport Club>> - Premio: uma artística medalha de prata. Inscritos: Garcia, Pedro, Rodrigues, Ariry e Mica.

4ª PARTE – Às 14:45 horas – Salto de Vara – Dedicado ao << Club Sportivo Sergipe>>. Inscritos: Baby, Sant’Anna, Garcia, Victor e Orlando Nunes.

5ª PARTE - AS 15 horas – Lançamento de Peso à distância – dedicado ao << Cotinguiba Sport Club>> . Inscritos: Dias Lima, Ferrugem, Júlio Rego, Basílio e Lago.

6ª PARTE - às 15:15 horas – Corrida de Gravata- dedicado ao <<Club Sportivo Feminino>>. (Faz parte desse número emocionante o *sportmen* Reynaldo Mattos, que pesa 155 kilos. Inscritos: Thomás Machado, Lacerdinha (anão), Reynaldo (grosso), Reynaldo (careca), Valdomiro (piguinou), Antonio Bessa e Burgos.

7ª PARTE – Às 15:30 horas – Cabo de Guerra – Dedicado ao Dr. Chermont.

Tomam parte os <<teams>> dos clubs <<Cotinguiba >>, <<Sergipe>> e <<Botafogo>>.

8ª PARTE – Às 15:45 horas – Salto em Altura – Dedicado ao Dr. Gentil Tavares. Inscritos Nelito, Martins, Baby, Jayme e Garcia.

9ª PARTE – Às 16 horas – sensacional partida de *football* entre os valentes conjuctos do <<Cotinguiba>> e <<Sergipe>>, dedicada ao Dr. Talles Ferraz. Premio: um artístico bronze (CORREIO DE ARACAJU, 26 jan. 1922, p 2).

A Festa Atlética que se realizou no Adolpho Rollemberg fora um evento dedicado ao comércio e ao povo sergipano. O evento foi realizado em dois dias, com disputas de atividades atléticas e de futebol, entre os times Cotinguiba, Sergipe, Botafogo e o time anunciado como “Combinado”, composto por representantes do comércio. Não encontramos nenhuma referência de que os indivíduos, representantes do comércio e do povo sergipano tenham comparecido ao baile organizado pelo *Club Sportivo Feminino*, na noite que homenageava a passagem da embaixada baiana em Aracaju. O Baile de 28 de janeiro de 1922 não celebrava a participação das mulheres na festa atlética, mas, o desejo dos dirigentes dos clubes de elite de solenizar o evento esportivo da Liga, cujos protagonistas eram indivíduos do público masculino.

O *Club Sportivo Feminino* surgiu sob a idealização e proteção de homens de importância notória na sociedade aracajuana. No ano da criação da sociedade feminina, os seus promotores, almirante Amintas Jorge e Oscar Azevedo além de serem os representantes superiores da Força da Marinha Nacional em Sergipe, presidiam respectivamente a Liga Desportiva Sergipana e o *Contiguiba Sport Club*, e,

o Sergipe *Sport Club* e o Clube dos Diários. Com o afastamento destes indivíduos do cenário esportivo, o *Club Sportivo Feminino* traçou suas estratégias para administrar e prosperar a vida da agremiação feminina. Uma delas foi estreitar os laços com as novas diretorias destas instituições, mantendo assim relações de interdependência, tanto por motivos econômicos, como políticos e sociais, com as diretorias dos grêmios masculinos, que por sua vez eram constituídos por seus pais, maridos, e, por conhecidos, entusiastas do desenvolvimento das práticas femininas.

Transcendendo as estratégias, seguia o *Club Sportivo Feminino* impulsionando suas atividades. Após a festa oferecida à comitiva do Botafogo, o grêmio permaneceu cinco meses em inatividade, retomando as festas dançantes no mês de julho de 1922, com a organização de três bailes. O primeiro daquele mês foi uma *matinée* realizada no dia 09, no salão da sua própria sede.

No próximo Domingo, 09 do corrente, a apreciada associação feminina, que tem sua sede à Rua Propriá, dará mais uma festa as suas associadas e convidados, cumprindo destarte, o seu programa de tudo fazer pelo regozijo dos que pertencem ao seu grêmio. A festa que constará de *matinée*, contos e várias diversões, estamos certos, não desmerecerá em brilho e concorrência as outras que se tem realizado na sede do Club Sportivo Feminino, a julgar pelo interesse e atividade que estão desenvolvendo as suas encarregadas. Que assim seja, para gaudio da sympatica associação que vae entre nós (palavra ilegível – talvez: grangeando) cada dia mais o firmado conceito. Para melhor ordem da festa foram organizadas as seguintes comissões: Comissão de Recepção: Walkiria Cardoso, Jesuína Coelho e Eunice Faro; Direção de Salão: Cesartina Régis; Copa: Annita Lucas, Ismenia Assis, Leonisia Fortes e Lizethe Carvalho (CORREIO DE ARACAJU, 6 jul. 1922, p 2).

As festas dançantes que o *Club Sportivo Feminino* promovia em sua sede, eram realizadas nas tardes dos domingos, anunciadas como *matinées* dançantes, pois o seu salão não dispunha de estrutura de iluminação necessária para promover bailes noturnos, assim, quando a agremiação programava eventos no período da noite, o faziam nos salões de outras instituições.

Após esta *matinée*, o baile seguinte foi denominado de “*Soirée de Inverno*”, realizado na Biblioteca Pública Epifânio Dórea, no dia 22 de julho de 1922.

Uma noite elegante de arte e beleza, será a de sábado, 22 do corrente, no Salão Nobre de Conferências da Biblioteca Pública. Assim prometeram o fino gosto artístico e a excellência da escolha dos elementos componentes que presidiram a organização do programa. Literatura de fino lavor, trechos de música clássica, flores, perfume, graça, poesia disputar-se-ão na *soirée de inverno*, cada qual o lugar

de primazia. E assim, como uma noite passada ao perfume do belo sexo, ao rythmo de violinos e cascatear de alexandrinos sonoros, que o << Club Sportivo Feminino>> pretende realizar sábado mais um festival aristocrático com a comparecencia do nosso grande mundo social. Na parte da música tomarão parte os diletantes senhorinha Leyda Régis (bandolim), Pancrácio Rocha (Violino), Professora Norma Reis (piano) e José Olino (violino), sob a batuta do maestro Domicio Fraga na execução dos seguintes trechos escolhidos: <<Adieu>>, <<Je Pais>>, << Simple Aven>>, <<La Serenata>> de Braga, <<Romanza>> de Braga. O sympathico <<Jornal Fallado>> será lido em número escolhido, variado pelos seus redactores: Professor Alcebiades Paes, professor Hemetério Gouveia, Professor Arthur Fortes, acadêmico Misael Cardoso, acadêmico Carlos Fortes, Professor Clodomir Silva, que se fará ouvir na parte humorística do <<jornal>>. A terceira parte constará de animadas danças, telegramas, chás, sortes, cotillon, e outros divertimentos. Depois de amanhã começara a distribuição de bilhetes, aquelles que não receberem poderão adquiri-los na porta do pavimento superior da Biblioteca Superior, no Sábado, das cinco horas em diante. Tocará durante a Soirée a Banda do Batalhão Policial (CORREIO DE ARACAJU, 20 jul. 1922, p 2).

A terceira festa do mês de julho foi mais uma solenidade de recepção. Desta vez os homenageados eram a guarnição do Destroyer Mato Grosso e a embaixada penedense. A redação do Correio de Aracaju dedicou extensas notas para anunciar os dois grandes eventos que animaram a cidade: a visita da guarnição da Marinha Brasileira em Aracaju e, o *match* interestadual Sergipe – Alagoas.

Segundo o Correio de Aracaju de 22 de julho de 1922, naquele mesmo dia pela manhã, chegaria ao estuário do Rio Sergipe o casco da Armada Nacional, para cumprir em Aracaju a missão de fiscalização de faróis que vinha fazendo em toda a Costa do Brasil. De acordo com o Correio de 23 de julho de 1922, era a terceira vez que um elemento da Força Naval entrava no Porto de Sergipe. Na ocasião o Comandante da Capitania dos Portos de Aracaju Pinto Rocha, saudou com a oficialidade da Guarda Naval de Sergipe a Guarnição da Marinha Brasileira, aportado com o Destroyer Mato Grosso. Na edição de 27 de julho, o mesmo jornal anunciava a *soirée* íntima, patrocinada pela diretoria e sócias do *Club Sportivo Feminino* e oferecida a oficialidade do Destroyer Mato Grosso. O baile realizou-se no Recreio *Club* às 19 horas do dia 29 de julho de 1922.

A redação do Correio de Aracaju de 01 de agosto de 1922 registrou em sua redação, com o título: “A festa do Club Sportivo Feminino é oficialidade do Mato Grosso”, o seletto público que prestigiou a festa íntima promovida pela agremiação feminina:

Com afluência notável de convidados, effectuou-se no sábado último, com grande fastígio a *soirée* que sob os auspícios do <<Club Sportivo Feminino>>, foi oferecida a ilustre officialidade do *destroyer*<<Mato Grosso>>. Concorreu a festa a elite de nossa sociedade, compareceu a festa o Sr. Exm^o. Coronel Pereira Lobo e sua Exm^a família. Dr. Álvaro Silva, Secretário Geral; Gervásio Prata, Chefe da Segurança Pública; Dr. Antônio Baptista Bittencourt, intendente da Capital; Coronel Arthur Batista Ribeiro, Inspetor da Alfandega; Tenente Coronel Heliodoro Sodré, Commandante do 28^o de caçadores e mais pessoas de elevada categoria que nos fora difícil enumerar. Estiveram presentes os distintos membros da embaixada do <<C. S Penedense>>, dando com o seu comparecimento maior brilho à esplendida festa. Perto das onze horas, os bravos oficiais foram saudados, em nome da directoria do Club homenageante pela Dra. Cesartina Régis, que lhes dirigiu eloquente e expressiva elocução. O Sr. Commandante Cordeiro Guerra agradeceu com frases breves e cheias de carinho, contente por ter vindo a Sergipe, a que se sentia preso pelos laços da amizade originada nas preciosas relações que aqui entreteve quando no comando da Escola de Aprendizes Marinheiros. Enquanto isto as danças seguiam-se sem interrupção, prolongando-se até quatro horas. Quando os convidados retiraram-se visivelmente satisfeitos (CORREIO DE ARACAJU, 1 ago. 1922, p 2).

Também desfrutou deste Baile, a embaixada do *Sport Club* Penedense, que havia se deslocado a Sergipe, por convite da Liga Desportiva Sergipana, para disputar três *matches* de futebol, nos dias 29 e 30 de julho e dia 1^o de agosto de 1922, com os clubes Sergipe, Cotinguiba e *Scratch* Sergipano. A comissão de recepção da delegação foi formada pelas diretorias dos clubes filiados a Liga, pelo Dr. Alcebiades Paes e pela directoria e sócias do CSF:

Desde as 15 horas notava-se desusado movimento na gare da <<Companhia Ferro-Viária>>, vendo-se no salão de espera grande número de gentis senhorinhas, que aguardavam com ansiedade a chegada do trem. Alguns minutos depois das 16 horas os sportmens penedense pisavam solo aracajuano, sendo recebidos por calorosa salva de palmas. Conduzidos para o salão de espera, usou da palavra o sportmen Godofredo Diniz, Vice-presidente da Liga, que saudou os visitantes em nome da Liga, dos clubs e do povo sergipano. As suas últimas palavras foram abafadas por uma salva de palmas. Em seguida a graciosa senhorinha Eurydice Assis, filha do advogado Antônio Xavier de Assis, produziu belo discurso de saudação, emocionando fundamente a enorme assistência que ali se encontrava. Usou então da palavra o sportman Edison de Cavalcante, secretário da embaixada, que terminou erguendo vivas ao povo sergipano. Dahi precedidos da banda do Batalhão policial, dirigiram-se para o Hotel Internacional onde se acham hospedados. O Dr. Alfredo Leahy, presidente da embaixada chegara hoje nesta capital (CORREIO DE ARACAJU, 28 jul. 1922, p 2).

No mês de agosto do ano de 1922 foi programado outro baile noturno, para o dia 27, a ser realizado na própria sede do *Club*, entretanto, a estrutura elétrica do prédio não havia sido concluída em tempo adequado para a efetivação da festa. Devido a este fato, o baile foi substituído por uma *matinée*:

Como estava anunciado, infelizmente, por motivo superiores, não se realizará a *Soirée* que o Club Sportivo Feminino>> pretendia realizar hoje na sua sede recreativa, pelo fato de não se achar prompta, a última hora a instalação de energia elétrica para a iluminação dos seus salões. Assim, sendo esse o motivo de força maior, a Directoria resolveu efectuar uma elegante *matinée*, em substituição ao Sarau que ia realizar as 8h da noite. Começará as 13 horas em ponto e prevalecerão para o ingresso os mesmos convites distribuídos para a *soirée*. Comissão de recepção: senhorinha Corália Calazans, Lizeth Carvalho, Walkiria Cardoso, Luiza Paes; Diretoras de salão: Eunice Faro e d. Luiza Paranhos; Ornamentação: senhorinha caçula Faro, Cesartina Régis, Hilda Aranha e Maria da Conceição Melo. Mais uma vez agradecemos a gentileza do convite, desejamos às mocinhas do <<Club Feminino>> o êxito franco e merecido que sempre coroa seus animados e concorridos festivais (CORREIO DE ARACAJU, 27 ago. 1922, p 2).

Em 18 de setembro de 1922, às 19 horas, o *Club Sportivo Feminino* realizou o primeiro baile noturno em sua sede. No mesmo evento foi empossada sua nova diretoria, para reger o ano social de 1922 à de 1923.

Como já anunciamos, realizar-se-a amanhã no <<Club Sportivo Feminino>> o primeiro baile que aquela associação realiza no seu prédio, pois, já se acham concluídos os trabalhos da instalação de energia para iluminar seus salões. A reunião de amanhã, escusado é adiantar, será mais um eixo que coroará o nome e a tradição daquele club, onde um grupo de senhorinhas, parte integrantes do mais fino escól desta capital procura quebrar a monotonia desta cidade, realizando de espaço a espaço, uma reunião elegante, harmonizando assim a graça e o perfume, a elegância e a cordialidade. O motivo do baile de amanhã é a solenidade de posse da nova directoria eleita. Usará da palavra a oradora do club Dr^a Cesartina Régis. A solenidade começará as 7 horas em ponto. Iniciando-se depois as danças. Para descanso dos convidados e boa ordem do programa da festa, haverá dois intervalos, preenchidos por contillons e recitativos. O serviço de *buffet* a cargo de associadas está como sempre organizado a capricho. Para a ornamentação de salão foram designadas as sócias: Ester Aranha, Jandyra Batalha, Iracema Assis e Caçula Faro. Par receberem os convidados, as senhoritas: Miracy Sodré, Laura Amazonas, Nolita Nascimento e Heydée Amor Divino. Servirá como diretora das Danças a senhorita Corália Calazans. A nova directoria eleita é a seguinte: Presidente: Luiza Correia Paes; Vice- presidente, D. Consuelo Menezes Paes; 1^a Secretária, Walkiria Cardoso; 2^a Secretária Liseth Carvalho; 1^a Tesoureira, Laura Silva, 2^a Tesoureira, Corália Calazans; Diretora de sports, Jesuina Coelho; oradora,

Cesartina Régis; suplente, Eunice Faro; Bibliotecária, Hilda Aranha; comissão de contas: D. Antonia Menezes, senhorinha Evangelina Faro, D. Luiza Paranhos. Desejo sucesso a festa dançante das senhorinhas do Club Sportivo Feminino. Agradecemos o convite que nos enviaram (CORREIO DE ARACAJU, 17 set. 1922, p 2).

No mesmo mês de setembro de 1922, no dia 29, foi publicada no Correio de Aracaju a realização de uma segunda eleição para constituir o cargo de primeira secretária que se encontrava vago, devido ao fato da agremiada Walkiria Cardoso ter pedido a demissão do cargo para o qual havia sido eleita, solicitando ainda a sua eliminação da condição de sócia do clube. Em uma sessão extraordinária foi empossada a senhorita Corália Calazans.

Ao assumir a diretoria do clube, a agremiadas eleitas promoveram, em 10 de novembro de 1922, o primeiro baile da sua gestão. Após este, só conseguimos encontrar notícias de festas dançantes no ano social seguinte, correspondente ao ano de 1923 a 1924, neste baile, solenizaram a nova diretoria empossada em 22 de setembro de 1923. A este se seguiram os bailes de 24 de outubro de 1923, que comemorava a Festa Esportiva promovida pelo *Club Sportivo Feminino* no *Ground Adolpho Rollemberg* e o de 01 de dezembro de 1923, caracterizado como lítero-dançante musical.

No ano de 1924 só foi possível localizar algumas edições do periódico Sergipe Jornal. Nestes foram encontradas notas restritas as chamadas para Assembleia Geral e anúncios dos bailes do *Club Sportivo Feminino*, nas seguintes datas: 14 de junho de 1924, 17 de junho de 1924, 07 de julho de 1924, 11 de julho de 1924, 02 de setembro de 1924, 09 de setembro de 1924, 17 de setembro de 1924, e, a última nota deste ano, de 20 de setembro anunciava que na Biblioteca Pública, naquele mesmo dia teria lugar o baile de posse da diretoria que regeria o *Club Sportivo Feminino* no ano social de setembro de 1924 a setembro de 1925.

No ano de 1925 só foi possível acessar algumas edições do Periódico Sergipe Jornal, a partir do mês de setembro. Em notas resumidas, encontramos os anúncios do baile de posse da nova diretora, nas edições de 22 e 26 de setembro de 1925, além do anúncio da promoção do festival de *Wolley-ball e Basket-ball* do *Club Sportivo Feminino* no *ground Adolpho Rollemberg*, em 16 e 18 de outubro de 1925.

Entre novembro de 1925 e maio de 1926 não constavam vestígios das práticas do *Club Sportivo Feminino* nas edições do Sergipe Jornal. A primeira nota do ano de

1926 foi publicada no dia 10 do mês de junho, informando a sociedade que a agremiação feminina daria “um novo surto de vida no mundo dos esportes”.

As directorias desta agremiação em nossa capital, desejando dar-lhes um novo surto de vida no mundo dos desportos, preparam ainda para este mês uma eloqüente festa, onde as flores humanas de nossa fina sociedade mais uma vez nos darão, por certo, momentos felizes de alegria espiritual, sendo como desejam uma festa de artes. Assim, enviamos as directoras do Club Sportivo Feminino, os nossos parabéns por mais este esforço, e da Atalaia ficamos a espera de sua realização, de que tanto vem carecendo a nossa urbe (SERGIPE JORNAL, 10 jun. 1926, p 2).

Embora o jornal tenha apontado expectativas de retomada de atividades relativas aos esportes, a festa concretizou-se em uma *matinée*, realizada nos salões do Recreio *Club*, às 13 horas. Anunciado como o Chá Dançante de Domingo, além do *buffet* e das danças, as agremiadas apresentaram, segundo o Sergipe Jornal de 25 de junho de 1926, diversos números de arte, os quais dedicavam, no decorrer das apresentações, ao Presidente do Recreio *Club*, João Canuto, e ao clube “Associação Desportiva Brasil”. Também foram divulgadas as comissões que garantiriam o sucesso da festa:

Terá efeito no próximo domingo como já havíamos noticiado a elegante festa do Club Sportivo Feminino na sede do Recreio Club. A julgar pelas comissões encarregadas do festival é de esperar tenhamos no próximo domingo agradáveis momentos de alegria. Eilas: Ornamentação – melles- Hayde Amor divino, Francisca Fernandes e Iracema Assis. Recepção – Melles – Sandalina Telles, Luiza Paes e Eurídice Assis.

Directora de salão: Melle Liseth Carvalho.

Copa- Madames Consuelo Menezes Paes, Aracy Paes Fontes e Melles Othila Cardoso Barreto e Hylde Aranha. Agradecemos o convite da sua illustre directoria (SERGIPE JORNAL, 10 jun. 1926, p 2).

No mês de agosto de 1926, o Recreio *Club* fez repercutir nas edições dos dias 06, 18 e 20 do Correio de Aracaju, que sua diretoria pretendia realizar uma encantadora festa dedicada ao *Club Sportivo* Feminino. Nas redações foram anunciados que as moças que comparecessem concorreriam ao sorteio de brindes; foi confirmado o programa musical com a Banda de música do 28º BC e pela orquestra dirigida pelo maestro Mamedes Simões. Também foi divulgada a comissão de sócios designados para Diretores de Salão, Recepção, Ornamentação e Copa, composta respectivamente por Mario Passos e Raymundo Vieira; Dr. Alcebiades Paes, Tenente

João Tavares, Dalvo Leal, Dr. Calazans Simões, João Alfredo Montes, João Aguiar, Dr. Vieira Sobral, José Lins de Carvalho e José Dias Sobral; Nelson Andrade e Elyseu Santos; e José Barbosa e Paulo Amaral.

Simplemente ruidoso e animadíssimo foi o majestoso baile que o Recreio no Sábado último dedicou ao Club Feminino. Às 20 horas, depois que os sócios e a directoria deste querido Club deram entrada no vasto salão, teve início a festa que transcorreu na maior alegria e entusiasmo como sempre acontece em todos os fatos realizados no Recreio, sendo que este excedeu a todos os outros. O Cap. Tenente Mario Diniz, em um bellissimo discurso, saudou as homenageadas, sendo oferecido pelo Presidente do Recreio um lindo bouquet de flores naturais. A oradora do Club Feminino respondeu agradecendo as provas de carinho e amizade que tem recebido da Directoria do Recreio, a cujo presidente também ofertou um lindo ramallete. [...]. O exm^o Sr. Dr. Graccho Cardoso, digníssimo presidente do Estado, esteve representado pelo Dr. Alvaro Silva, chefe da polícia. Solícita para quantos comparecerem ao festival, a directoria portou-se gentilmente, tudo enviando para que a festa corresse animada e concorridíssima ... (CORREIO DE ARACAJU, 23 ago. 1926, p 2).

Com a oferta do baile do Recreio ao *Club Sportivo Feminino* e as homenagens que lhes foram prestadas, é possível identificar as relações de interdependências estabelecidas entre os membros dos referidos grupos sociais.

O Correio de Aracaju também publicou naquela mesma edição os nomes das senhoras e moças que compareceram ao baile da noite de 21 de agosto de 1926. Embora a festa dançante tenha sido dedicada a agremiação feminina, não podemos afirmar que todos os nomes de mulheres listado pertenciam ao quadro do CSF. Entretanto, foi possível identificar os nomes de sócias que compuseram comissões e tomaram parte em atividades esportivas no clube.

QUADRO 11: MULHERES QUE COMPARECERAM AO BAILE DO RECREIO CLUB DEDICADO AO CLUB SPORTIVO FEMININO EM 21 DE AGOSTO DE 1926

	NOMES DAS SENHORAS	APARECERAM LIGADAS A DIRETORIA, COMISSÕES OU COMPOSIÇÃO DE TIMES DO CLUB SPORTIVO FEMININO EM OUTRAS EDIÇÕES DE JORNAIS
1	Madame Alcebiades Paes	X
2	Madame João Correia Paes	
3	Madame Mario Diniz Araújo	X
4	Madame Moacyr Camargo	
5	Madame Rivaldo Moreira	
	NOME DAS SENHORITAS	
8	América da Silva	
9	Ana Tavares (Anita)	X

10	Cesartina Régis	X
11	Carmem Horácio Pereira	
12	Davina Goes	
13	Deisa Sampaio	
14	Dulce Sampaio	
15	Edmeia Costa	
16	Eleonora Macedo	
17	Else Sampaio	
18	Elizabeth Costa	
19	Eunice Batalha	
20	Euridece de Assis	X
21	Francisca Fernandes	X
22	Helena Assis	X
23	Izabel Gomes	
24	Jandira Batalha	
25	Jesuina Alves	X
26	Lizeth Carvalho	X
27	Lupercia Gomes	
28	Lourdes Alves	X
29	Lucia Menezes	
30	Luiza Paes	X
31	Maria Alice Gomes	
32	Maria auxiliadora Diniz	
33	Maria Macedo Lima	
34	Mariah Costa	
35	Mariana Aguiar	
36	Marieta Carvalho	
37	Mariette Leal	
38	Marina Alves	
39	Marizete Tavares	
40	Nair Telles	X
41	Nathalia Sampaio	
42	Nicolina Carvalho	
43	Neli de Menezes	
44	Ninita Belan	
45	Nicolina Carvalho	
46	Noelia Maynard	X
47	Noemia Leal	
48	Risoleta de Lima Macedo	
49	Saudalina Telles	X
50	Silvia Rollemberg	
51	Zeneida Guedas	
52	Zeneide Aguiar	
53	Zilah Guedes	
54	Zilda Aguiar	
55	Zizi Telles	

56	Ubalda Gomes	
----	--------------	--

Fonte: Correio de Aracaju, 23 de agosto de 1926.

No mês de setembro do ano de 1926, nenhum baile foi promovido pelo *Club Sportivo Feminino*. No mês de outubro identificamos o nome de algumas associadas presentes no baile do Recreio Club.

QUADRO 12: MULHERES NA LISTA DE COMPARECIMENTO DO BAILE DO RECREIO CLUB DO MÊS OUTUBRO DE 1926

	NOMES DE MULHERES LISTADAS NO BAILE DO RECREIO CLUB, EM 04 DE OUTUBRO DE 1926	COMPARECERAM AO BAILE DEDICADO AO C.S.F EM 21 DE AGOSTO DE 1926	APARECERAM LIGADAS AO CLUB SPORTIVO FEMININO EM OUTRAS EDIÇÕES DE JORNAIS
	Anitta Tavares	X	X
	Anna Sampaio		
	Beltiz Menezes		
	Carmosa Loyola		
	Cesartina Régis	X	X
	Cecinha Sandes	X	
	Ester Lima Pereira		
	Hilda Aranha	X	
	Honorina Cardoso Lima		
	Juracy Cardoso Lima		
	Leonora de Macedo		
	Lucia Menezes		
	Luiza Paes	X	X
	Maria Campos Melo		
	Maria Lourdes Lima		
	Maria Menezes		
	Mariana Aguiar		X
	Mariete Leal		X
	Marizette Tavares		X
	Nair Telles	X	X
	Nely de Menezes		X
	Noemia Leal		X
	Ninota Bellan		
	Noelia Maynard		X
	Nolita Régis	X	
	Olindina Tavares		
	Zilda Aguiar		X
	Zenaide Aguiar		X

Fonte: Correio de Aracaju, 04 de outubro de 1926.

Em 05 de outubro de 1926 o *Recreio Club* anunciou no *Correio de Aracaju* que a diretoria daquele centro recreativo havia cedido os seus salões as agremiações *Club Sportivo Feminino* e *Associação Desportiva Brasil*, para que pudessem realizar o baile por elas programado para o dia 06 de outubro daquele mesmo ano. O escopo do baile era comemorar o festival inter-estadual entre o time do Ceará e os times cadastrados na Liga Desportiva Sergipana.

Baile de Hontem Offerecido a Nobre Embaixada Cearence Pela Associação Desportiva Brasil E Club Feminino. Era justo que depois de várias e sucessivas pelejas, os moços do selecionado cearence também tivesse momentos de prazer e alegria. E, compreendendo bem esta necessidade a associação Desportiva Brasil, ao lado das Girls do Belo club Feminino, fez abrir as portas do vasto salão do *Recreio* para um sarau, oferecido a educada embaixada cearence, ora em harmonia com os nossos corações, sentindo também vibrar a alma do nosso povo, laborioso e amigo. Como era de esperar lá estava, enchendo os salões de beleza e encanto a escol de nossa sociedade patrícia. Foi uma festa de coração, uma despedida sincera à Embaixada Desportiva do Ceará. Prolongou-se o baile por altas horas da noite, sempre animado e vibrando de exaltação. Mais um ello anexo a grande cadeia dourada e reluzente de affecto que une os dois pequeninos grande Ceará – Sergipe, finalmente, a festa de ontem (CORREIO DE ARACAJU, 7 out. 1926, p 2).

O último baile promovido pelo *Club Sportivo Feminino* a que tivemos acesso nas notas dos jornais, foi realizado em 14 de outubro de 1926, as 19 horas na sede do *Recreio Club*, caracterizado como um Sarau Lítero Dançante

Segundo gentil comunicação, que nos foi dada, gentilmente, pela comissão organizadora do festival, terá realização no dia 14 do fluente, as 19 horas, na sede do *Recreio Club*, sarau lítero musical dançante promovido pelo *Club Feminino*. Contará este musical de um programa variado, encerrado em si em três sessões: a saber: literária, musical e dançante. Dará inicio a festa a sessão literária, estando esta responsabilidade incumbida aos intellectuaes patrícios Arthur Fortes, Dr. Edison de Oliveira Ribeiro, de Cavalcante e Freitas, João Pires e a inteligente e prendada senhorinha Eurides Assis. Haverá, nesta sessão declamações de versos e leitura de prosa especialmente escripta para o momento. Seguira depois a segunda parte do programa, a sessão musical em que tomarão parte o Dr. Eleyson Cardoso (piano) e o Dr. Antônio Bragança (violino), sucedendo, por fim, a sessão de dança que se prolongará certamente até altas horas da noite. Teremos assim, consequentemente, para desenfastiar o torpo dos nossos dias quentes e enfadonhos de verão, a graça outomnal ou primaverice destes momentos de arte que se pronunciam com felicidade e brilhantismo (CORREIO DE ARACAJU, 10 out. 1926, p 2).

Após este evento encontramos os nomes de algumas agremiadas presentes na Festa Literária do Recreio Clube, realizada em 28 de dezembro de 1926. Entretanto, seus nomes já não aparecem mais atrelados ao CSF, foram mencionadas apenas como “pessoas que compareceram e contribuíram para o realce da festa.

Realizou-se hontem como era esperado, o baile que o Recreio Club ofereceu aos seus associados na sua sede, na Praça da Matriz. Comparecimento regular e distinto, orchestra a contento de todos, buffet sem nada a desejar, esteve a reunião de hontem alegre e divertida.

É de lamentar o desanimo que reinou entre os rapazes que ali estiveram e o facto de alguns cavalheiros retirarem-se com suas famílias mais ou menos a meia noite, contribuiu fatalmente para o termino do baile. Censuraremos sempre este procedimento que deprime o grau de educação da sociedade sergipana. Pois, em todos os meios civilizados as reuniões terminam as primeiras horas do dia. Queremos crer que isto não mais aconteça e que doravante tanto as reuniões do Recreio quanto as do prestigiado Club Athletico terminem alta madrugada. Em meio das danças, em meio a um ligeiro intervalo, foi feito o sorteio do brinde, cabendo a senhorita Eurides Assis. Publicamos a seguir a relação das pessoas que compareceram e contribuíram para o realce do baile. [...].

Madames: Urquizea Leal, João Passos, Aloizio Barros, João Pereira, Álvaro Silva, Francisco Bragança, Hugo Bossi e Rivaldo Moreira.

Senhoras: D. Anna Paes e D. Julia Leite da Silveira.

Senhoritas: Annita Tavares, Ernestina Dantas, Mercedes Dantas, Risoleta Dantas, Eleonora Macedo, acidália Moreira, Elsa de Oliveira, Maria Alice Gomes, Edith Bozzi, Julieta Alencar, Zilda Andrade, Josepha Mesquita, Mariese Leal, Marizette Tavares, Lourdes Rollemberg, Noelia Maynard, Julia Leite, Ligia Nunes Pereira, carmem Leal, Noemia Leal, Risoleta Macedo, Noemia Placido, Eurides Assis, Honorina Cardoso, Lupercia Gomes, Beltiz Menezes, Consuelo Alencar, Lucia de Menezes, Nolita Régis, Maria Lourdes Macedo, Nelly Menezes, Maria Menezes, Cesartina Régis, Leyda Régis, Anália Plácido, Vandete Fontes, Urolívia Cardos, Marieta Bastos, Eunice Batalha, Izabel Gomes, Luiza Paes, Nair Telles, Ninita Ballau.

Compareceu também ao festival o Coronel Manoel Correia Dantas, m d. Presidente do Estado; Dr. Luiz Cícero de Azevedo, chefe de Polícia; Coronel José Silverino, secretário do Governo; Coronel João Pereira de Oliveira, Commandante Geral da Força Pública, e grande número de associados.

A festa do Recreio de hontem assinalou, portanto, mais uma vitória nos annaes daquele querido grêmio (CORREIO DE ARACAJU, 29 dez. 1926, p 2).

QUADRO 13: MULHERES QUE COMPARECERAM AO BAILE DO RECREIO CLUB EM 29 DE DEZEMBRO DE 1926

	NOMES DAS PESSOAS LISTADAS NO BAILE DO RECREIO DE 29 DE DEZEMBRO DE 1926	COMPARECERAM AO BAILE DO RECREIO DEDICADO AO C.S.F NO DIA 21 DE AGOSTO DE 1926	APARECERAM LIGADAS AO CLUB SPORTIVO FEMININO EM OUTRAS EDIÇÕES DE JORNAIS
1	Acidália Moreira		
2	Anália Plácido		
3	Ana Tavares (Anita)	X	X
4	Beltiz Menezes		
5	Carmem Leal		
6	Cesartina Régis	X	X
7	Consuelo Alencar		
8	Edith Bozi		
9	Eleonora Macedo	X	
10	Elsa Oliveira		
11	Ernestina Dantas		
12	Eunice Batalha	X	
13	Eurydice Assis	X	X
14	Honorina Cardoso		
15	Isabel Gomes	X	
16	Julia Leite		
17	Julieta Alencar		
18	Josepha Mesquita		
19	Leyda Régis		
20	Lígia Nunes Pereira		
21	Lucia Menezes	X	
22	Luiza Paes	X	X
23	Lourdes Rollemberg		
24	Lupercia Gomes		
25	Maria Alice Gomes		
26	Maria Macedo		
27	Maria Menezes		
28	Mercedes Dantas		
29	Mariete Leal		
30	Marieta Bastos		
31	Marisette Tavares		
32	Nair Telles		X
33	Neli Menezes		
34	Ninita Bellau		
35	Noelia Maynard		X
36	Noemia Leal		
37	Noemia Plácido		
38	Risoleta Dantas		
39	Risoleta Lima Macedo		
40	Urolívia Cardoso		

41	Vandete Fontes		
42	Zilda Andrade		

Fonte: Correio de Aracaju, 29 de dezembro de 1926.

A imprensa recebia inúmeros convites para participar e, logicamente, fazer a cobertura desses eventos. O ato em si era interessado, pois, o jornal funcionava como um instrumento eficaz, legítimo e de grande poder de amplificação social, fazendo ressoar as diversas formas de manifestações femininas nesses eventos, pois as festas do *Club Sportivo Feminino* firmavam-se como momentos oportunos para expor os talentos e as criações culturais das mulheres. Com isso, em edições consecutivas, os jornais pontuavam com detalhes as configurações das festas. As manchetes acompanhavam as atividades, relatando a participação e desenvoltura, assim como as temáticas artísticas apresentadas pelos protagonistas.

Os jornais frequentemente faziam referência ao prestígio e a boa reputação das mulheres do *Club Sportivo Feminino*, pelo parentesco com homens que exerciam função de relevante importância na esfera pública. Esta foi, também, outra estratégia para levar a sua presença ao público de forma legítima, por conferir-lhes um *status* social privilegiado, fazendo parte de um universo valorizado, no qual as manchetes tiveram um papel relevante ao expor sua figura associada a um fator de distinção de classe.

Todo este cenário nos leva a perceber que dentro de um projeto de modernidade, um grupo de mulheres sergipana que pode ocupar o cenário social urbano, vivendo as atividades artísticas e culturais, de alguma forma, mesmo que ainda, durante um tempo, atrelada a figura masculina como liderança, pode construir espaços de resistência e afirmação de si, a partir da lida com práticas culturais que em sua maioria eram todas como masculinas.

A afirmação feminina, vivendo o espaço público não se deu, ao menos em Aracaju, com um abandono do lócus de segurança, o lar, mas sim, com a busca por uma nova realidade, uma efervescência que a esta altura movimentava outros lugares. Com tudo isso, partimos para nosso encerramento.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao longo desta pesquisa algumas questões emergiram como desafio, convidando-nos a refletir sobre a condição feminina e a configuração construída nos espaços de sociabilidades. Interessou-nos tratar da prática esportiva e de lazer, em um momento no qual as agremiações recreativas de Aracaju estruturavam-se para acompanhar o desenvolvimento da cultura do esporte e outras práticas de divertimento, que a modernidade oferecia no alvorecer do século XX, como um algo novo.

Reconhecemos que o esporte e o lazer são fenômenos distintos, mas que na estrutura e temporalidade do presente objeto de estudo entrelaçam-se nas ações cotidianas, e por isso foram tratados em conjunto, sabendo ainda que no recorte temporal desta pesquisa, no Brasil, lazer ainda não era um conceito estruturado, mas suas vivências já rondavam o cotidiano, sendo então práticas de diversão.

Reportamo-nos aos modos de sociabilidade feminina, primando por estudar as representações culturais e esportivas propiciadas a algumas mulheres aracajuanas, entre os anos de 1919 a 1926, como forma de acessá-las ao universo do divertimento, do lazer e do desfrute das benesses que a vida moderna poderia oferecer. Reconhecemos que tal cenário de “efervescência” envolveu personagens que foram privilegiados em seu período, tanto pelas possibilidades educacionais, como econômicas, permitindo-lhes desenvolverem práticas culturais que foram necessárias ao seu tempo.

Assim, aproximamo-nos da compreensão do que moveu uma agremiação esportiva para mulheres em um período, onde a aparição e a expressividade feminina no âmbito público era quase um mito. Percebemos que este fenômeno foi possível devido às representações construídas em torno de grupos de elites culturais. Estas representações, mediadas pelo grau de instrução que os indivíduos possuíam oportunizavam às mulheres autonomia, respeito, legitimidade e reconhecimento da condição de letradas, ainda que em forma de resistências recíprocas entre as práticas femininas e a dominação masculina.

As mulheres que tiveram acesso aos espaços de sociabilidades, criados pelos grupos de elites culturais, já se destacavam pela ocupação de outros cenários de visibilidade pública. Elas tinham acesso a literatura e estavam engajadas em diversas atividades institucionalizadas no âmbito religioso, filantrópico, educacional, artístico,

dentre outros. A dinâmica de grupos que trabalharam no sentido de oportunizar as mulheres participarem efetivamente como protagonistas dos processos sociais funcionou como uma tentativa de romper com as regularidades do cotidiano que estavam estabelecidas como lugares historicamente reservados ao gênero masculino.

A partir deste entendimento, percebemos que os bailes dançantes e os eventos esportivos, locais onde pulsavam as manifestações dos clubes recreativos em Aracaju nas primeiras décadas do século XX, funcionaram como criadores de espaços e cenários de significados, pensados e projetados para constituir momentos de lazer, divertimento, expressividade cultural e intelectual para algumas mulheres aracajuanas, sendo uma sociabilidade possível ao momento histórico e a condição feminina na sociedade local.

O uso de uma instituição feminina, no caso, um clube esportivo para mulheres, além de promover a participação em atividades com os esportes, funcionou como uma estratégia autêntica para conferir legitimidade a aparição pública em um espaço que historicamente estava reservado ao público masculino. Estando a instituição já estabelecida, reconhecida, próspera e estruturada para oferecer conforto e “*glamour*”, tornou-se uma opção de lazer almejada pela elite aracajuana.

Os espaços dos eventos tomavam uma configuração propícia para expressar o alcance das mulheres ao mundo da cultura, principalmente em se tratando do poder de produção literária, da capacidade de expor com clareza, lógica e elegância as produções intelectuais femininas. O próprio ato da escrita e a sua ressonância através dos eventos promovidos pelo *Club Sportivo Feminino* funcionaram como um canal tangível para a mulher demonstrar seu alcance à esfera do saber.

Num diálogo sobre a presença feminina nos esportes, Mazo, *et all* (2010) percebem a colaboração feminina como patrocinadora dos eventos esportivos, apontando o trabalho das mulheres nos bastidores da cena esportiva, que como visto, foi também fato comum em Aracaju:

Elisa Bins, juntamente com Olga Englert, Ana e Clotilde Christofell, Sinhá Batian, Elisa e Malvina Issler, confeccionaram e bordaram a mão a primeira bandeira do clube, como convinha a arte de então, enquanto aguardavam a chegada dos barcos vindos da Alemanha. [...], mais tarde quando chegaram foram batizados com o nome das madrinhas Elisa Bins e Olga Englert, dando origem a tradição no clube: batizar todos os barcos com o nome de suas madrinhas (p 8).

Conforme afirmam Mazo, *et all* (2010), nas ocasiões seguintes, em clima de festividade, as mulheres coroavam com seus nomes as embarcações que aportavam. Além de participarem das cerimônias de batismo, tinham marcadas presenças obrigatórias nos bailes realizados pelos clubes após as regatas. Para as autoras, este cenário refletiu a função que era delegada a mulher da época, a saber, o de moças prendadas que atuavam no lar, fazendo trabalhos artesanais e no ambiente esportivo, atuavam nos bastidores, preparando o cenário para os homens.

Se em dado momento as mulheres aracajuanas no início do século XX buscaram fazer dos bastidores o palco principal, demonstrando suas habilidades de moças prendadas, e, marcando sua presença fazendo companhia e embelezando os eventos, posteriormente e mesmo conjuntamente, elas se apropriaram das práticas esportivas e de diversão, notadamente os bailes, desenvolvidos nos clubes, para entrarem em cena.

A presença das mulheres em um clube, estrategicamente montado para elas, foi uma forma de configurar uma participação social que se afirmava pelas ações desenvolvidas no CSF, seja “ornando” práticas masculinas, seja afirmando atividades próprias. Ou seja, o clube foi um local de inserção da mulher no espaço público, uma forma de “fugir” da “prisão” do lar, um mecanismo para tentar buscar formas de convívio, diverso, do que até lhes era destinado.

Podemos considerar que no universo de um estado inteiro, foram poucas as mulheres que se aventuraram a prática do esporte e outras vivências culturais. De toda forma, é também marcante considerar que a própria busca em si deste espaço, mesmo que a partir de “acordos” com o mundo masculino pode ser tida como uma inovação, uma representação do ideário de modernidade ou mesmo, de busca deste, no caso, tentando torná-lo acessível também as mulheres.

A partir da configuração estabelecida nos espaços de sociabilidade em Aracaju, pudemos inferir que a criação de uma agremiação esportiva para mulheres não foi uma estratégia pensada para construir uma nova identidade feminina. As mulheres que acessaram o *Club Sportivo Feminino* já eram emancipadas em diversos âmbitos na sociedade, logicamente dentro das condições que o momento histórico lhes permitia. Em termos gerais podemos afirmar que o *Club Sportivo Feminino* inaugurou um novo espaço de expressão para as representações de algumas mulheres letradas, através do qual elas puderam estender suas atividades para além do que já exerciam

na escola, no trabalho, em instituições filantrópicas etc. Obviamente novas experiências se agregaram, como por exemplo, o contato com o universo esportivo.

O que se torna relevante perceber é a proximidade do tempo de contato com as experiências esportivas quase que concomitante ao contato que o público masculino as acessaram. Na projeção dos espaços urbanos de divertimento, ao menos em Aracaju, as mulheres não se atrasaram, estiveram ao lado dos homens para desfrutar das benesses da vida moderna.

O momento histórico de conversão dos modos de sociabilidade para a mulher tem sua clivagem no esforço social em legitimar o deslocamento do privado para o público, a partir da aparição e visibilidade feminina nos ambientes destinados ao esporte e ao lazer. É necessário dissolver os sentidos do que apreendemos como público e privado, não restringindo a noção de privado ao enclausuramento do lar, e determinando que é público qualquer ambiente exterior a ele.

Sobre os processos históricos de construção social que remodelam o sentido daquilo que é público e privado, Arendt (2005) assevera que

Embora a distinção entre o privado e o público coincida com a posição entre a necessidade e a liberdade, entre a futilidade e a realização e, finalmente, entre a vergonha e a honra, não é de forma alguma verdadeiro que somente o necessário, o fútil e o vergonhoso tenham o seu lugar adequado na esfera privada. O significado mais elementar das duas esferas indica que há coisas que devem ser ocultadas e outras que devem ser expostas em público para que possam adquirir alguma forma de existência. Se examinarmos essas coisas, independentemente de onde as encontramos em qualquer civilização, veremos que cada atividade humana converge para a sua localização adequada no mundo. Isto se aplica às principais atividades humanas da vida ativa – labor, trabalho e ação (ARENDR, 2005, p. 83-84).

Se pensarmos no privado como uma estrutura que funciona com princípios regulamentados, como espaço dotado de códigos e de normas, passível de obediência e de regras, de acesso restrito e condicionado a uma rede de relações e interdependências, como um espaço delimitado pelas necessidades e ao exercício de uma liberdade controlada, podemos chegar ao entendimento de que uma agremiação feminina pode configurar-se como um campo privado. Em detrimento do entendimento de que, por ser um lugar de manifestações coletivas seja percebido como público.

Embora o *Club Sportivo* Feminino se configurasse como um espaço de divertimento privado, este tinha sua expressão máxima traduzida em forma de sociabilidade, por propiciar o contato com o mundo externo, por oportunizar a

visibilidade, fomentar a exposição das práticas e até mesmo pela condição de estar acessível à crítica social. Portanto, podemos afirmar que as configurações que se estabeleciam alocavam aquilo que era privado em uma esfera pública, para que, conforme os entendimentos de Arendt pudessem adquirir alguma forma de existência.

Nesse contexto, os jornais eram um veículo importante que intermediava o público e o privado ao projetar, por meio das manchetes e notas, um imaginário social que construía uma identidade feminina e intelectual para a mulher no espaço urbano de divertimento.

Os dados reunidos através da documentação investigada nos permitem inferir que o *Club Sportivo Feminino* não deixou um legado esportivo para o desenvolvimento do esporte de mulheres em Sergipe, pois, o investimento na continuidade da prática esportiva não foi um projeto prioritário, para as moças daquele período.

As práticas desenvolvidas através do desporto funcionaram como um canal possível para a aparição pública de forma legítima. Podemos inferir que foi através da ocupação de espaços instituídos para o público feminino, que as mulheres puderam vislumbrar outras atividades possíveis nos cenários sociais, tais como exposições artísticas e literárias, propiciando, inclusive, a visibilidade feminina por um viés esportivo e cultural, representados através das configurações do lazer, na qual as mulheres puderam escolher como se ocupar de maneira que favorecesse a experiência do prazer, de uma forma legítima e socialmente aceitável.

Com tudo isso, entendemos que este estudo trata de uma realidade e de um tempo específico. Não queremos a partir daqui fazer projeções nacionais e sim entender melhor um determinado cenário, suas conjunções e construções. Fizemos isso tomando como referência um locus de sociabilidade, o CSF e suas práticas esportivas e as vivências culturais. cremos que tais compreensões podem ser alargadas com o uso de outras fontes, outros objetos e mesmo outros recortes, dando-nos a condição de novas pesquisas. Mas aí, é uma outra História.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? In.: SAVIANI, Dermeval. [et al.]. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004a.

ALMEIDA, Marlaine Lopes de. **Práticas esportivas em Aracaju no início do século**: um estudo sobre a participação da mulher. 2004 76 f.: Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Departamento de Educação Física/Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2004b.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 5ªed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARBOZA, Naide. **Em busca de imagens perdidas**: Centro Histórico de Aracaju – 100-1940. Aracaju: Fundação Cultural Cidade de Aracaju, 1992.

BARRETO, Luis Antônio. **Personalidades sergipanas**. Aracaju: Typografia Editorial, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183-200.

BOURDIEU, Pierre. Sistemas de ensino e sistemas de pensamento. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 203-229.

BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.) **Pierre Bourdieu – Escritos e Educação**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 65-70.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: Sobre a teoria da ação. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1997.

BURKE, Peter. **A escrita da História**: Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929 -1989)**: a Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BURKE, Peter. História Social dos Clubes. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 24 de fevereiro de 2002. P. 1- 4.

CARR, E. H. **O que é história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 7ª reimpressão. 1996.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. (Memória e Sociedade)

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DANTAS JÚNIOR, Hamilcar Silveira. **Esporte e espetáculo na modernidade aracajuana: os clubes esportivos como instituições educativas (1909-1918)**. Disponível em <www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8>. Acesso: 07. Jul. 2017.

DÔSSE, François. **A história em migalhas: dos annales à Nova História**. São Paulo: Editora Ensaio. 2ª reimpressão. 1994.

ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel. (Coleção: Memória e Sociedade). 1992.

ELIAS, Norbert. **Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. **Sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FRAGO, Antonio Vinão; ESCOLANO, Augustin. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX**. Campinas: Faculdade de Educação, 2003. (Tese de Doutorado).

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Pesquisando a educação feminina na passagem do século XIX para o Século XX. In: **Revista do Mestrado em Educação**, São Cristóvão: NPGED/UFS. n.4, p. 45-61, jan./jun. 2002.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989.

GÓIS JÚNIOR, E. **Os higienistas e a educação física: a história de seus ideais**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho. 2000. (Dissertação Mestrado em Educação Física).

LE GOFF, Jacques et al. **"História"**. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi,. Porto: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda. 1984, v.1.

LERMEN, Denise Maria. **A história de Cesartina Régis: uma mulher à frente de seu tempo**. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2003. (Monografia em Graduação em Comunicação social).

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na cidade: aspecto do esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados, 2001.

LUCENA, Ricardo. "Uma cidade em Vitória: notas para um estudo do esporte na cidade". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, 7., Gramado. **Anais...** Gramado: [s.n.], 2000. p. 38-44.

MATHIAS, Milena Bushatsky; RUBIO, Kátia. As práticas corporais femininas em clubes paulistas do início do século XX. In.: **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**. São Paulo. V. 24, n. 2, p.277 – 286, abril/junho 2010.

MATOS, Júlia Silveira. **Tendências e debates: da Escola dos Annales à História Nova**. Historiare: Rio Grande do Sul: Historiare, 2010. P 113 -130.

MAZO, Janice Z.; SILVA, Carolina F. da; LYRA, Vanessa B. **As mulheres no cenário do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS na transição do século XIX para o Século XX: alternativa de Lazer para elas**. Licere: Belo Horizonte, V. 13, n 3, sert/2010.

MEDINA, Ana Maria Fonseca. **Ponte do Imperador**. Aracaju: J. Andrade, 1999.

MELO, Victor Andrade. **Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro: Relume Dumará/ FAPERJ**, 2001.

MELINS, Murilo. **Aracaju romântica que vi e vivi**. 2ª ed. Rev. e Ampl. Aracaju –SE: NORGRAF, 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Baú de memórias, bastidores de história: o legado pioneiro de Armada Álvaro Alberto**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002.

NUNES, Clarice e CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Historiografia da educação e fontes”. In: **Cadernos ANPED**. Belo Horizonte. (5), 1993, p. 7-64.

OUTHWAUTE, Willian; BATTMORE, Tom; et all. **Dicionário do pensamento social do Século XX**. Editora da versão Brasileira: Renato Lessa; Wanderley Guilherme dos Santos. Tradução: Eduardo Francisco Alves; Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996, p. 235 – 236.

PEREIRA, Leonardo. O Prazer das Morenas: bailes ritmos e identidades no Rio de Janeiro da Primeira República. In: MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de. **Vida Divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

PINA, M. L. M. **A mulher na história**. Aracaju: FUNDESE, 1994.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2003.

PORTO, Fernando de Figueiredo. **Alguns nomes antigos do Aracaju**. Aracaju: J. Andrade, 2003.

PRADO, Sabrina Gottschilch do. **Imagens femininas na revista “A Cigarra” São Paulo 1915-1930**. dissertação de mestrado. PUC, São Paulo. 2004.

ROCHA JUNIOR, Coriolano P. da. **Esporte e Modernidade: uma análise comparada da experiência esportiva no Rio de Janeiro e na Bahia dos anos finais do século XIX e iniciais do século XX**. TESE (História Comparada). Programa de Pós-Graduação em História Comparada. UFRJ, 2011.

SANTOS, Nivalda Menezes. **O celibato pedagógico feminino em Sergipe nas três primeiras décadas do século XX: uma análise a partir da trajetória de Leonor Teles de Menezes**. NPGED/UFS: São Cristóvão. 2006. (Dissertação de mestrado)

SCHUMAHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital. (Orgs.). **Dicionário das mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade – biográfico e ilustrado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SILVA, Eugênia Andrade Vieira. **A formação intelectual da elite sergipana (1822-1889)**. 2006. 121 f.: Dissertação (Mestrado em Educação) - NPGED/UFS: São Cristóvão. 2006.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.) **Por uma História política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Fundação Getúlio Vargas, 1996. P. 231-269.

SIRINELLI, Jean-François. As Elites Culturais. In.: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. P 259 -278.

SOIHET, Raquel. História das Mulheres. In.: CARDOSO, CIRO Flamarion; VAINFRAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier. 2011.

TARANTO, Pascal. John Mill e a emancipação das mulheres como processo civilizatório. In: SILVA, Genildo Ferreira da. **História e Civilização**. Edufba: Salvador. 2011, p 81 - 98.

VIANA FILHO, Francisco. **A história do futebol sergipano: a história completa desde 1907 a 1960** (arquivos de Viana Filho). Aracaju: Universidade Tiradentes, 2014.

VIDAL, Diana Gonçalves; CARVALHO, Maria Pinto de. Mulheres e magistério primário: tensões, ambigüidades e deslocamentos. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lucia Spedo (Orgs.). **Brasil 500 anos: tópicos em História da Educação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 205-224.

FONTES

Periódicos

Correio de Aracaju

Diário da Manhã

Sergipe Jornal

Jornal do Século XX

Jornal do Povo, VIANA FILHO, Memória Esportiva, Aracaju, 30 de setembro a 06 de outubro de 2002.

Revistas:

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe,

Revista Sport,

Revista de Educação Física.

CENTENÁRIO do Almirante Amintas José Jorge. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, v. 19, n. 24, p. 38 – 41, 1960. Edição especial.

Mensagens

BITTENCOURT, A Baptista. **Mensagem apresentada ao Conselho Municipal de Aracaju**. Aracaju. 01 de janeiro de 1921. p. 14 – 21.

CARDOSO, Graccho. **Mensagem Presidencial**. Mensagem à Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe. Aracaju. 1926.

Outros documentos

CÓDIGO CIVIL DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071.htm . Acessado em 18 de abril de 2016, as 18:20h.

Acervos:

- Acervo particular: Família Régis.
- Acervo Particular da Professora Maria Lígia Madureira Pina
- Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
- Arquivo Público do Estado
- Biblioteca Epifânio Dórea
- Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura

APÊNDICE A

FOTOGRAFIA DO *CLUB SPORTIVO FEMININO* NO GOUND ADOLPHO ROLLEMBERG (1920).

Acervo: Lúgia Pina



APÊNDICE B

FOTOGRAFIA DE CESARTINA REGIS NA DÉCADA DE 1920.

Acervo: Família Régis



APÊNDICE C

IMAGEM AMINTHAS JOSE JORGE - ÓLEO SOBRE TELA

Acervo: IHGS

